



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**AYURVEDA NO BRASIL:
OS PRIMEIROS REGISTROS NA IMPRENSA (1987-1999)**

MÔNICA NASSER DORNELLES

**Foz do Iguaçu
2022**



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MÔNICA NASSER DORNELLES

AYURVEDA NO BRASIL: OS PRIMEIROS REGISTROS NA IMPRENSA (1987-1999)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof. Dra. Mirian Santos Ribeiro de Oliveira.

**Foz do Iguaçu
2022**

MÔNICA NASSER DORNELLES

AYURVEDA NO BRASIL: OS PRIMEIROS REGISTROS NA IMPRENSA (1987-1999)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Santos Ribeiro de Oliveira
UNILA

Profa. Dra Rosangela Silva
UNILA

Profa. Mariana Faiad B.Alves
UFSCAR

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

D713a

Dornelles, Mônica Nasser.

Ayurveda no Brasil: os primeiros registros na imprensa (1987-1999) / Mônica Nasser Dornelles. - Foz do Iguaçu, 2022.

141 fls.: il.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação em História.

Orientador: Prof. Dra. Mirian Santos Ribeiro de Oliveira.

1. Medicina integrativa. 2. Saúde holística. 3. Transnacionalismo. I. Oliveira, Mirian Santos Ribeiro de. II. Título.

CDU 61(540)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha professora orientadora não só pela constante orientação neste trabalho, mas, sobretudo pela sua amizade e ampla visão mística acolhimento e por se permitir ser um canal fundamental para a concretização dessa pesquisa.

Aos professores da banca pelas orientações acolhedoras e tão importantes.

Aos meus familiares, amigos e colegas de curso.

A todos que possibilitaram essa dissertação

“A inspiração que você procura já está dentro de você. Fique em silêncio e escute”.

RUMI

DORNELLES, Mônica Nasser. **Ayurveda no Brasil: os primeiros registros na imprensa (1987-1999)**. 2022. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

A presente pesquisa analisa os primeiros registros da Ayurveda na imprensa brasileira, entre 1987 a 1999, tendo como referência o estado do Rio de Janeiro e duas fontes primárias principais: Jornal do Brasil e revista Manchete. A dissertação examina as rotas de inserção deste sistema de práticas no Brasil, adotando perspectivas de análise da história transnacional e global que elucidam como se deu a chegada do Ayurveda à América do Norte e à América Latina e, posteriormente, em nosso país. Figuras centrais nesse processo de chegada da Ayurveda na América Latina foram os indianos Maharishi Mahesh Yogi, personagem recorrente nos periódicos pesquisados, e seu discípulo divulgador deste conhecimento, o médico ayurvédico Deepak Chopra. Destacamos o registro de uma visão, em um primeiro momento, denominada “holística” e mais adiante integrativa, o que décadas mais tarde, viria a contribuir com as chamadas Práticas Naturais Integrativas aprovadas no SUS. Importante para esse processo de reconhecimento da prática no Brasil foi o convênio firmado entre o estado de Goiás e o Ministério da Saúde com o objetivo de implantar um hospital de Ayurveda na região, em 1985. As diferentes etapas desta pesquisa permitiram compreender a Ayurveda que chegou ao Brasil como uma ciência moderna e global com forte influência da Era New Age e o movimento Contracultura.

PALAVRAS-CHAVE: Ayurveda Moderna; Fluxos entre Índia e Brasil; História Transnacional.

DORNELLES, Monica Nasser. **Ayurveda in Brazil: the first records in the press (1987-1999)**. 2022. Dissertation. Graduate Program in History. Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2022.

SUMMARY

The present research analyzes the first records of Ayurveda in the Brazilian press, between 1987 and 1999, having as reference the state of Rio de Janeiro and two main primary sources: *Jornal do Brasil* and *Manchete* magazine. The dissertation examines the routes of insertion of this system of practices in Brazil, adopting perspectives of analysis of transnational and global history that elucidate how Ayurveda arrived in North America and Latin America and, later, in our country. Central figures in this process of arrival of Ayurveda in Latin America were the Indian Maharishi Mahesh Yogi, a recurring character in the researched periodicals, and his disciple who spread this knowledge, the Ayurvedic doctor Deepak Chopra. We highlight the record of a vision, initially called “holistic” and later integrative, which decades later would contribute to the so-called Integrative Natural Practices approved by the SUS. Important for this process of recognition of the practice in Brazil was the agreement signed between the state of Goiás and the Ministry of Health with the objective of implanting an Ayurveda hospital in the region, in 1985. The different stages of this research allowed us to understand the Ayurveda that arrived to Brazil as a modern and global science with a strong influence from the New Age and the Counterculture movement.

KEYWORDS: Modern Ayurveda; Flows between India and Brazil; Transnational History.

DORNELLES, Mónica Nasser. Ayurveda en Brasil: los primeros registros en la prensa (1987-1999). 2022. Disertación. Programa de Posgrado en Historia. Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

La presente investigación presenta los primeros registros de Ayurveda en la prensa brasileña, entre 1987 y 1999, teniendo como referencia el estado de Río de Janeiro y dos fuentes primarias principales: el *Jornal do Brasil* y la revista *Manchete*. La disertación examina las rutas de inserción de este sistema de prácticas en Brasil, adoptando perspectivas de análisis de la historia transnacional y global que aclaran cómo el Ayurveda llegó a América del Norte y América Latina y, posteriormente, a nuestro país. Figuras centrales en este proceso de llegada del Ayurveda a América Latina fueron el indio Maharishi Mahesh Yogi, personaje recurrente en los periódicos investigados, y su discípulo divulgador, el médico ayurvédico Deepak Chopra. Destacamos el registro de una visión, inicialmente denominada “holística” y luego integradora, que décadas más tarde contribuiría a las llamadas Prácticas Naturales Integrativas aprobadas por el SUS. Importante para este proceso de reconocimiento de la práctica en Brasil fue el convenio firmado entre el estado de Goiás y el Ministerio de Salud con el objetivo de implantar un hospital de Ayurveda en la región, en 1985. Las diferentes etapas de esta investigación permitieron comprender el Ayurveda que llegó a Brasil como una ciencia moderna y global con una fuerte influencia de la Nueva Era y el movimiento Contracultural.

PALABRAS CLAVE: Ayurveda moderno; Flujos entre India y Brasil; Historia Transnacional.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do primeiro número da Semana Ilustrada	40
Figura 2: Notícia da morte de Adolpho Bloch.	41
Figura 3: Capa da Revista Manchete, 1992.	42
Figura 4: Matéria sobre o banho da beleza.	44
Figura 5: Matéria Gravidez de Luma de Oliveira.	45
Figura 6: Vanessa Oliveira a nova musa da moda.	48
Figura 7: Capa Juscelino Kubitschek.	49
Figura 8: Capa mencionando JK na disputa presidencial de 1989.	49
Figura 9: Capa traz a Dama de Ferro como praticante da política do corpo.	50
Figura 10: Jornal da época da vinda da família Real Portuguesa ao Brasil.	52
Figura 11: O mundo nos anos 60 retratado no Jornal do Brasil.	54
Figura 12: Mapa indicando a extensão do Império Britânico.	55
Figura 13: Ayurveda a Massagem da Vida.	59
Figura 14: Reportagem de Ayurveda a Massagem da Vida.	61
Figura 15: O Banho de Beleza de Margaret Thatcher.	62
Figura 16: Reportagem da Dama de Ferro também pratica a política do corpo.	64
Figura 17: Maitê Proença, um diamante de muitas faces.	65
Figura 18: Maitê Proença, estrela da nova novela.	66
Figura 19: Massagem ayurvedica, o toque dos deuses.	69
Figura 20: A cura pelas ervas obtém apoio institucional.	71
Figura 21: Coreano introduz saber oriental.	75
Figura 22: Bruna Lombardi entrevistando celebridades.	79
Figura 23: The Chopra Center.	80
Figura 24: Na imagem, políticos e autoridades. No centro da mesa, o então presidente do Brasil, José Sarney.	94
Figura 25: Sergio Arouca, médico sanitário e um dos líderes do movimento sanitário, presidiram a 8ª Conferência.	95
Figura 26: Zardinello, em XXVII Congresso Nacional de Secretarias Municipais de Saúde.	102
Figura 27: Altevir Zardinello e equipe no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006.	104

Figura 28: Laboratório de Plantas Medicinais no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006.....	104
Figura 29: Projeto Farmácia Viva, do Ministério da Saúde, em Rio+ 20, em 2012.	105
Figura 30: Horto de Plantas Medicinais no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006.....	106
Figura 31: Altevir Zardinello realizando palestras sobre Plantas Medicinais.	106
Figura 32: Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO.....	107
Figura 33: Laboratório de Plantas Medicinais no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006. Arquivo pessoal de Altevir Zardinello.	108
Figura 34: Horto de Plantas Medicinais no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006. Arquivo pessoal de Altevir Zardinello.	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. AYURVEDA: DEFINIÇÃO E UM BREVE HISTÓRICO.....	16
1.1 AYURVEDA MODERNA E GLOBAL.....	23
1.1.1 História Global e Transnacional	33
2. CONSTRUINDO E CONTEXTUALIZANDO OS IMPRESSOS COMO DOCUMENTO HISTÓRICO.....	40
2.1 FONTE DOCUMENTAL	42
2.1.1 Revista Manchete	51
2.1.2 Jornal do Brasil.....	63
2.2 ANÁLISE DAS FONTES.....	67
2.3 CRONOLOGIA COM OS PERIÓDICOS.....	100
3. AYURVEDA E PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE..	93
3.1 AS PICs - PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES	98
3.2 A POLÍTICA NACIONAL DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES E O USO DA PLANTAS MEDICINAIS.....	100
3.3 CENTRO ESTADUAL DE REFERÊNCIA EM MEDICINA INTEGRATIVA E COMPLEMENTAR E A AYURVEDA HOJE NO BRASIL HOSPITAL DE GOIÂNIAHOSPITAL DE MEDICINA ALTERNATIVA	110
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	119

1. INTRODUÇÃO

“Ayurveda é para todos porque onde quer que haja vida, há ayurveda”

Vasant Lad.

O presente trabalho parte do estudo da história da Ayurveda na Índia, sua pluralidade, seu carácter transnacional e mais especificamente a chegada à América Latina. Destaca-se o Brasil, passando pela Europa e EUA. Foram pesquisadas fontes impressas encontradas e disponibilizados para consulta na Hemeroteca Nacional, nas décadas de 1980 e 1990, período em que as práticas “holísticas” estavam bem difundidas no país, um dos motivos da escolha deste recorte e com reflexos importantes para a história estudada. Foi selecionado o estado do Rio de Janeiro, como recorte espacial, por sua representatividade no jornalismo e no desenvolvimento das práticas culturais e holísticas.

A análise tem como foco ampliar os estudos desta história cuja trajetória possui poucas fontes disponíveis ou muitas delas, carente de reconhecimento. Entre a já retratada para pesquisadores da temática e mais comum está à assinatura de convênio com o INAMPS, em 1985 e visamos ampliar a sua importância nesta pesquisa, demonstrando a participação de um ator fundamental e atuante neste fluxo de saber, o mestre indiano Maharishi. O convênio possibilitou a abertura de uma unidade de saúde que iniciou suas atividades em 1986, sob o nome de Hospital de Medicina Alternativa, o intuito é de promover a saúde integral. Ativo até hoje, é referência e tem uma nova denominação, Centro Estadual de Referência em Medicina Integrativa e Complementar (Cremic), utilizada a partir de 2015. A fundação deste hospital foi fundamental para a aprovação das Práticas Integrativas no SUS, décadas mais tarde.

O objetivo principal desta dissertação é demonstrar o carácter global, moderno e transnacional desta ciência que chega para nós, delinear parte destas características nos impressos. Para isto, o carácter transnacional de uma Ayurveda que se instala no Brasil ganhou destaque, com características modernas e globalizadas, sua passagem pela Europa e EUA e posteriormente chegando ao Brasil. Destaca-se a influência da Contracultura e da era *New Age* que teve o seu auge na década de 60, nos EUA e 70, na Inglaterra e se desenvolvendo muito bem nas décadas de 80 e 90 em território nacional. Este fluxo será analisado nos impressos da pesquisa.

A análise das fontes, disponíveis nos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira, concentrou-se em especial com edições do *Jornal do Brasil* e da revista *Manchete*. Os dois impressos principais possuem diferenças nas linhas editoriais e amplia o olhar apresentado no

trabalho. O *Jornal do Brasil* foi escolhido por sua representatividade na imprensa, suas linhas editoriais na área da saúde e cultural, registrando o desenvolvimento das práticas holísticas, a movimentação e atuação dos personagens desta história possibilitando esta análise. A revista *Manchete*, embora semanal, fortaleceu o fotojornalismo e tem como destaque a área da saúde e a divulgação das práticas holísticas trazendo entrevistas com importantes formadores de opinião, com destaque a matérias e reportagens também sobre política, em especial, nas décadas de 1980 e 1990 com o fortalecimento da mídia impressa.

Também foi escolhido o estado do Rio de Janeiro, por ser um importante e efervescente capital nas chamadas práticas “holísticas”, definição no qual se encaixa a Ayurveda no Brasil. O Rio de Janeiro foi também pontuado por ser palco para a vinda de personagens importantes desta, como o já citado indiano Maharishi Mahesh Yogi e por ser capital sede da Associação Brasileira de Ayurveda.

O recorte temporal abrange o período entre 1987 e 1999, décadas em que a chamada era *New Age*, com sua visão holística, estava no seu auge e efervescente no país. Tem-se a chegada de intensa literatura de autores desta área, com tradução em português de temáticas terapêuticas de “autoajuda”, bem como, a chegada de cursos adentrando uma parte da ciência da saúde, entre elas a área médica, uma troca de saberes já existente e demonstrada em alguns dos impressos analisados. Neste momento, é importante destacar que vivenciei este período efervescente e faço parte deste grupo de terapeutas holísticos e pesquisadores do tema, sendo este um dos motivos de interesse em conduzir esta pesquisa. Portanto, vive toda esta era e fui simpatizante das práticas holísticas no período pesquisado.

É importante ressaltar que existem distintos grupos e associações de Ayurveda pioneiros na aplicação deste conhecimento no Brasil, com diferenças inclusive, na prática deste conhecimento. Estes se fazem presentes, em especial, nos estados do Paraná, Goiás, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, embora seja crescente a expansão deste saber e de cursos com a temática e corremos o risco de não abarcar todos nesta pesquisa. Podemos citar entre os mais conhecidos: Suddha Yoga e Ayurveda Brasil, grupo de instituições criadas em Minas Gerais pelo médico Dr. José Ruguê e equipadas para a propagação de Yoga e Ayurveda; Instituto Naradeva Shala, coordenado pelo terapeuta ayurveda, Erick Schulz, em São Paulo; ABRA – Associação Brasileira de Ayurveda com sede no Rio de Janeiro e coordenado pelo médico homeopata Aderson Moreira da Rocha e a médica Valquiria Zago Matheus; em Goiás o médico homeopata Dr. Danilo Maciel Carneiro e de forma mais recente temos o Vida Veda, coordenado pelo brasileiro e estudante de medicina ayurvédica na Índia,

Matheus Macêdo e Ayus-Ayurveda coordenado pela terapeuta ayurveda, Cristiane Egger que mora atualmente na Espanha, entre outros.

A Ayurveda será vista nesta pesquisa como uma ciência e na Índia, é considerada uma medicina clássica oficial e assim será vista neste trabalho, como ciência, no sentido de que abarca diversas outras ciências e podemos citar: a farmacêutica, a médica, a psicologia, a fisioterapia, a nutrição, o direito, entre outras. Ao longo desta dissertação colocaremos a chegada inicial deste conhecimento no Brasil com o olhar de uma terapia holística, e mais tarde, teve a sua aprovação no SUS, em 2017, pelo Ministério da Saúde como uma PICS - Prática Integrativa e Complementar.

Originada na Índia Antiga, a Ayurveda se articulou no Brasil por meio da trajetória de personagens que possibilitaram o intercâmbio de saberes para além das fronteiras nacionais, entre eles os já citados, Maharishi Mahesh Yogi e Deepak Chopra conhecidos mundialmente o primeiro integrante da era *New Age* e o segundo, seu discípulo. Podemos falar aqui também de apreciadores, estudiosos e praticantes das chamadas terapias holísticas no Brasil. Um determinado grupo no qual, como já mencionado, me incluo, tendo vivido este momento nas décadas de 1980 e 1990 quando ainda na minha primeira graduação na Faculdade de Farmácia e Bioquímica, em Ponta Grossa, no Paraná. Na época, realizei curso para formação como instrutora de *Yôga* e outros na parte holística da massoterapia Ayurveda, como a Ayurveda nos foi apresentada em um primeiro momento.

Nas mesmas décadas participei de congressos holísticos realizados pelo jornalista, Jamil Salloum, em Ponta Grossa, Paraná, com a participação de médicos ayurvédicos da Índia. Eventos que fazem parte da história das terapias holísticas no estado do Paraná. Somente em 2008, já formada em Jornalismo e Relações Internacionais formei-me como Terapeuta Ayurveda, pela Associação Brasileira de Ayurveda - ABRA, com sede no Rio de Janeiro. Então, tive acesso ao carácter amplo da ciência Ayurveda, uma realidade muito distante de qualquer curso de massoterapia já realizado e impossível de abarcar a sua amplitude. Arrisco a dizer, portanto, que vivi duas fases da história da Ayurveda no Brasil.

Este estudo dialoga, em alguns aspectos, com as seguintes pesquisas: o estudo “Modern and Global Ayurveda” (WUJASTYK, 2010), uma análise atual considerada moderna e global. Outro estudo é a dissertação de mestrado, AYURVEDA NO BRASIL: Trajetórias e (re)invenções, da pesquisadora, Mariana Palmieri Brandão Alba (BRANDÃO, 2015). Já em espanhol, podemos citar a pesquisa na Argentina, La difusión transnacional de medicinas alternativas: la presencia del Ayurveda em la prensa argentina, de Betina Freidin y Matías Ballesteros (FREIDIN, 2012). A bibliografia revela a visão de pesquisadores da

temática em perspectivas que incluem a filosófica, antropológica, sociopolítica, econômica, biomédica e farmacológica. Porém, devido aos recortes definidos para a presente investigação, não será possível aprofundar a pesquisa em todas estas áreas.

Na busca de tornar mais clara parte desta rede que possibilitou a chegada desta ciência para o Brasil, em um primeiro momento e no período analisado, temos uma Ayurveda com um carácter transnacional nos impressos analisados, e de certa forma um discurso que reproduz o que acontecia nos EUA e na Inglaterra com a Ayurveda. A influência da contracultura é demonstrada por movimentos sociais e culturais de mudança no sistema e que se opõem à cultura dominante ou hegemônica. Um confronto direto ou indiretamente à ordem social estabelecida, o que também leva o debate na perspectiva da saúde e que se faz importante nesta análise.

No continente americano, a chegada da Ayurveda se deu de forma mais intensa, em princípio, pelos Estados Unidos da América e intercâmbio com a Europa. O movimento denominado de contracultura, ou *New Age*, se difundiu nos anos sessenta do século XX para diversos países, entre eles o Brasil. O estudo busca demonstrar que a Ayurveda da “Nova Era” que chega ao Brasil caminhou lado a lado com a abertura para as chamadas práticas holísticas como: yôga, meditação transcendental, medicina tradicional chinesa, shiatsu, acupuntura, massagem terapêutica, entre outras.

De acordo com o pesquisador Kenneth Gregory Zysk, formado em Estudos Asiáticos pela Universidade da Califórnia¹, o movimento *New Age* foi responsável pela intensificação da abertura do “Ocidente” para as medicinas ditas alternativas, entre elas a Ayurveda. Isto teria facilitado a quebra da hegemonia cultural vigente na época inclusive na medicina e possibilitando a troca. É possível verificar aqui a característica de uma Ayurveda transnacional ligada a uma forte visão espiritual pelo olhar da história global. Para Magnani (2000) o movimento NA possui suas raízes nas práticas ocultistas europeias,²

[...] rearranjadas juntamente com o transcendentalismo americano do século XIX, e na teosofia desenvolvida por Helena Blavastky, Henry S. Olcott e Annie Besant. Com o advento do movimento de contracultura e o conseqüente aumento do fluxo entre Oriente e Ocidente, com a “invasão dos gurus” no mundo ocidental, juntamente com suas filosofias orientais, ou de inspiração oriental, o movimento toma feições mais claras, que se delineiam ainda mais com a infiltração dos discursos científicos (ou pseudocientífico como colocam alguns), tendo como um dos marcos a publicação de *O Tao da Física* (1974), de Fritjof Capra” (OLIVEIRA, 2009, p. 34).

¹Fonte: Disponível em: [https://ccrs.ku.dk/staff/?pure=en%2Fpersons%2Fkenneth-gregory-zysk\(600d5670-86c9-4e96-88ac-c5bac63a59a2\)%2Fcv.html](https://ccrs.ku.dk/staff/?pure=en%2Fpersons%2Fkenneth-gregory-zysk(600d5670-86c9-4e96-88ac-c5bac63a59a2)%2Fcv.html). Acesso em: 20 nov. 2021.

²Fonte: Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/124110/2/366731.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2021.

Zysk, (2001) destaca em suas pesquisas linhagens diferentes de uma Ayurveda Global, entre elas, “*New Age Ayurveda*” da chamada Nova Era cujas características poderão ser verificadas nos impressos analisados. Um carácter popularizado, aculturado e com forte tendência a reinterpretar os aspectos filosóficos e espirituais desta ciência, influenciando aspectos importantes das décadas de 1980/90.

Os produtos da cultura da “Nova Era” (NA), entre eles as terapêuticas espirituais alternativas, foram pesquisadas por Maluf (2007, p. 149), com uma intensa produção bibliográfica e autores que viraram símbolos da “Era”, entre eles Fritjot Capra. Esse novo olhar da NA pode ter possibilitado à chegada ao Brasil da ciência Ayurveda, em princípio como uma prática de massoterapia, difundida através de cursos de instrutores de yôga, praticantes de meditação em escolas particulares e foi assim, a maneira pela qual descobri esta ciência na década de 80 e 90, fazendo um curso de massoterapia ayurvédica com a mestra de Yôga brasileira, Valcy Tormena, em Ponta Grossa, Paraná, em 1994. Posteriormente, em Foz do Iguaçu, em 2005, realizei outro curso com a mesma temática com a também professora de Yôga, Helena Gomes.

O período analisado era propício para a troca de saberes, para conquista de novos adeptos, inclusive na área da saúde. Os impressos pesquisados demonstram a divulgação deste tipo de conteúdo com um olhar sobre as terapias holísticas e no meio de profissionais da área da saúde. Profissionais como farmacêuticos, fisioterapeutas, professores de Yôga, massoterapeutas, psicólogos estavam abertos às novas alternativas em contraposição à medicina alopática e hegemônica da época. Discurso observado na comunicação do médico Deepak Chopra, discípulo do mestre indiano, Maharishi reforçando as práticas holísticas e um período definitivamente de mudança. “A expansão do Ayurveda pelo mundo em um movimento de transnacionalização se traduz na complexidade do mundo contemporâneo que de acordo com Velho (2003), se articula por seu potencial de metamorfose” (VELHO, 2003:47 *apud* ALBA, p. 26). Assim como a Ayurveda, a Yôga também é considerada uma prática holística e as duas ciências possuem histórias que se encontram, se entrelaçam. Os documentos da imprensa estudados demonstram que instrutores de Yôga serviram de meio para a chegada da Ayurveda e sua difusão no Brasil já que praticamente a totalidade dos personagens das reportagens analisadas com a temática Ayurveda, é praticante de Yôga ou mesmo instrutores e simpatizantes.

Com relação aos pesquisadores nacionais da temática Ayurveda podemos citar personagens do Brasil contribuintes com a temática, entre eles, o Dr. Danilo Maciel Carneiro, médico homeopata, acupunturista e autor de livros sobre Ayurveda. Carneiro foi atuante nesta história e retrata que a ciência chegou oficialmente ao Brasil, em 1985, através de um convênio do Instituto Nacional de Assistência e Previdência Social (INAMPS) e do Ministério da Saúde com o Instituto de Ciência e Tecnologia Maharishi.

O fato citado por Carneiro, convênio com Inamps é bastante reproduzido e conhecido no território nacional quando o tema é a história da Ayurveda no Brasil, embora não de forma aprofundada. Destaca-se que a troca de saberes já existia antes deste feito no território nacional e pode ser verificada nas reportagens analisadas do Jornal do Brasil com a influência da atuação do mestre indiano Maharishi e o delinear de parte da sua movimentação para a instalação definitiva da Ayurveda e da Meditação Transcendental no Brasil.

O convênio mencionado foi aceito por três estados brasileiros: Pernambuco, Rio de Janeiro e Goiás. Encontramos poucos registros desse fato, embora seja possível fazer essa conexão através do Jornal do Brasil, com o registro da trajetória do indiano Maharishi Mahesh Yogi e a MT- Meditação Transcendental e do Jornal dos Sports retratando a aproximação entre Ayurveda e o extinto Inamps.

Nos dois primeiros estados, o convênio, após iniciado, foi interrompido. Já no estado de Goiás, desenvolveu-se e nos anos de 1986 e 1987 ocorreu o primeiro curso de Medicina Ayurvédica para profissionais de saúde da rede pública estadual contemplando não apenas médicos, mas também: farmacêuticos, agrônomos e enfermeiros. Portanto, um ponto importante de colocação deste saber mais próximo de profissionais da área da saúde com formação acadêmica, regido por regras e normas nacionais e aproximando a ciência Ayurveda de ciências da saúde. (CARNEIRO, 2007, p. 15).

Outro ator nacional importante e da área da saúde é o médico homeopata, terapeuta ayurveda e presidente da ABRA - Associação Brasileira de Ayurveda, Aderson Moreira da Rocha. Rocha faz parte da história da Ayurveda no estado do Rio de Janeiro, nosso recorte geográfico e, portanto, o estado de origem das fontes da imprensa escolhidas para essa pesquisa devido a sua representatividade. Até o presente momento, assim como Carneiro, Moreira atua no estado do Rio de Janeiro.

1. AYURVEDA: DEFINIÇÃO E UM BREVE HISTÓRICO

Considerada na Índia uma ciência de origem divina, o termo Ayurveda vem do sânscrito, língua clássica daquele país usada liturgicamente no Hinduísmo, Jainismo e Budismo. *Ayus* significa vida, poder vital, saúde e *veda* conhecimento e sabedoria. Ayurveda pode ser traduzida como a ciência da vida e nesta pesquisa será vista como tal. (MONIER-WILLIAMS, 1979, p. 149).

Quando se entra nessa memória ancestral tem-se a possibilidade de observar uma ciência com uma visão bastante particular e plural da saúde e da vida. Uma história antiga do sul da Ásia contando muito da nossa própria trajetória, da história das ciências médicas, da evolução da Medicina, da Farmácia, da Nutrição e de outros saberes. É ter conhecimento de que muito do quanto à humanidade produziu de mais complexo e diversificado na ciência e fora dela, encontra-se também representado na Índia e na sua pluralidade.

“A Ayurveda é muito mais do que um sistema de medicina; ele abarca a ciência médica, a filosofia, a psicologia, a alquimia e o entendimento espiritual, bem como a astrologia e a astronomia” (MCINTYRE, 2012, p. 12). Um caráter amplo desta ciência que ainda carece de compreensão.

Ayurveda não é apenas um sistema de medicina, mas também um modo de vida. É usado para prevenir e curar doenças. A medicina ayurvédica inclui medicamentos fitoterápicos e banhos medicinais. Isto é amplamente praticado no Sul da Ásia, especialmente em Bangladesh, Índia, Nepal, Paquistão e Sri Lanka (OMS, 2001, p. 12 Tradução nossa).

Um dos pilares da Ayurveda são os medicamentos fitoterápicos, aqueles formulados por meio do extrato de matérias-primas ativas vegetais para o tratamento e prevenção de problemas de saúde. Quando falamos na fitoterapia é a terapêutica, é a forma de se tratar e prevenir doenças pelo uso de plantas medicinais e pelo uso de fitoterápicos, este último é o produto elaborado a partir de uma planta medicinal. “A palavra fitoterapia é derivada do grego *phitos*, que significa plantas, e *terapia*, que quer dizer tratamento. A fitoterapia é o recurso de prevenção e tratamento de doenças através das plantas medicinais, e a forma mais antiga e fundamental de medicina da Terra”.³

A Ayurveda é tida como um dos sistemas de promoção da saúde mais antigo do mundo e na lista de ações inclui um dos mais antigos registros do uso das plantas medicinais.

³ Fonte: Disponível em: <http://portal.crfsp.org.br/comissoes-assessoras/apresentacao/2612-plantas-medicinais-e-fitoterapia.html>. Acesso em: 1 jan. 2021.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Programa de Medicina Tradicional criado a partir da primeira Conferência Internacional sobre a Atenção Primária em Saúde, realizado em Alma-Ata, em 1978, reforçou o reconhecimento dos saberes tradicionais. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005, p. 02).

Medicina tradicional é um termo amplamente utilizado para se referir tanto a Sistemas MT, como Medicina Tradicional Chinesa, Ayurveda indiano e medicina Unani árabe, e de várias maneiras da Medicina Indígena. Terapias de MT inclui terapias medicamentosas, o uso de fitoterápicos, partes de animais e/ou minerais e terapias sem medicação, realizado principalmente sem o uso de medicamentos, como o caso da acupuntura para terapias manuais e terapias espirituais. (OMS, 2002-2005, p.11 Tradução nossa).

A Organização Mundial da Saúde publicou uma Estratégia sobre Medicina Tradicional em 2002 e atualizada em 2014. “Em todo o mundo, a medicina tradicional é o pilar principal da prestação de serviços de saúde, ou seu complemento. Em alguns países, a medicina tradicional ou medicina não convencional é denominada de medicina complementar”⁴. É o caso do Brasil, a Ayurveda, Homeopatia e todas as PICs são práticas complementares de promoção de saúde com visão integrativa e que vem somar com a medicina convencional.

Uma visão que trouxe estudos sobre a saúde intercultural e a contribuição com parâmetros sociais, econômicos e políticos adentrando na antropologia da saúde, embora não seja este o foco da nossa pesquisa.

De acordo com o médico Luiz Augusto Facchini, membro do Conselho Superior da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), com a Conferência de Alma-Ata, iniciativa da Organização Mundial de Saúde em parceria com a Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), tem-se uma ampliação da relevância da proposta de atenção primária, “[...] explicita um modelo altamente abrangente, uma ideia de saúde para todos. Portanto, conforme anunciado em sua chamada, Alma Ata define a atenção primária como estratégia a ser ofertada a toda a população”. É a ideia da universalidade na saúde, a visão de sistema, de setores, um modelo baseado na integralidade das necessidades de saúde da população e aborda a participação comunitária popular⁵. (FIOCRUZ, 2018).

No Brasil, o movimento da Reforma Sanitária brasileira- MRSB já trazia a ideia de um sistema universal de saúde. Surgiu em meados da década de 70, e ressaltava a democratização da saúde, num período de lutas contra a ditadura. Muito antes da Alma- Ata em 1978. “Quando o SUS foi constituído formalmente em 1988, portanto dez anos depois de Alma-Ata, essa noção

⁴ Fonte: Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/95008/9789243506098_spa.pdf tradução nossa. Acesso em: 1 jan. 2021.

⁵ Fonte: Disponível em: <https://www.epsvj.fiocruz.br/noticias/entrevista/a-declaracao-de-alma-ata-se-revestiu-de-uma-grande-relevancia-em-varios>. Acesso em: 3 mar. 2021.

de que teríamos atenção primária universal e integral já estava totalmente sedimentada”. (FIOCRUZ, 2018).

Na dimensão civilizatória, destacamos o caráter contra-hegemônico do projeto civilizatório do MRSB, ao afirmar a saúde como direito universal de cidadania, na contramão do projeto de globalização neoliberal com sua agenda de restrição de direitos, de focalização das políticas sociais, preconizadas pelas agências internacionais (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional), como única saída para a crise fiscal das décadas de 1970/1980. (SOUTO, 2016, p. 01).

No Brasil, a ditadura militar durou 21 anos, entre 1964 a 1985, com cinco mandatos militares e instituiu 16 atos institucionais que se sobrepunham à constituição. Foi um período histórico de restrição à liberdade, bem como, repressão aos opositores do regime e censura. “[...] a saúde não era considerada um direito. A definição de que ela “é direito de todos e dever do Estado” surge com a Constituição Federal de 1988. Foi então que surgiu o Sistema Único de Saúde (SUS), que garante acesso universal ao atendimento, desde procedimentos mais simples até tratamentos de alta complexidade”⁶. Na época da ditadura houve uma diminuição da participação no Estado no atendimento à população na saúde. Somente quem possuía uma carteira de trabalho assinada podia ter direito à assistência médica pelo extinto Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) que foi criado em 1974, portanto no período da ditadura no Brasil. “Os que estavam fora desse universo buscava atendimento em instituições filantrópicas ou privadas, e os mais pobres eram tratados como indigentes”⁷.

Seus 16 anos de existência correspondem ao período em que o país transitou de um sistema de saúde segmentado, voltado principalmente para a prestação de serviços médico-hospitalares a clientelas previdenciárias, nos marcos da ideia meritocrática de seguro social, para um sistema de saúde desenhado para garantir o acesso universal aos serviços e ações de saúde, com base no princípio da seguridade social. Nesse período, representou também um espaço institucional privilegiado onde se ensaiaram propostas de mudança do sistema, tornando-se uma das principais arenas setoriais onde se disputou e decidiu a agenda de reformas que mobilizou o país ao longo da década de 1980, dando-lhe uma nova configuração institucional e novo padrão de políticas sociais, especialmente na área da saúde.⁸

⁶ Fonte: Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2019/04/04/ditadura-nao-garantia-acesso-a-saude-publica-sus-surge- apenas-na-redemocratizacao>. Acesso em: 6 abr. 2021.

⁷ Fonte: Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2019/04/04/ditadura-nao-garantia-acesso-a-saude-publica-sus-surge- apenas-na-redemocratizacao>. Acesso em: 6 abr. 2021.

⁸ Fonte: Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-tematicos/instituto-nacional-de-assistencia-medica-da-previdencia-social-inamps>. Acesso em: 6 abr. 2021.

Com o surgimento do SUS e conquistas, já na redemocratização e para garantir políticas que garantissem esta visão da integralidade na atenção à saúde no Brasil, o Ministério da Saúde trouxe a Política Nacional da Medicina Natural e Práticas Complementares – MNPC – no SUS, com dimensões política, técnica, econômica, social e cultural. Uma política para incorporar experiências no âmbito da medicina tradicional chinesa-acupuntura, da homeopatia, da fitoterapia e da medicina antroposófica e posteriormente a Ayurveda.

Tem-se ações importantes, entre elas Conferências Nacionais de Saúde, a 1ª Conferência Nacional de Assistência Farmacêutica, em 2003, a 2ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde, em 2004. Contribuições para um modelo de atenção à saúde fortalecendo os princípios do SUS e as diretrizes de universalidade, integralidade, equidade, descentralização, e controle social. “[...] tais abordagens incentivam o desenvolvimento da solidariedade e do apoio social tornando o indivíduo corresponsável pela saúde, contribuindo para o aumento da cidadania e influenciando nos processos de participação nos ambientes sociais”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005, p. 02).

Têm-se mudanças nas práticas das instituições de saúde com novas formas do agir social em saúde cuja aprovação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde ganha novos debates.

Neste sentido, as instituições de saúde assumem papel estratégico na absorção dos conhecimentos de novas formas de agir e produzir integralidade em saúde, na medida em que reúnem, no mesmo espaço, diferentes perspectivas e interesses de distintos atores sociais (médicos, dirigentes e usuários). Atuam para a construção e reprodução de saberes e práticas integrais de cuidado e atenção à saúde, assim como para a avaliação dos efeitos de uma política que o Estado desenvolve, face ao nível de saúde da população. Consideramos, portanto, as instituições de saúde um locus privilegiado de observação e de análise dos elementos constitutivos do princípio institucional da integralidade, seja quanto às práticas terapêuticas prestadas aos indivíduos, seja nas práticas de saúde difundidas na coletividade. (PINHEIRO, 2007, p.11).

De acordo com o Estatuto de Medicina Tradicional Complementar e Alternativa da OMS, a Ayurveda teve origem e foi ao longo do tempo se transformando, em especial, nos séculos V a.C. e V d.C. bem como, no período colonial e pós-colonial na Índia.

A filosofia ayurvédica está ligada a textos sagrados, os Vedas, e baseada na teoria de Panchmahabhutas - todos os objetos e corpos vivos são compostos dos cinco elementos: terra, água, fogo, ar e céu. Da mesma forma, há uma harmonia fundamental entre o meio ambiente e os indivíduos, que é percebido como um

macrocosmo e relação de microcosmo. Como tal, agir de um influencia o outro. (OMS, 2001, p. 12).⁹

Por outro lado, Zysk (1998), ressalta que na história antiga é observado que a primeira teoria médica sistemática teve sua formulação inicial cerca de 400 a.C. com os primeiros textos budistas e as primeiras declarações do desequilíbrio humoral o que se tornaria a pedra angular da teoria médica indiana com a teoria dos Doshas que possibilita tratar e ver o ser-humano de forma e com características particulares e individualizadas definindo o tratamento ayurvédico.

A primeira menção da Ayurveda como ciência da medicina ocorreu no *Mahabharata*, um clássico da Índia que descreve a medicina com oito partes como na Ayurveda (WUJASTYK, 2008).

O nome Veda designa um conjunto de textos sagrados, sobre os quais se fundamentam a sociedade e espiritualidade indianas. A influência deste cânone védico sobre a cultura indiana vai desde o segundo milênio antes de Cristo até a atualidade. Veda é um nome sânscrito que significa “Saber Revelado”. O sânscrito, por sua vez, é uma língua de origem indo-europeia (escreve-se samskrta), cujo nome designa “bem-feito”, “bem-acabado”, em oposição às línguas populares (prácritos), faladas no período védico, consideradas bárbaras pelos povos arianos (FERREIRA; GNERRE; POSSEBON, 2016, p. 15, apud. GULMINI, 2002, p. 13).

As primeiras citações sobre este conhecimento teriam surgidas no chamado *Rig Veda*, um dos quatro volumes que fazem parte dos Vedas, considerados escrituras sagradas do hinduísmo. Livros com saberes passados entre gerações, uma tradição viva até os dias atuais na Índia (DE LUCA E BARROS, 2007).

É fato que existe uma dificuldade de precisar a Ayurveda no tempo histórico. O calendário da época não é o mesmo da atualidade e isto dificulta esta precisão.

De acordo com a história da Índia Antiga, a tradição do Ayurveda, iniciada com o próprio Brahma, foi repassada integralmente, por meio de Dasa Prajapati e do deus Indra, aos sábios Bharadwaja e Atri. Esses entregaram toda a ciência nas mãos do sábio Atreya. Por isso, o Ayurveda até Indra é uma tradição divina, e foram os sábios Bharadwaja e Stri que a trouxeram para o plano terreno. O sábio Atreya discutiu os tópicos do Ayurveda tradicional com os mestres da época[...] e formulou os conceitos básicos do Ayurveda como um sistema de Racionalidade Médica humana (CARNEIRO, 2009, p. 19).

⁹ Fonte: Disponível em:

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42452/WHO_EDM_TRM_2001.2_eng.pdf?sequence=1&isAlloved=y. Acesso em: 3 out. 2021.

No tratamento ayurvédico tradicional são utilizados como base as plantas medicinais, além de técnicas corporais, massagens, minerais e posturas do yôga para tratamento e prevenção de doenças, técnicas como posturas corporais (*ásanas*), pranayamas (técnicas respiratórias), mudras (gestos reflexológicos com as mãos) e o cuidado com a alimentação. Um programa integral holístico que vê o paciente de forma individualizada.

Uma das bases da Ayurveda é a já citada teoria dos *panchamahabutas* ou cinco elementos, Terra, Água, Fogo, Ar, Éter. Esses elementos constituem as matérias e estão presentes nos nossos corpos físicos. Temos a teoria dos três doshas (tridosha) nos quais são identificadas em cada indivíduo suas características emocionais e fisiológicas e outras mais profundas. Seria como a nossa genética só que de uma maneira mais integral. (DEVEZA, 2013, p. 03-04).

Por ter essa visão tanto fisiológica, morfológica quanto mental e emocional, em definições mais atual e ligada à saúde, de acordo com pesquisa de Bianchini e Possebon (2014), Ayurveda pode ser vista como uma “racionalidade médica” como já abordada e por sua complexidade e amplitude se distinguir de outras terapias integrativas. No trabalho dos autores citados, diversos pesquisadores da área debatem o tema e muito em consequência da expansão das terapias integrativas complementares ou “medicinas alternativas”.

Observa-se que a recomendação da OMS no que se refere à Ayurveda demonstra a sua complexidade. A teoria dos três doshas (tridosha) serve de base para as ações terapêuticas na Ayurveda. Princípios que trazem características emocionais, físicas, mentais e espirituais.

O principal tratamento é a prevenção com o autocuidado e empoderamento do paciente. De acordo com a Ayurveda cada pessoa tem a sua constituição formada por elementos da natureza. Conforme Chopra (2014, p. 120) “[...] o corpo é um espelho do cosmo, e seu ritmo estaria relacionado às estrelas e às marés; as células plenas de inteligência, com o propósito de fazer da existência diária algo prazeroso e produtivo.

Tratando dos biótipos, de acordo com esta ciência milenar, somos formados pelos elementos da natureza, portanto fazemos parte dela e logo se pressupõe que se nos afastarmos da nossa característica, da nossa essência, ficamos expostos a elementos que nos levam ao aparecimento de desequilíbrio e a instalação de doenças, por isso, a Ayurveda tem como uma das bases à prevenção e autocuidado.

A portaria do Ministério da Saúde, n. 849, de 27 de março de 2017, incluiu a Arteterapia, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa, Yoga e a

Ayurveda à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. E reforçou uma visão milenar de cuidado que é holística, “(...) uma abordagem que prioriza o entendimento integral dos fenômenos”. São considerados os aspectos do corpo físico, campos energético, mental e espiritual.

A OMS descreve sucintamente o Ayurveda, reconhecendo sua utilização para prevenir e curar doenças, e reconhece que esta não é apenas um sistema terapêutico, mas também uma maneira de viver. No Ayurveda a investigação diagnóstica leva em consideração tecidos corporais afetados, humores, local em que a doença está localizada, resistência e vitalidade, rotina diária, hábitos alimentares, gravidade das condições clínicas, condição de digestão, detalhes pessoais, sociais, situação econômica e ambiental da pessoa. Considera que a doença se inicia muito antes de ser percebida no corpo, aumentando o papel preventivo deste sistema terapêutico, tornando possível tomar medidas adequadas e eficazes com antecedência. Os tratamentos no Ayurveda levam em consideração a singularidade de cada pessoa, de acordo com o dosha (humores biológicos) do indivíduo. Assim, cada tratamento é planejado de forma individual [...] (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).¹⁰

O Conselho Federal de Medicina, dos 29 procedimentos de Práticas Integrativas e Complementares aprovados atualmente pelo Ministério da Saúde, no SUS, reconhece apenas a Homeopatia e a Acupuntura como possibilidade de atuação médica. A alegação é por falta de comprovação científica para tal, embora sejam cada vez mais frequentes cursos na área médica com visão integrativa incluindo cadeiras de estudo da Ayurveda.

O Laboratório Lapacis - Laboratório de Práticas Alternativas Complementares e Integrativas em Saúde, da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, é um exemplo e oferece curso de Especialização Práticas Integrativas em Saúde: Ampliação da cultura de cuidado. O objetivo é produzir conhecimentos não hegemônicos e contribuir para a construção de uma nova cultura no campo da Saúde. A Ayurveda é apresentada como uma filosofia de saúde e uma racionalidade médica devido a sua abordagem complexa, integral, ampla e pluridimensional da saúde individual.¹¹

Conselhos da área da saúde como Biomedicina¹² e Nutrição¹³ já reconhecem as evidências científicas e regulamentação do exercício das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS).

¹⁰Fonte: Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 9 abr. 2021.

¹¹ Fonte: Disponível em: <https://www.fcm.unicamp.br/lapacis/2017/medicina-ayurvedica>. Acesso em: 9 abr. 2021.

¹² Fonte: Disponível em: <https://crbm1.gov.br/cfbm-normativa-002-2020-pics/>. Acesso em: 9 abr. 2021.

Uma racionalidade médica é um conjunto integrado e estruturado de práticas e saberes composto de cinco dimensões interligadas: uma morfologia humana (anatomia, na biomedicina), uma dinâmica vital (fisiologia), um sistema de diagnose, um sistema terapêutico e uma doutrina médica (explicativa do que é a doença ou adoecimento, sua origem ou causa, sua evolução ou cura), todos embasados em uma sexta dimensão implícita ou explícita: uma cosmologia. (TESSER, 2008, p. 02).

1.2 AYURVEDA MODERNA E GLOBAL

A Companhia Inglesa das Índias Orientais foi fundada em 1600 e a partir de 1757 teve início o processo de colonização de partes específicas da Índia. No ano de 1858, depois de derrotar uma confederação que permaneceu no *Panjabe* em 1849, a Grã - Bretanha teve o controle político de praticamente todo o subcontinente.

Antes da colonização britânica na Índia, no século 16, os portugueses desembarcaram ao longo da costa de Malabar, depois vieram holandeses, franceses e posteriormente os britânicos. A conquista e o domínio do território indiano pelo Império Britânico se deram, dentre outras coisas, por uma exploração técnica e científica de elementos naturais presente no amplo território indiano. Outro aspecto importante é o domínio de plantas nativas e economicamente viáveis. (FERRÃO, 2005).

O processo de independência da Índia proporcionou avanços na esfera econômica e social, valorizando a cultura do país.

Com a independência, o Estado nacional indiano conduziu sua economia pelo caminho da planificação. O exercício de desenvolvimento do país começou em 1951 com a criação de programas econômicos nacionais centralizados e integrados, partindo da formulação e da implementação dos Planos Quinquenais. (FERREIRA, 2019, p.49).¹⁴

É parte importante deste estudo os períodos históricos da Ayurveda e as mudanças sofridas por este saber milenar ao longo do tempo, após a colonização britânica e até à chegada ao Brasil.

¹³ Fonte: Disponível em: https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/resolucoes/Res_679_2021.html. Acesso em 9 abr. 2021.

¹⁴ Fonte: Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/10145/5182>. Acesso em: 9 abr. 2021.

A colonização britânica no século XIX e XX instituiu a Biomedicina como sistema médico hegemônico na Índia, apesar da existência de sistemas médicos nativos. Dessa maneira, o Ayurveda, sistema médico tradicional indiano, sofreu transformações na sua forma de ensino, propagação e prática a partir de sua institucionalização na Índia depois da independência em 1947. (MENEZES, 2016, p. 02).

Nesta pesquisa, nos concentramos nos aspectos modernos e contemporâneos e as subdivisões de uma Ayurveda moderna e global. A Ayurveda moderna é vista como um processo do sul da Ásia a partir do século XIX e como uma resposta ao período de colonização britânica. De acordo com Carneiro (2009, p. 20) a estruturação científica do Ayurveda se dá especialmente na Índia onde é ensinado nas universidades, nos cursos de medicina e de farmácia, em conjunto com os conhecimentos da medicina ocidental moderna.

Já a Ayurveda global é destacada como um fenômeno ligado ao aspecto transnacional, bem como à comercialização desta ciência a partir de uma série de perspectivas.

Com a globalização têm-se mudanças culturais, um conceito dinâmico e processual de cultura não mais como um sistema fechado. Constatam-se mudanças na Ayurveda e não só na Índia, no período pós-guerra na Europa e EUA. Temos mudanças da Ayurveda em três grandes frentes e a necessidade de adequação dela por pressões de modernização.

[...] Seu desenvolvimento em face de três grandes desafios: (1) o colonialismo britânico e o domínio da medicina alopática, (2) as pressões da modernização e (3) a diáspora do Ayurveda no mundo além das fronteiras do Sul da Ásia. (WUJASTYK, 2008, p. 16. *Tradução nossa*).

No pós-guerra têm-se o revivalismo do século XIX da Ayurveda, resposta política à dominação britânica e fortalecimento do nacionalismo indiano pelo caráter moderno e global. Mudanças para uma ciência global com vistas para uma profissionalização e o reconhecimento da presença de conhecimentos ancestrais em disciplinas de práticas ayurvédicas como: pesquisa farmacêutica e botânica.

Este fato passou a aproximar a Ayurveda da “ciência” por um aspecto “ocidental” e moderno facilitando a aproximação e aceitação desta ciência milenar ao longo da história, sua legitimação e fortalecimento no período pós-colonial.

Para Brandão, (2015, p. 19) as associações profissionais de Ayurveda já reconheceram a necessidade de um replanejamento no ensino da Ayurveda nas faculdades e padronização para atuação em ambientes hospitalares para que seja reconhecida como uma medicina e suas comprovações científicas com ação medicamentosa e atuação em doenças.

A partir desse contexto até os dias atuais existem ayurvedistas trabalhando para sustentar o Ayurveda na era moderna na tentativa de preservar seus princípios mesmo sobre os moldes da influência. Vaidyas são as pessoas que mesmo antes de existirem os cursos universitários de Ayurveda já exerciam a prática desse conhecimento com as pessoas. Atualmente com a expansão do Ayurveda, podem receber o título de vaidya os profissionais que se formam nas Faculdades Ayurvédicas reconhecidas pelos institutos reguladores indianos. Assim, por conta dessa imposição foi preciso um movimento de atitude e sustentação para que o Ayurveda não se perdesse no tempo. (BRANDÃO, 2015, p. 19).¹⁵

Leslie destaca mudanças em uma ciência que consegue até certo ponto manter sua base milenar e trazer características modernas, mas com tendência à secularização, entendido aqui como um processo de separação, ou abandono gradual, das formas tradicionais de estrutura social baseadas na religião hinduísmo.

Global “Modern Ayurveda” é aqui entendido como geograficamente situado no subcontinente indiano e começando com os processos de profissionalização e institucionalização provocados na Índia pelo que foi chamado de revivalismo do século XIX do Ayurveda (Leslie 1998; Brass 1972; Jeffery 1988) O Ayurveda moderno é caracterizado por uma tendência à secularização do conhecimento ayurvédico e sua adaptação à biomedicina, e ao mesmo tempo por tentativas de formular uma teoria unitária baseada em aoutrinas encontradas nos textos clássicos ayurvédicos. (WUJASTYK, 2008, p. 17. *Tradução nossa*).

Para facilitar esta pesquisa, será usada a palavra alopatia e não biomedicina, como descrito por Wujastyk. Alopatria como medicina “tradicional” e que teve início na Grécia Antiga, baseava-se na medicina Hipocrática e teve sua aplicabilidade amplamente difundida por Claudio Galeno.

No pós-guerra e com o avanço nas traduções do sânscrito para diversas línguas, permitiu um acesso melhor a Ayurveda, ressalta-se que as primeiras documentações acadêmicas sobre a medicina indiana nas enciclopédias britânicas não tivessem como foco os conceitos estruturais da Ayurveda e seus livros primários. Surge então, uma terceira linha da Ayurveda global com estudiosos orientalistas no início do século XIX. Era a descoberta baseada nas raízes da medicina indiana com estudo de livros na língua sânscrito.

Estimulados pela noção de um segundo renascimento inspirado por uma antiguidade indiana, eles começaram a descobrir as raízes da medicina indiana, imprimindo e traduzindo os textos médicos e escrevendo resumos de seus conteúdos. Os estudiosos tão envolvidos - incluindo Thomas Wise, Franciscus Hessler, Gustave Lietard, Palmyr Cordier e Julius Jolly - eram em sua maioria médicos, treinados na ciência médica ocidental (WUJASTYK, 2008, p.18, tradução nossa).

¹⁵Fonte: Disponível em:<

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/135137/334802.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

Acesso em 01 de setembro de 2021.

Em 1960 teve início um estudo educacional e da prática da Ayurveda, das suas características políticas e sociais no período pós-colonial. Um olhar pela antropologia médica, na época uma disciplina novata lançada por pesquisadores como Charles Leslie (LESLIE, 1998).

O fortalecimento desta qualidade transnacional da Ayurveda ampliou a transmissão deste conhecimento fora da Índia para além das fronteiras. No século XVI, o uso das plantas medicinais, prática bastante presente na Ayurveda, contribuiu para a aproximação da mesma na linha científica, a “farmacopéia ayurvédica” e a disseminação botânica. De acordo com Wujastyk, neste período, constata-se a presença de disciplinas secularizadas, sem conotação religiosa e espiritual, com investimentos científicos lucrativos em um mercado global da indústria farmacêutica crescente e facilitando essa entrada. (WUJASTYK, 2008).

Outra linhagem importante é já citada da Ayurveda global é a chamada era *New Age*. Considerada uma segunda linhagem, popularizada e bastante representativa no Brasil e predominante nos impressos desta pesquisa. Um reinventar de aspectos filosóficos e espirituais da Ayurveda. Zysk (2001) define suas características como tornar a Ayurveda como fonte de outros sistemas médicos, bem como destaca a ligação com Yoga e a espiritualidade indiana.

Faz-se necessário destacar as diferenças entre a Ayurveda Clássica e a *New Age* Ayurveda (NA) e a chegada à América do Norte e posteriormente no Brasil. A NA é uma leitura espiritual da Ayurveda com influência do Hinduísmo e do Budismo. Contribuíram para esta trajetória líderes espirituais que vieram da Índia para o continente americano trazendo este saber, “[...] Swami Vivekananda, Swami Paramahansa Yogananda, Swami Prabhupada, Maharishi Maheshi Yogi, e Yogi Bhagavan Ranneesh, cada um com sua representatividade e período e particularidade de atuação.

De acordo com o pesquisador Zysk algumas características definem os primeiros seguidores da Ayurveda, na Europa e na América. “[...] eram de cor da pele branca, de classe média, homem ou mulher jovens”, e insatisfeitos com a visão religioso judaico cristão surgindo um casamento com um “estilo de vida alternativo”, ligado à saúde e com foco na medicina preventiva ganhando destaque na América do Norte e no Norte da Europa”. (ZYSK, 2001, p. 02).

A *New Age* Ayurveda trouxe o desenvolvimento de uma ciência indiana considerada “geminada” e fundida com Yôga. A chamada "Ayuryoga", tornou-se uma mercadoria de marca no que se denominou a “cultura de spa norte-americana”, vista como

exótica e “oriental” presente nos “spas ayurvédicos” até os dias de hoje e passível de um olhar crítico por quem estuda a Ayurveda clássica.

De acordo com Menezes (2016), como resposta à colonização tem-se uma revitalização e transformação da Ayurveda, pós-período colonial.

A literatura antropológica aponta que houve um movimento de revitalização do Ayurveda (Ayurveda revival) na Índia no começo do século XX, que provocou polarização entre dois grupos principais: “Śuddha Ayurveda” (Ayurveda Puro), cujos adeptos afirmavam que sua prática era “pura”, seguindo estritamente os textos clássicos ayurvédicos, em oposição ao “Miśra Ayurveda” (Ayurveda Misturado), para o qual a mistura com a Biomedicina seria benéfica para o Ayurveda (LESLIE, 1992 *apud* MENEZES, 2016, p. 6).

Em resposta a hegemonia da medicina ocidental ou alopatia tem-se uma transformação na maneira de ensino da Ayurveda, uma nova institucionalização baseada no modelo ocidental. Este saber passou não apenas a ser compreendido como um processo de “cura”, mas como a possibilidade de uma transformação nos períodos e um símbolo nacional contrário ao colonialismo na Índia pós-colonial (LANGFORD, 2002).

Assim, a Biomedicina foi uma das frentes da pretensa universalidade do conhecimento local europeu. Durante o processo colonial ocorreu desvalorização ou, em muitos casos, destruição (“epistemicídio”) dos sistemas de conhecimento não ocidentais em diversas regiões do mundo. Na Índia, os sistemas médicos nativos foram subalternizados em relação à Biomedicina, que foi imposta como a medicina “científica” e “oficial”. A posição hegemônica do sistema biomédico nesse país provocou reformulação e adaptação da medicina tradicional indiana, conhecida como Ayurveda (MENEZES, p. 6, 2016).

Ressalta-se aqui a biomedicina visto como alopatia. Tem-se então a chamada diáspora da ayurveda no mundo, para além das fronteiras do sul da Ásia. Um período que marca a mudança da transmissão tradicional, ou seja, de professor para aluno, a transmissão oral, para a “biomedicalização”.

Não é o objetivo desta pesquisa se aprofundar na história da saúde, mas é importante entender as mudanças pelas quais passou a medicina nos últimos séculos destacar o que significou esta medicalização da sociedade. De acordo com Rohden, “Um dos pilares dessa transformação, ocorrida a partir do início do século XIX, concerne à transferência do foco anteriormente dado ao indivíduo doente para a nova definição das doenças como entidades ontologicamente reais e específicas.” (ROHDEN, 2017, p. 10)¹⁶

Olhar a medicina desta maneira diferencia os saberes clássicos e as transformações ocorridas com eles, em diásporas. Uma *Ayurveda* clássica seria baseada nos

¹⁶ Fonte: Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/1441>. Acesso em: 1 jan. 2022.

textos clássicos em sânscrito, base de consulta até hoje em cursos de medicina ayurvédica na Índia e em escolas do mundo, como vivi na minha formação como terapeuta ayurveda no Brasil. Tem-se de um lado uma *Ayurveda* moderna e global próxima à biomedicina com foco em uma visão “ocidental” baseada em diagnósticos e doenças como na alopatia. Cabe aqui ressaltar que a *Ayurveda* clássica vê o ser humano com uma visão integral e não tem como foco a divisão do ser humano de forma a separar as doenças, tratar as doenças. Esta visão compartimentada da saúde e do ser-humano foi bastante questionada no Brasil nas décadas desta pesquisa, anos 80 e 90, coincidindo com a disseminação da cultura *New Age*, bem como, das terapias holísticas e integrativas. Um olhar crítico sobre a visão alopática da saúde.

“Na medida em que as doenças, assim concebidas, tornam-se entidades sociais com as quais se interage cada vez mais quotidianamente, não é de se estranhar a importância que adquire a dimensão do diagnóstico e sua capacidade de incitar fortes tensões políticas” (ROHDEN, 2017, p. 10). É possível perceber a importância e as dimensões sobre a adequação de um determinado diagnóstico e o quanto isto influi no processo terapêutico.

Intensificou-se uma dimensão política da prática da *Ayurveda* na Índia, carregando a característica de uma ferramenta de transformação social e crítica no pós-colonial. “Portanto, o “*Ayurveda Puro*” se estabelece e se legitima principalmente por meio do uso de plantas medicinais e pela evocação da ancestralidade do *Ayurveda*”. (MENEZES, 2016, p. 50).

Considerado a expressão dos valores e da estrutura social da qual se origina, o sistema médico de qualquer sociedade tem importância ímpar. A Biomedicina, originada na tradição filosófica europeia, é a medicina ocidental contemporânea, alopatia, atualmente, o sistema médico hegemônico no mundo e uma das frentes fortalecendo o colonialismo.

Para enfrentar a competição do novo sistema e mostrar o valor de sua ciência, os praticantes tradicionais precisavam articular os fundamentos teóricos de seu sistema médico e estabelecer sua identidade profissional. No caso do *Ayurveda*, isso significou o nascimento de uma nova era, o início do *Ayurveda* moderno, como os praticantes de *Ayurveda*. (WUJASTYK, 2008, p. 20. Tradução nossa).

Em 1980, a *Ayurveda* combinando diferentes vertentes do moderno ao global destaca-se em estudos etnofarmacológicos interdisciplinares e cresce o interesse por este conhecimento pelo mundo. O objetivo destes estudos era integrar as ciências exatas e humanas ampliando e aprofundando os estudos nas farmacopeias tradicionais. Paralelamente ao crescente nacionalismo na Índia, desenvolveu-se a insistência nas diferenças com o desenvolvimento da Biomedicina e distintos sistemas médicos de povos originários na Índia.

A imprensa escrita de massa foi significativa neste período e contribuiu para o fortalecimento da Ayurveda moderna, sua popularização, alfabetização e a tradução de textos sânscritos médicos, bem como, o difundir de uma literatura ligada à saúde e de “autoajuda”, “(...) não apenas trouxe conhecimento especializado para os lares indianos, mas também abordou uma série de questões delicadas que não haviam sido abordadas publicamente antes”. Neste contexto, aumentou a participação das mulheres em debates sobre a saúde feminina na Índia: a participação ativa das mulheres na medicina como autoras e médicas. (WUJASTYK, 2008, p. 25, tradução nossa).

Cabe destacar que a Ayurveda que chega à Europa e na América do Norte, no final dos anos de 1970 e início dos anos 1980, não faz parte da corrente oficial médica e fica fora da maior parte das estruturas formais dentro dos parâmetros estabelecidos na saúde daqueles países. O fato dificultou o *status* e a legalização da Ayurveda, bem como a aceitação e confiança pública e ainda caminha na busca por esta padronização.

A pluralidade, a presença de diferentes linhagens no Ocidente tanto na teoria como na prática e a resistência à padronização são obstáculos para a aprovação na área médica e de outras profissões da saúde e sua institucionalização fora da Índia. Muitas vezes esta linhagem é coordenada por médicos graduados na Índia como o respeitado e conhecido mundialmente Dr. Vasant Lad, por outro lado, existem pessoas não credenciadas exercendo a mesma função e reforçam as críticas a qualidade deste conhecimento ensinado em outros países.

Muitas das instituições ayurvédicas ensinam tópicos historicamente considerados periféricos ao Ayurveda, criando uma situação ironicamente semelhante às faculdades de ayurvédica indianas que Svoboda critica por carregar descaradamente seus programas ayurvédicos com aulas de alopatia. (WUJASTYK, 2008, p.33. Tradução nossa).

De acordo com Wujastyk, existem quatro paradigmas da Ayurveda Global: a Ayurveda da “Nova Era”, a Ayurveda medicina mente-corpo, o Ayurishi Ayurveda Maharishi e o Ayurveda tradicional. A prática ayurvédica contemporânea se divide nas categorias: tradicionais, modernos, comerciais e autoajuda, onde os praticantes trazem vivências diferenciadas para competir com o modelo alopático. (WUJASTYK, 2008, p. 51, tradução nossa).

Verifica-se a presença de todas estas características nos diferentes grupos e associações de Ayurveda presentes no Brasil. Práticas que possuem diferenças significativas e distintas regulamentações entre os países. Podemos citar dois representantes mundiais, Dr.

Ananda Samir Chopra, em Kassel na Alemanha e Dr. Vasant Lad, em Albuquerque, no Novo México.

E é justamente a ausência de regulamentação na Índia, o caráter transnacional e global com suas implicações, uma das dificuldades de aprovação em sistemas médicos padronizados em outros países. Neste sentido, os médicos ayurvédicos que mais se adaptam ao modelo institucional alopático ocidental são os que possuem maior aceitação fora da Índia. Um exemplo é Dr. Chopra, um símbolo da Ayurveda global e citado em alguns dos impressos analisados. Quanto à busca por literatura especializada vemos públicos diferenciados. Uns leitores são mais generalistas e outros mais aprofundados. Entre os autores de destaque deste mercado global da Ayurveda é possível citar: Vasant Lad, Robert Svoboda, Deepak Chopra e David Frawley.

Cabe aqui novamente ressaltar parte importante desta pesquisa, a Ayurveda *New Age* surgindo também como uma resposta à fragmentação, despersonalização, desempoderamento do paciente com a prática da Biomedicina alopática e uma resposta ao crescente domínio da Indústria Farmacêutica, bem como, eficácia de tratamento limitado, por outro lado, melhora nas dietas alternativas. Voltamos à contracultura das décadas de 1960 e 1970 e os ataques a valores materialistas, o desejo de explorar estilos de vida alternativos, o interesse por Yôga, filosofias asiáticas, abrangendo a meditação e misticismo (SAKS, 2003). Características encontradas na Ayurveda que chega ao Brasil nas décadas de 80 e 90, estudadas nesta pesquisa e nas fontes.

Neste contexto, as práticas originárias da Ásia entre elas a MTC - Medicina Tradicional Chinesa e a Ayurveda possibilitaram o ressurgimento de uma medicina complementar alternativa, em inglês CAM, uma visão integrativa com a visão interdependente entre, mente, corpo e espírito. Com isso, nos últimos anos no Ocidente um número cada vez maior de produtos alimentícios saudáveis e complementares, bem como de remédios alternativos, tornaram-se disponíveis para compra no setor privado em grande parte, produtos ayurvédicos e fitoterápicos.

É crescente o número de terapeutas alternativos e de profissionais de saúde “ortodoxos” na linha alopática, como resposta a uma demanda pública, acolherem as práticas complementares e alternativas.

Podemos destacar a aromaterapia, massagem e outros ligados à Ásia. A mudança de postura vem após anos de rejeição por muitos profissionais da classe médica que viam estas práticas alternativas como ineficazes, mentirosas e sem comprovação científica, “na

Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980 como charlatanismo "não científico" vinculado à superstição primitiva". (SAKS, 2003, tradução nossa).

Com isto, cresce o debate sobre a necessidade de estruturação desta Ayurveda global dentro e fora da Índia.

No entanto, em termos gerais, os cuidados de saúde no Ocidente parecem ser fechado em um círculo em que agora está começando a retornar ao equivalente das raízes plurais de seu passado histórico, embora em uma roupagem modernizada com crescente aceitação pelo estado de modelos mais ecléticos de cuidados de saúde manifestados, entre outros, pelo aumento do apoio à investigação e regulamentação legalmente subscrita para complementar e alternativa medicina (CANT e SHARMA, 1999, tradução nossa).

Existem entraves jurídicos e estruturais encontrados em outros países. Para Svoboda a questão é complexa e se estende à Índia. Há milênios as tradições ayurvédicas são plurais e fora do domínio médico e ligado a povos originários:

Ainda hoje, existem milhares de pessoas não médicas, todas sobre a Índia que de alguma forma aprenderam um diagnóstico ou um método de tratamento método e regularmente usa para aliviar o sofrimento. Eu conheci muitos que seguem tradições não profissionais, incluindo "sadhus" Quem passa para seus discípulos tanto o conhecimento médico quanto o respeito pela floresta, "vanavasys." Para quem a floresta continua a servir de lar, templo, e farmácia, e uma série de curandeiros locais que tratam doenças espirituais. (WUJASTYK, 2008, p.132. Tradução nossa).

É crescente a preocupação com a diáspora ayurvédica: sua pluralidade e falta de diretrizes em outros países, bem como o aumento sem controle do número de cursos de ayurveda considerados "rápidos" para o ensino de uma ciência milenar ou mesmo "superficial", seja fora ou na Índia, ainda que aplicado por *vaidyas*, médicos ayurvédicos formados na Índia ou não. Outra preocupação é o crescente número de *spas*, massagens, produtos ayurvédicos comerciais e aplicados de forma "distorcida", porém rentáveis e cada vez mais distantes da essência da Ayurveda. (WUJASTYK, 2008, capítulo 2).

O revivalismo cultural que dominou a Índia durante as últimas décadas do século XIX e ao longo de todo o século XX com a transformação da Ayurveda e surgimento da Ayurveda moderna aumentou o número de faculdades e instituições ayurvédicas. A educação ayurvédica revela uma Índia plural e grupos com interesses distintos, a saber: partidos políticos com vertente socialista, grupos apoiadores da Ayurveda e sua abertura para língua inglesa, outros insistiam na linguagem regional, grupos de comunidades com ideologias competitivas: brâmanes, maratas.

Na Índia atual, para se tornar um médico ayurvédico deve se submeter a um curso de graduação de cinco anos e meio. Fora do país de origem, a questão fica muito mais plural

como abordado, sem diretrizes e padronizações, com diferentes culturas e costumes, educacional e clínico com suas normas, linguagens e práticas médicas e fármacos. Este fato também é real no Brasil e demonstra a dificuldade de padronização de normas com escolas de ayurveda com linhas diferentes e tentativas frustradas de uma padronização na educação ayurvédica bem como na regulamentação da profissão do terapeuta ayurveda. Esta história não difere da entrada da medicina chinesa no Ocidente, embora a MTC tenha tido uma acolhida melhor devido ao número expressivo da comunidade chinesa no exterior. O sistema médico de uma sociedade expressa valores e a estrutura social da qual se origina.

Fora da Índia existem diferentes maneiras e diretrizes na educação da Ayurveda. Isto é uma realidade onde cada país tem suas legislações. Nos EUA, por exemplo, não existem padrões atuais reconhecidos para a educação ayurvédica:

[...] Nem há licenciamento reconhecido para a prática de Ayurveda que proteja significativamente ou determina o escopo do profissional de prática ou que sirva para educar o público sobre as qualificações ou educação do praticante. Isso significa que o público não distingue entre um praticante ayurvédico com doze horas de educação de um com 4.000 horas e, talvez mais sério, que os próprios praticantes podem permanecer alheios à proficiência e profundidade possível no campo. Este problema é agravado pelo fato que muitos estudantes de Ayurveda na América já têm cura práticas próprias, como massagem, Reiki, quiropraxia e assim por diante. Estudar um pouco (ou muito) de Ayurveda permite que eles adicionem isso ao seu portfólio. No entanto, o cliente (ou paciente) muitas vezes não sabe o grau em que o Ayurveda entra em sua prática real ou como eles são bem treinados. (WUJASTYK, 2008, p. 154. *Tradução nossa*).

A disparidade na carga horária dos cursos sinaliza para a necessidade de ajustar os currículos, a partir de uma padronização e este é um desafio para os pesquisadores na área, tanto no Brasil, na Índia e em diversos países cuja disseminação desta ciência é crescente.

Como já abordado, no contexto da Guerra Fria, época de incertezas buscava-se um estilo de vida (socialista ou capitalista) que se impacta também na qualidade de vida das pessoas e isto facilitou o fluxo deste saber por países como Inglaterra e EUA e conseqüentemente, o Brasil.

O período que se inicia no Pós-Segunda Guerra Mundial oferece um importante testemunho da centralidade que as referidas políticas passaram a ocupar no capitalismo. Cabe ressaltar que este período marcou de forma efetiva a consolidação de sistemas de proteção social pelos países europeus que, calcados num maior “equilíbrio” na relação capital/trabalho, permitiu a apropriação, por estes últimos, de importante fatia do produto nacional. Neste contexto, as políticas sociais adquiriram organicidade ao sistema, garantindo a desmercantilização da reprodução das condições de vida da população, o que significa, em outros termos, que a expansão dos mercados ocorreu sem romper com a organização política e social que lhe conferia sustentabilidade (Polanyi, 2000). Este fato garantiu um crescimento com redistribuição ao longo de mais de 30 anos nos países europeus. (SIMÕES, 2019, p. 02).

O contexto em que se insere o estudo da prática da Ayurveda está associado ao movimento cultural que ocorre, mundialmente, no período pós-guerras, no qual há uma preocupação com o bem-estar social e ao mesmo tempo, ações promotoras e garantidoras pacíficas. Nesse sentido, o desenvolvimento de práticas que melhorem a qualidade de vida é estimulado, especialmente na Europa, para auxiliar na superação dos traumas do período de guerras e permanece até hoje na busca por qualidade de vida e empoderamento na saúde.

1.1.1 História Global e Transnacional

Para esta pesquisa nos baseamos no olhar da história global e análise da história moderna da saúde, na qual se encontra a Ayurveda Moderna e Global. Observa-se suas particularidades plurais, o surgimento das economias mundiais modernas e a influência na expansão da Biomedicina e a visão ocidental da saúde.

A Ayurveda Moderna possui um forte caráter transnacional e, portanto, global. É um campo recente e importante de estudos na análise de fenômenos e processos históricos. São conceitos globais com um olhar para a globalização, as críticas às histórias nacionais e ao “eurocentrismo” bastante presente na história da saúde e da medicina que poderia caminhar por estruturas mais expansivas reveladoras de conexões e continuidades.

Nesses aspectos, a história global tem muito em comum com as histórias “transnacionais” ou “conectadas”, embora a primeira seja obviamente limitada a períodos e lugares em que existem estados-nação. A história global também oferece aos historiadores um ponto de vista a partir do qual os processos históricos de longo prazo podem ser mais facilmente discernidos. Os historiadores da saúde, da doença e da medicina não aproveitaram essa oportunidade com a frequência que poderiam, e o resultado foi uma historiografia fragmentada e com fortes vieses interpretativos. A análise de unidades temporais ou geográficas relativamente pequenas se inclina para histórias de singularidade e mudança, enquanto estruturas mais expansivas tendem a revelar conexões e continuidades. Ambos são claramente necessários e é hora de o equilíbrio ser restaurado. (HARRISON, 2015, p. 4).

A Ayurveda se caracteriza por seu aspecto global, expansivo e fluido, em especial, após período de colonialismo britânico intensificado pelos processos de globalização e já citados nesta pesquisa no seu caráter moderno. Para compreender melhor este período, alguns acontecimentos históricos são relevantes como o fim da Segunda Guerra Mundial, depois de 1945, nas Relações Internacionais quando as Nações Unidas passaram a simbolizar a construção de uma nova ordem mundial.

Temos blocos ideológicos comunistas e capitalistas com suas subdivisões, já citados, anteriormente, bem como, processos de descolonização, também vivido na Índia, o surgimento de corporações multinacionais com a vinda de um olhar transnacional para o comércio servindo de base para uma globalização contemporânea.

Outro marco importante em 1970 foi à crise do petróleo com reformas no mercado e abertura gradual da China, hoje uma potência mundial. Com uma série de reformas e a criação de zonas econômicas especiais como a cidade de *Shenzhen*, atualmente conhecida como o Vale do Silício chinês a China aumentou a capacidade produtiva visando se tornar um grande exportador de produtos de baixo custo e atrair pesados investimentos estrangeiros. Com isto, ascender da posição de país subdesenvolvido para atingir o status de potência global do século XXI. A Revolução Cultural foi iniciada na China e, 1966 a 1976, o país começou a flexibilizar o regime socialista. “Buscava-se então uma difícil conciliação entre a abertura econômica em direção à economia de mercado e à preservação do regime político autoritário sob a hegemonia do Partido Comunista Chinês.” (ARRUDA, 2003. p. 465.) Temos aqui dois momentos históricos importantes, não só a abertura chinesa para o exterior em 1980, mas na Índia também o crescimento acelerado. “[...] o impacto que a multiculturalidade daquelas civilizações poderá causar em novo ordenamento internacional, distinto do atual, onde prevalece a força militar e o poder econômico”. (PINTO, 2007, p. 01)

Por outro, a Índia não busca nem expandir sua cultura, nem suas instituições democráticas. O que os indianos parecem analisar com grande precisão são os quesitos necessários para a preservação da segurança de sua multiculturalidade, no contexto de entorno imediato pacífico. A liderança atual indiana, portanto, parece entender que a inquietação mundial, provocada por rivalidades étnicas e religiosas, poderá afetar, também, a estabilidade de seu próprio país. Daí, Nova Delhi ter que exercer amplo leque de interlocução com culturas que rodeiam a Índia. (PINTO, 2007, p. 02).

Em 1989-91, a queda do Bloco Soviético e uma integração econômica impulsionada pelo crescimento da comunicação digital intensifica a globalização. A queda do Muro de Berlim, o símbolo máximo da bipolarização do mundo durante a Guerra Fria e o representante final do socialismo como modelo econômico alternativo naquele contexto marcou a história mundial. A reunificação da Alemanha e o início da globalização e todo estes marcos impactaram o mundo a partir da década de 90, do século XX. Por outro lado, por mais que se pensava que o capitalismo triunfaria, mas com abertura capitalista, países de tendência socialista continuaram a existir e se fortalecer no mercado internacional entre eles,

China, Coreia do Norte, Rússia. Como a queda da União Soviética contribuiu para a difusão de práticas educativas e de saúde relacionadas à temática desta pesquisa.

Tem-se a globalização e o impulsionar da comunicação digital caminhos que possibilitaram a abertura das fronteiras culturais e a nossa temática a ciência Ayurveda também foi um conhecimento que ganhou aspectos globais em especial das décadas desta pesquisa, 1980 e 1990.

A partir do final dos anos de 1980 temos uma nova doutrina econômica, o “neoliberalismo” o que mudou as formas sociais, econômicas e culturais com a instalação de hábitos mais “cosmopolitas” neste contexto a expansão da medicina ocidental através da integração global, “[...] períodos sucessivos de integração moldaram não apenas os contornos globais das doenças, mas também o surgimento e a expansão da medicina ocidental e dos conceitos de saúde” (HARRISON, 2015, p. 8).

A partir da Segunda Guerra Mundial tem-se o Neoliberalismo e dentro desse prisma, as ideias neoliberais ganham forças a partir do colapso do bloco socialista, a chamada “Economia Planificada”.

O neoliberalismo vem com o objetivo da abertura de dois mercados e a redução do protecionismo e abre espaço para a globalização. Essa é compreendida como a expansão dos mercados, configuração do Estado mínimo, a redução de barreiras, tarifas, permitindo a expansão do processo de globalização. As cidades globais (capital transnacional) e as empresas transnacionais (ator da globalização) foram os agentes centrais no sistema da globalização neoliberal. Para Machado, a globalização não vem somente com benefícios e vêm com um processo impositivo, muitas culturas tiveram que se adaptar a esta globalização e outras exterminadas por modelos impostos (MACHADO, 2019, 02):

Naturalmente, não se pode deixar de lado que culturas são adaptadas, quando não exterminadas, para que se siga o modelo imposto pelas Nações ricas e poderosas, em detrimento daquelas menos favorecidas, que se veem sob um domínio silencioso, mas eficaz. Dá-se a todo esse processo o nome de globalização, que antes de ser um movimento que traga somente benefícios, acaba muitas vezes se transformando na imposição de culturas, economias e políticas, tudo de forma, muitas vezes, a tornar os pobres ainda mais pobres, subjugados pela força dos mais poderosos, vendo-se na iminência de perderem suas tradições e de sofrerem com as imposições imperialistas. (MACHADO, 2019, p. 02).

Os anos 90, no Brasil, foram um período de grande transformação na saúde. Tem-se à criação do sistema público de saúde universal e gratuito e à luta por sua implantação e por seus princípios. É importante lembrar da influência do que acontecia em nível global na OMS -Organização Mundial da Saúde. “O SUS pode ser considerado uma das maiores

conquistas sociais consagradas na Constituição de 1988. Seus princípios apontam a democratização nas ações e nos serviços de saúde que passam a ser universais [...]”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000, p. 05).¹⁷

Com o surgimento da globalização, da história global um novo olhar foi aberto com a ideia de que os instrumentos usados pelos historiadores para explicar o passado não eram mais suficientes. “[...] os primeiros esboços de uma história global surgem após a II Guerra Mundial e o interesse pela mesma ganha fôlego já no final do século XX” (CHIAVELLI NETO, 2019, p. 01). A história global e seu propósito,

[...] de acordo com Conrad, é a mudança, o rompimento com uma ideia de História que se estabeleceu, seja no campo institucional, seja no campo do conhecimento, já que esta noção estava associada, em diversos países, à história nacional. A gênese das ciências humanas e de suas disciplinas, assim como da estruturação do conhecimento, eram eurocêntricas, ou seja, colocavam em primeiro plano o “nacionalismo metodológico”, no qual o Estado-nação era considerado a unidade de análise central e os progressos dos europeus eram a força motriz de uma história do mundo, o que acabava por obscurecer as experiências de outras sociedades. Por sua vez, com a perspectiva da história global, busca-se uma ruptura com essa abordagem e a História passa a ser vista de uma forma mais ampla e inclusiva, considerando sujeitos, grupos sociais, sociedades, artefatos, ideias, instituições etc. por meio de circulações e intercâmbios”. (CHIAVELLI NETO, 2019, p. 02).

Cabe aqui ressaltar que a medicina ocidental na Índia esteve sempre ligada ao seu caráter colonial, sendo assim, teve resistência e não atendia à necessidade da população, “falhou em fazer a transição do estado medicina à saúde pública”. (ARNOLD, 1993, p. 2).

A medicina ocidental também é às vezes vista como uma das partes mais poderosas e penetrantes de todo o processo de colonização, uma das mais duradouras e, de fato, destrutivas ou distorcendo legados de domínio colonial na Índia, como em muitas outras partes da Ásia, África e América Latina (ARNOLD, 1993, p. 4).

No começo do século 20, após a Primeira Guerra, fez-se mais presente a necessidade de formação de profissionais dedicados à cirurgias, mas “A Medicina ocidental passou a ser exercida dentro dos conventos da Europa, guardada por monges que se limitaram ao que havia sido deixado por Hipócrates, na Grécia, e por Galeno, em Roma. Dentro dos conventos praticava-se a clínica e alguns procedimentos cirúrgicos”¹⁸.

A medicina “ocidental” emerge no século XIX como medicina científica e o saber médico paulatinamente se torna autoridade sobre os corpos (FOUCAULT, 2011). Este

¹⁷ Fonte: Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/sus_principios.pdf. Acesso em: 4 abr. 2021.

¹⁸ Fonte: Disponível em: <https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=673#:~:text=A%20Medicina%20ocidental%20passou%20a,cl%C3%ADnica%20e%20alguns%20procedimentos%20cir%C3%BArgicos>. Acesso em: 1 maio 2021.

período histórico coincide o desenvolvimento do capitalismo e com a colonização britânica na Índia, e um maior controle da população através da medicina, tem-se a política de medicalização autoritária e “na Inglaterra do final do século XIX, foi criado o *health service*, uma forma de medicina estatal, com a finalidade de controlar a população pobre por meio de uma política de medicalização autoritária” (MENEZES, 2016, p. 08).

O setor farmacêutico mundial contribuiu para o crescimento deste mercado globalizado. Após a Segunda Guerra Mundial, houve fortalecimento da produção de medicamentos baseados na síntese química e diversificação da oferta e demanda por medicamentos. O mercado farmacêutico passou da competição mais ampla para uma de caráter oligopólico. (KORNIS, 2014, p. 01)

Para Foucault, a medicina ocidental exerce seu poder sobre os corpos, já diferentes sistemas médicos como a Ayurveda trabalham no sentido do “empoderamento” dos sujeitos.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 1981:47 apud MENEZES, 2016, p. 08).

A preocupação com o corpo acompanha as pessoas ao longo das diferentes organizações sociais. Na Antiguidade Clássica Greco-romana, o culto ao corpo era a fonte da juventude, da vida e de bem-estar. Valorizava-se a prática esportiva, os exercícios físicos e uma alimentação balanceada com frutas. O corpo era exibido, nu ou com roupas, mas como expressão de liberdade.

Na sociedade medieval, especialmente pela ação da Igreja Católica, o corpo assume a condição como morada do pecado. Condena-se o corpo, especialmente das mulheres, e impõe-se uma clausura, mediante roupas que cobriam quase todas as partes. Com pouca variação alimentar, o corpo medieval é mais frágil, sujeito a enfermidades e disciplinado pela religião católica.

Com o advento da Modernidade, especialmente a partir do Iluminismo, a sociedade começa a rever o corpo, a preocupação com a saúde. Para Rosa, na História da Ciência o período chamado de Ciência moderna vai do início do século XVII até o final do século XIX. “Durante esse período, uma verdadeira revolução conceitual e metodológica estabelecerá as bases sobre as quais se desenvolveria o conhecimento científico, cujos antecedentes recentes se encontravam no Renascimento Científico, e suas origens mais

remotas na civilização helênica”. (ROSA, 2012, p. 15). De acordo com Shinn, a modernidade marcou o fim do sagrado na pré-modernidade, ou seja, a crença na salvação,

Na modernidade, esse embasamento existencial do pensamento e da conduta individual e coletiva dá lugar a um *zeigeist* de “desencantamento” e de “gaiola de ferro”, tão eloqüentemente expresso por Max Weber como metáfora para a modernidade (cf. Scott, 1997; Weber, 1993). Seis conceitos centrais estão na base do que veio a ser conhecido como “modernidade”: a epistemologia racional crítica, a “universalidade”, o ideal iluminista de progresso, a diferenciação estrutural, a integração funcional e o determinismo (cf. Habermas, 1987). A partir desses princípios, segue-se uma plêiade de instituições acessórias, de formas de interação social, um tipo de conhecimento e um sistema epistemológico dominante para estudar o mundo material e social, experienciando-o e nele vivendo. (SHINN, 2008, p. 03).

De acordo com o Shinn, novas formas de cognição e de tecnologia característicos da pós-modernidade e que engloba “[...] os campos da teoria do caos, da engenharia genética, da cibernética, dos estudos de não-linearidade e complexidade, do desenvolvimento e difusão do computador e da capacidade de simulação da realidade, da geração da realidade virtual [...]” (SHINN, 2008, p. 08), e do uso supremo da imagem como entretenimento e uma nova forma de comunicação global.

Como crítico da modernidade, Lyotard critica o retrato modernista da história e o conceito de narrativo de que “[...] muito do que é útil na história originou-se no Iluminismo, que desde o Iluminismo a humanidade progrediu cognitivamente com rapidez, assim como em termos de liberdade, igualdade e fraternidade”. E não somente a ciência seria colocada de forma universal, estas narrativas de valores seriam colocadas na escala universal. Além disto o autor ressalta que a modernidade acabou com a individualidade. “Um princípio central da pós-modernidade de Lyotard é sua insistência na “diferença”. Ela requer pluralismo na escolha e ação individuais. A ética universalista elimina a legitimidade da diferença individual e do pluralismo”. (SHINN, 2008, p. 09).

De acordo com Neto, a história global rompe com a ideia de História associada à história nacional e com a gênese das ciências humanas e da estruturação do conhecimento eurocêntricas, com a análise voltada para o Estado-nação e a visão de progressos dos europeus como força motriz de uma história do mundo. Com isto, “a História passa a ver vista de uma forma mais ampla e inclusiva, considerando sujeitos, grupos sociais, sociedades, artefatos, ideias, instituições etc. por meio de circulações e intercâmbios”. (CHIAVELLI NETO, 2019, p. 02).

Ao contrário do que o nome sugere não se trata de uma História sobretudo, isto é, sobre o planeta como um todo, mas sobre conexões, interações transfronteiriças, dimensões fluidas e flexíveis das transformações históricas dentro de um

determinado recorte. É uma percepção que tenta romper com a lógica “centro versus periferia” – que se inscreve na concepção de História sustentada pelos Estados nacionais –, estabelecendo, de outro modo, relações em redes. Também não se trata de uma metodologia que possa ser usada de forma irrestrita. Sua utilização encontra mais sentido quando aplicada a determinados períodos, lugares e processos; é necessário ter a percepção do grau e da qualidade das conexões do objeto. (CHIAVELLI NETO, 2019, p. 02).

Objetiva-se transcender as perspectivas limitantes dos Estados nacionais e da hegemonia do Ocidente. “Segundo o autor, há uma relação de proximidade entre a história transnacional e a global, justamente por ambas transcenderem a compartimentação da realidade histórica e do internalismo”. (CHIAVELLI NETO, 2019, p. 05).

2. CONSTRUINDO E CONTEXTUALIZANDO OS IMPRESSOS COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

Colher e fazer o registro dessas impressões é um dos papéis da mídia. A imprensa produz documentos repletos de experiências, afinal, desde o seu surgimento registra “impressões” da história e na história. Podemos definir aqui impressões como, coisa impressa, marca ou mesmo um sinal que fica e influencia no organismo, sensação, efeito de uma causa. Significados nada distantes da visão historiográfica.¹⁹

Para falar da imprensa e da área da Comunicação precisamos abordar essa ação humana que nos aproxima. O ato de comunicar-se. Ele acompanha-nos desde o nascimento ou podemos dizer que bem antes desta fase, quando a vida se faz presente, e ainda estamos na barriga de nossas mães.

O verbo comunicar pode ser definido de forma bastante interessante como o ato de tornar comum. Desde o início da história do homem a comunicação permitiu a socialização e aqui fica visível esse “tornar comum” no sentido de sociedade, grupal. No sentido de fazer sentido em grupo, de entrar na mesma sintonia comunicacional. Cabe aqui demonstrar a importância dos impressos como análise documental na visão historiográfica.

E nesse processo as imagens, os signos, as palavras e os outros símbolos ganham força e um importante papel. Como citado por Bertrand Russel, “Todos os pensamentos bem elaborados requerem palavras.”²⁰ E essas palavras ajudam a sair da nossa experiência pessoal e partir para a coletiva.

O impresso documenta a história. Palavras documentadas carregam “pegadas”: de pensamentos e impressões. E é essa leitura desses meios de comunicação que objetivamos fazer com essa pesquisa.

O sentido deve ser induzido pelas próprias palavras: sua significação deve se formar antecipadamente por uma significação gestual que é imanente à fala. A linguagem, seja ela musical ou mesmo plástica, diz algo. Apesar de não ser compreendida de início, ela secreta sua significação que não é o sentido comum das palavras, dos sons, ou das imagens pictóricas. Isso leva Merleau-Ponty (1945) a afirmar que há um pensamento na fala. (FEITOSA, 2007. p. 09).

E essas palavras fazem à escrita. Afinal, desde os primórdios começam a moldarem-se os mais variados tipos de linguagem. Antes das primeiras expressões pictóricas do homem primitivo, as denominadas “pinturas rupestres”, teve início o processo da História

¹⁹“Impressões”. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/impress%C3%B5es>. Acesso em: 3 fev. 2022.

²⁰ LEONTIEV, A. Linguagem e Razão Humana, 1971, p. 141.

da Comunicação. “Várias são as teorias que tentaram explicar como teria se originado a linguagem [...] interpretou-se a linguagem como um estágio sucessivo à comunicação através dos gestos”. (GIOVANNINI, 1984, p. 27). É sabido que ela vai além.

Cabe aqui ressaltar que as primeiras escritas eram desenhos, representações de uma era primitiva são pictográficas e não fonéticas, parte de um processo em construção. Aqui é importante ressaltar que a história é viva e constantemente novas descobertas revelam diferentes capítulos. Uma história que ainda está sendo construída e abarca questões inéditas. Um exemplo importante é que em 1937, arqueólogos em Viena encontraram pedras datadas de 15.000 a.C. “Essa descoberta, que destruía tudo o que a Pré-História clássica admitira até então, foi autenticada pelo padre Breuil, em 1938. (CHARROUX, 1963, p. 19).

Quando falamos das palavras elas vestem ideias e a história da imprensa e do jornalismo é um caminho que passa pela construção e pelo registro de diversas fontes documentais de pesquisa histórica e científica. Um fazer de sentidos e ideias ligadas a capacidade de comunicar-se e sua necessidade, embora que veio a ser valorizada pelos historiadores somente mais tarde como veremos a seguir, mas que, “possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos” (CAPELATO, 1988, p. 13).

A comunicação faz parte do ser humano. Somos seres sociais e comunicantes segundo Madre Tereza de Calcutá, “[...] a primeira necessidade: comunicar-se [...]”. O processo está diretamente ligado à comunicação como condição humana o que foi bem explorado pela perspectiva nietzschiana, “bem [...], parece-me que a sutileza e a força da consciência estão sempre relacionadas à capacidade de comunicação de uma pessoa [...], e a capacidade de comunicação, por sua vez, à necessidade de comunicação” (NIETZSCHE, 2012, p. 221).

Conhecer a história da evolução da mídia no Brasil e no mundo além de contribuir para o entendimento da história e da evolução do comportamento humano, explica a escolha das fontes escritas, impressas para esta pesquisa. Com o desenvolvimento das economias e das sociedades, a mídia atravessou vários estágios e muitas mudanças. Livros, jornais e revistas contribuíram nas grandes transformações da civilização, em especial nos anos 89 e 90 períodos históricos já destacados nesta pesquisa ou mesmo no Brasil, pós-ditadura, por exemplo. Textos e sua circulação massiva desde os primórdios contribuíram para as grandes mudanças políticas e sociais.

Os meios de comunicação de massa como impressos, o rádio e a televisão e posteriormente a era Digital, são essenciais para a divulgação da informação e para que possamos estar conectados com o que acontece em nosso entorno e em nível global. E o

impresso é um documento histórico, entre tantos outros, e mantém vivo a memória e a história. São os chamados suportes informacionais, “patrimônio cultural documental” e como afirma Pavezi (2010, p. 27) “A preservação e o apreço do patrimônio cultural permitem a sociedade defender sua soberania e independência e, por conseguinte, afirmar e promover sua identidade cultural.”²¹

2.1 FONTE DOCUMENTAL

O surgimento dos jornais impressos tradicionais revolucionou a história da comunicação, hoje não tão conhecidos e valorizados pela geração do “Digital”. Na segunda metade dos anos 1980 e 90, data escolhida para esta pesquisa, os jornais impressos cresciam rapidamente em circulação. “A intensificação de técnicas de marketing na produção e circulação dos jornais propiciou que os anos 1990 fossem expoentes em vendagem”. (RUBLECKI, 2010, p. 02). Era uma das mais importantes formas de meio para ter conhecimento do que acontecia no país e no mundo, além é claro, dos canais de televisão dominantes da época. Poucas visões sobre uma mesma notícia ou fato através dos meios de comunicação comparado a era Digital.

Em um Estado Democrático, opiniões e modos de agir não devem ser impostos de forma ditatorial, pois o sistema é formado por diversas opiniões divergentes. Contudo, muitas dessas ideias são manipuladas pela mídia, que de certa forma impõe indiretamente um padrão populacional. (CARVALHO, 2017, p. 03).

Hoje, com a crise de identidade dos jornais impressos poucos ainda mantêm a sua versão impressa. De acordo com a Associação Brasileira de Imprensa²², o avanço dos meios digitais e da imprensa no mundo online é crescente e marcou definitivamente a história do impresso, um jornalismo cada vez mais presente no mundo. Uma realidade ainda mais evidente com o encerramento, em 2021, de 12 veículos de comunicação brasileiros. “A lista é composta majoritariamente por publicações impressas, que representaram 58% dos fechamentos de redações ou, em números absolutos, sete títulos que deixaram de ser publicados em papel”²³.

²¹ Fonte: Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10956/PAVEZI%2c%20NEIVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

²² Fonte: Disponível em: <http://www.abi.org.br/um-panorama-sobre-a-crise-da-midia-impressa-no-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

²³ Fonte: Disponível em: <http://www.abi.org.br/um-panorama-sobre-a-crise-da-midia-impressa-no-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

As décadas de 80 e 90 são eixos temporais que confirmam o lugar central da mídia impressa na cena política brasileira, como também aponta o seu protagonismo no período pós-abertura. O Brasil da Ditadura entrava em um período político importante. Ao longo da década de 80, pressões por eleições resultou no movimento de “Diretas Já”. O Movimento era pela promoção do processo de redemocratização mesmo que indiretamente um presidente civil foi eleito: Tancredo Neves.

Um caso que pode ser tomado como exemplo de manipulação são as eleições de 1989, em que Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor eram os principais candidatos para a presidência da República. Durante tais decisões democráticas, a mídia dominante era a TV Globo, que alguns anos antes das eleições de 89 era a favor da Ditadura Militar que foi implantada no país. Como Lula durante o período militar era contra o regime, além de liderar diversas manifestações e revoltas, era então aos poucos silenciados pela grande mídia, tendo períodos de debate curtos e cortados, assim fazendo com que Fernando Collor fosse crescendo em índice de votos, além de gráficos de percentuais que indicavam o melhor a governar o país, que eram mostrados pela TV Globo. A emissora havia apoiado a candidatura de Collor, pois o mesmo era representante da elite, o que formava a grande maioria da Rede Globo, além de ser a porcentagem dominante em questões governamentais, estabelecendo o seu “império”. (CARVALHO, 2017, p. 04).

A imprensa registra e documenta fatos da história. Seja através da escrita ou da fotografia, outro importante meio de registro documental, lida com diferenciadas questões geográfica, cultural, temporal e de todas as nuances possíveis.

Existe um seguir metodológico quando falamos de estudo científico, portanto, compreender o lugar histórico de onde vêm esses jornais, periódicos ou meios de comunicação. “Construir a história dos meios de comunicação é levar em conta primeiramente o que poderíamos definir como cena midiática existente em dado momento e lugar.” (BARBOSA, 2018, p. 22).

Definir detalhes e vozes nesse produto comunicacional, ou seja, quem produziu, em que espaço geográfico, temporal, circunstância social faz diferença para compreender o processo comunicativo com um todo em uma pesquisa como essa. Nesse contexto amplo, essa pesquisa objetiva abordar também a chamada história transnacional para compreender melhor a história da Ayurveda, o nosso objeto de estudo nessa dissertação. Como ressalta Barbosa, analisar o passado é pesquisar também vestígios:

A tentativa de acessar o passado, entretanto, faz-se pela interpretação e análise dos documentos, compreendidos aqui na sua acepção mais ampla, que chegam até o presente sob o aspecto de vestígios. Essa interpretação eivada da subjetividade do pesquisador tem a marca da época em que foi produzida e está permanentemente sujeita a novas interpretações, revisões, reformulações. É com base nessa suspensão

constante e nesse aspecto provisório que o conhecimento científico pode avançar. (BARBOSA, 2018, p. 02).

Não à tona documentos jornalísticos são registros da história dotados de pensamentos através da escrita, o que reforça ainda mais a sua riqueza enquanto fonte documental científica. Portanto, a escolha da pesquisa por impressos no levantamento da história analisada reforça a relevância dos documentos midiáticos como fonte de estudo histórica científica, embora esse reconhecimento seja recente, datado de forma efetiva no século XIX.

Os jornais impressos, os periódicos, sem dúvida trazem um desvendar. Possibilitam a construção e a reconstrução desse emaranhado e muito revelam sobre determinada ótica e contexto, social, político, econômico e cultural.

Através dos periódicos podemos desvendar o social, o político, o econômico e dentro de um período pré-determinando para estudo e os agentes participantes do processo social, ainda é possível percebermos seu papel na construção dos imaginários e memórias sobre a história (KRENISKI, 2011, p. 1).

Muito foi discutido sobre a neutralidade da imprensa e aqui cabe citar, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Para investigar os documentos e tudo o que é produzido pela mídia de um período específico faz-se necessário avaliar a história do período em análise, a sociedade em que foi produzido e outras nuances envolvidas no processo de investigação, o que já observamos. E a própria escolha do documento de análise pode ser vista como uma escolha.

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da própria posição da sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. [...] [O documento] é inicialmente o resultado de uma montagem (consciente ou não) do historiador, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais a viver [...] durante as quais continuou a ser manipulado (LE GOFF APUD KARAVEJCZK, 1990, 540-541).

O exercício jornalístico e suas produções não podem ser vistos como um mero agente transmissor de dados e sim uma maneira de refletir e auxiliar no desenvolvimento crítico da sociedade, apresentando diferentes visões de mundo e da história. É algo vivo e

carregado de vozes e pensamentos, produzido por humanos. Portanto, materiais impressos vão muito além de um simples informar e atuam em diferentes frentes:

- (1) No fomento a adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação;
- (2) Na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores e comportamentos;
- (3) Na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social;
- (4) Pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento;
- (5) No alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade;
- (6) Na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo;
- (7) Na formação do consumidor, funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259).

Faz-se importante destacar que as fontes primárias desta pesquisa são os impressos, meio de comunicação bastante atuantes na década de 80 e 90 no Brasil e que conta com uma formatação do conteúdo específica. É um meio tradicional de comunicação impressa permitindo ao leitor dois modos de consumir a informação: o texto e a imagem. Existe a leitura de um texto por vez e com uma a informação limitada ao que está escrito diferentemente na era digital, outro marco na comunicação com uma interação em formatos de mídia diversos para além da imagem e texto e sim, vídeos e som com o acesso a informações complementares e visões diferenciadas sobre um mesmo assunto.

Na versão impressa, o leitor encontra matérias com temas definidos e, muitas vezes, com um número de informações limitado ou que não despertam o seu interesse, portanto as fontes primárias desta pesquisa eram na época meios limitados de informação e do que acontecia no Brasil e no mundo.

Até o final do século XX, as informações não estavam acessíveis de forma pública ao cidadão comum. Nas décadas desta pesquisa no Brasil o acesso a tecnologias de reprodução e difusão exigiam recursos financeiros, portanto, estava restrita a uma elite, que detinha o controle dos veículos de massa. E como já abordado, por serem provenientes de poucas fontes, essas informações podiam ser facilmente controladas e sofriam influência de grandes agências de comunicação. Portanto as fontes impressas analisadas nesta pesquisa são de certa forma testemunhas desta história e iam muito além de um simples informar. “As fontes documentais, independentemente do suporte ou do gênero, são fontes de recuperação e preservação da memória coletiva e individual”. (CARLI, 2013, p. 12).

Ressalta-se que o Jornal do Brasil foi o primeiro a fazer uma cobertura ampla no espaço virtual, em seguida veio o Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo e o Globo. Alguns jornais ofereciam atualizações de seu conteúdo em tempo real e outros em caráter semanal. (MIRANDA, 2007, p. 19).

Neste sentido os jornais impressos e as fontes jornalísticas tem importância tanto para os profissionais da comunicação, como para os historiadores. Para o historiador, as edições antigas dos impressos são documentos históricos, um registro de um tempo, de memórias que podem ser analisados por uma metodologia historiográfica. Para Marcilio, além de outras fontes encontradas em bibliotecas e acervos, “[...] o jornal passa a ser um lugar de memória, apenas à espera de alguém que possa interpretá-lo adequadamente. Em outras palavras, os materiais que os jornalistas produzem serão utilizados pelos historiadores como fontes de pesquisa”. (MARCILIO, 2013, p. 02).

Cabe ressaltar “os poderes” dentro da “grande mídia” e algumas categorias de jornalismo, informativo, opinativo, interpretativo e entretenimento aqui por outro lado é imperativo destacar um jornalismo cuja condução da informação deveria chegar ao receptor sem “ruídos”, mas sabemos não ser essa uma realidade e talvez uma realidade que jamais será possível justamente porque lidamos com o humano, algo “vivo” e em construção como abordamos acima e que parte de uma “escolha”. Segundo o jornalista Salloum (2002), chegar ao receptor sem ruídos, “[...] não é o que acontece na maioria das vezes. Estratégias, objetivas ou subliminares, de condução da informação, vêm sendo usada por longo tempo no sentido de fazer com que o receptor não reflita, mas aceite [...]” (SALLOUM JR., 2002, p. 22).

Nenhuma produção documental é neutra e sua durabilidade também indica certa propensão a já ter sido produzida visando a uma possibilidade futura. Quando se considera a própria produção midiática como documento de uma época, é preciso perceber igualmente que ela tinha uma relação especial com o seu presente histórico. falarem de si mesmos e, assim, se constituírem em fontes para sua própria história, os meios de comunicação, por outro lado, produzem uma fala memorável em que o passado é apresentado como portador de significâncias que dizem respeito muito mais a um ideal presumido do que deve ser fixado no futuro. Mas é dessas entranhas que devemos extrair significados sobre aquele mundo. (BARBOSA, 2018, p. 03).

No século XIX, a visão positivista em busca da verdade não deixava que os impressos fossem utilizados como fonte historiográfica. Analisar essas “entranhas” pode nos dar importantes respostas.

Imaginava-se, pois, subjetivo, portanto, falsificador da realidade, o que distorcia, por assim, as imagens do passado. Restituir os tempos pretéritos implicava ao historiador rigor no distanciamento do objeto, tanto temporal quanto imparcial, tornando-se, então, tarefa fundamental para se atingir o conhecimento objetivo e verdadeiro. (CALONGA, 2012, p. 02).²⁴

²⁴ Fonte: Disponível em: <https://docplayer.com.br/177606-O-jornal-e-suas-representacoes-objeto-ou-fonte-da-historia-1.html>. Acesso em: 1 ago. 2021.

Aqui nesse momento é importante ressaltar a mudança na pesquisa histórica e a inclusão das produções jornalísticas e midiáticas como fonte histórica científica e como referência. Antes dessa data, isso apenas era creditado às fontes oficiais, tradicionais; ressalta-se aqui o tamanho, a importância e a riqueza de informações presentes nos documentos midiáticos. E não foi pouco o tempo em que somente as fontes tradicionais, como documentos oficiais fósseis, compunham a narrativa histórica. “O trabalho historiográfico exige tirocínio para buscar em arquivos documentos que possam servir para contar o ocorrido, o mais próximo possível do acontecido” (ALVES; GUARNIERI, p. 5).

De acordo com Lee Goff, no século XX, tem-se a crítica da noção de fato histórico, “que não é um objeto dado e acabado”, é construído pelo historiador. Outra crítica citada é a noção de documento, “que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento (FOUCAULT; LE GOFF, 1990, p. 06).

Ao mesmo tempo ampliou-se a área dos documentos, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia, de uma arqueologia muitas vezes separada da história. Hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se arquivos orais; são coletados etnotextos. Enfim, o próprio processo de arquivar os documentos foi revolucionado pelo computador. A história quantitativa da demografia à economia até o cultural está ligada aos progressos dos métodos estatísticos e da informática aplicada às ciências sociais. (LE GOFF, 1990, p. 06).

Embora, o avanço das mídias digitais seja cada vez mais evidente, a mídia impressa, nossas fontes primárias, ainda é um importante instrumento de compreensão social. Influencia a realidade e no abarcar e alcançar dos fatos da história e sua importância ganhou contornos maiores com os avanços nas pesquisas históricas como abordado acima.

Para entender um pouco mais como se deu o processo de mudanças, o ano de 1968 é um marco de uma nova fase na história do movimento dos Annales. Estas mudanças ganharam um outro patamar com a “terceira geração dos Annales” entre eles, o pesquisador Jacques Le Goff, já citado. A perspectiva da nova Escola Francesa, *Nouvelle Histoire* e da Escola de Annales amplia o olhar da pesquisa historiográfica. Possibilitou ao historiador um processo mais amplo nas pesquisas.

No início do séc. XX, a Escola de Annales avançou na visão sobre as Ciências Sociais tendo possibilitado o sair das ferramentas ou fontes de pesquisa historiográficas tradicionais. Com um olhar histórico para essa observação é possível descobrir particularidades e diferentes camadas de uma sociedade como já abordado. Aumentou o compreender do pensamento coletivo de uma época, suas particularidades e individualidades.

Esta foi outra contribuição da nova escola. Novas fontes ampliaram os horizontes de compreensão e entendimento da história.

Entre as novidades, postula-se a possibilidade de examinar a história de acordo com uma nova escala de observação — atenta para o detalhe, para as microrrealidades, para aquilo que habitualmente escapa ao olhar panorâmico da macro-história tradicional — e é a esta nova postura que se passou a chamar de micro-história. Intensifica-se também o olhar do historiador sobre o seu próprio discurso, e o fazer historiográfico, mais do que nunca, será ele mesmo um objeto privilegiado de estudo. De igual maneira, o principal das preocupações historiográficas parece se deslocar para o âmbito da cultura, de modo que a história cultural passa a ocupar uma posição central no grande cenário das modalidades historiográficas. (BARROS, 2013, p. 04).

Nesse período, a imprensa escrita passa definitivamente a ser olhada como fonte documental e fica em evidência à história do tempo presente. Discursos e expressões são vistos como agente histórico que atua no processo. Especialmente a partir de 1970, os *Annales*, propuseram a interdisciplinaridade na pesquisa historiográfica, considerada uma “revolução documental”. “A corrente historiográfica dos *Annales* na década de 1970 alterou o campo de atuação do historiador, conduzindo-os a novos rumos, a trilhar novos caminhos. A utilização dos impressos resulta justamente dessa renovação da própria disciplina. (LE GOFF, 2010, p. 531 apud CALONGA, 2012, p. 03)²⁵. Portanto, como afirma Carneiro, uma revolução das abordagens políticas e culturais que ampliou a importância da imprensa escrita que passou a ser considerada fonte documental, “só a partir da terceira geração dos *Annales*, os caminhos abriram-se efetivamente aos impressos”:

Essa renovação possibilita ao historiador uma ruptura com a história positivista que restringia suas análises a modelos macropolíticos, biográficos, ou mesmo de enaltecimento dos governos, buscando acima de tudo romper com esta visão, valorizando questões que envolvam o poder por outros prismas. Surge assim o trabalho voltado para análise dos micropoderes, os símbolos políticos, as propagandas ideológicas, enfim, as relações do imaginário político com o próprio poder, como por exemplo, as relações e formas de poder que permeiam o jornal. A renovação das abordagens políticas e culturais redimensionou a importância da imprensa escrita, que passou a ser considerada como fonte documental, na medida em que enuncia discursos e expressões (...) (CARNEIRO, 2014, p. 06).

Portando, esta pesquisa que utiliza os impressos como fontes primárias para este estudo só é possível graças à evolução e esta contribuição na história da historiografia e a inclusão destes pesquisadores que propuseram essa abertura no olhar para o documental. Com o jornal impresso ganhando reforço no caminhar historiográfico, não se tinha mais a

²⁵ Fonte: Disponível em: <https://docplayer.com.br/177606-O-jornal-e-suas-representacoes-objeto-ou-fonte-da-historia-1.html>. Acesso em: 9 dez. 2021.

obrigatoriedade da neutralidade, aliás, mudou-se o olhar sobre a “neutralidade” e diminuiu a “negação” de fonte específica:

O historiador, portanto, manter-se-ia neutro diante do objeto, para assim, poder conhecer a verdade dos fatos. A ideia de que o historiador deveria ter uma visão objetiva dos acontecimentos levou à negação de determinadas fontes, como a imprensa, que não poderia servir à História por ter uma alta carga de subjetividade na maneira como narrava os acontecimentos. Na verdade, pensava-se “atingir seus fins aplicando técnicas rigorosas respeitantes ao inventário das fontes, à crítica dos documentos, à organização das tarefas na profissão” (BOURDÉ; MARTIN, 1993, p. 97).

Entre os historiadores citados é importante destacar Le Goff, representativo na terceira fase dos Annales geração. Ele foi homenageado em artigo, “Homenagem a Jacques Le Goff”, historiador extraordinário. Esse é o título do artigo da edição da revista *Chroniques da Bibliothèque Nationale de France*, número 72, de 2015. Foi um importante contribuinte da “renovação historiográfica” e da ampliação da noção de documento/fonte. (A REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2015)²⁶. Com as discussões acerca dos métodos e dos conceitos da História avançou nos horizontes historiográficos.

Juntamente com Pierre Nora, nos idos dos anos 1970, inscreveu como pauta de atenções da historiografia uma densa reflexão sobre história-problema, novos objetos e novos métodos, com as provocações suscitadas pela publicação, em três volumes, dirigidos em parceria com Nora da coleção Faire de l’Histoire (1974). Também são centrais suas contribuições acerca do conceito de tempo e a periodização em História, além de aproximações precursoras com a Antropologia e as proposições vigorosas ao diálogo interdisciplinar, segundo ele imprescindível à História.²⁷ (A REVISTA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2015, p. 01).

Portanto, diferentemente das fases anteriores, a terceira fase dos Annales amplia os campos históricos para uma diversificação de objetos e dimensões de estudo segundo Barros, “[...] uma certa fragmentação do conhecimento historiográfico. A ampliação de campos históricos já não tem limites. Há uma história para tudo o que é humano, ou mesmo espaço para uma “história sem homens” [...]. (BARROS, 2013, p. 10).

Contudo, de acordo com Calonga (2012), no Brasil, o uso ampliado dessas fontes, inclusive da imprensa escrita, na historiografia, é bem mais recente.

Historiadores de diversos matizes teóricos reconheceram na imprensa escrita novas possibilidades de análises e ressignificações do passado. Contudo, a inserção dos

²⁶ Fonte: Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/qQPv3WvXLZxtCwdL8vY6Mc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2021.

²⁷ Fonte: Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/heduc/v19n46/2236-3459-heduc-19-46-00007.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

impressos na produção historiográfica brasileira, especialmente o uso de jornais, revistas, folhetins e edições ilustradas, ainda é recente se comparado a Europa e Estados Unidos. Somente nos últimos anos, os trabalhos que se valham de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil se consolidaram. Identificam-se, a partir daí, relativo aumento na utilização dos periódicos como documento e objeto de pesquisas, incluindo-se dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações de artigos e/ou livros. (CALONGA, 2012, p. 86).

Nessa pesquisa, todos os periódicos são do estado do Rio de Janeiro e predominante da cidade do Rio de Janeiro, uma capital importante do país na história da imprensa. A pesquisadora Barbosa, traçou um painel de como a imprensa escrita se estruturou e se modernizou no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, “E faz sentido ser o Rio a protagonizar tal estudo, posto que era – até 1960 – a capital da República e, para muitos, uma espécie de permanente capital cultural”. (ROLLEMBERG, 2008, p. 02).

São impressos de diferentes autores, jornalistas, e com linhas editoriais variadas, da ciência, da área da saúde, comportamental, entre outras. O objetivo é examinar diferentes períodos como fontes históricas que datam dos anos de 1987 até 1999. Têm-se 16 periódicos analisados, dentre esses, três da revista *Manchete*, uma revista semanal de notícias do Brasil fundada por Adolpho Bloch, da Bloch Editores publicada regularmente entre 1952 e 2000, desses das datas, 1989 (dois) e 1999.

Do *Jornal do Brasil*, jornal diário, conhecido como JB, publicado no Rio de Janeiro pela Editora JB entre 1891 e 2010, em sua versão impressa. Desses, têm-se dez impressos, dos anos de 1983, 1984, 1985, 1988, 1989, 1994 (dois), 1998 (dois), 1999. Dos impressos extras, tem-se o *Jornal O Fluminense* de 1987, impresso diário fundado em 1878 pelos majores da Guarda Nacional, Francisco Rodrigues de Miranda, e Prudêncio Luís Ferreira Travassos. Circulava em Niterói e no Rio de Janeiro, então capital do Império. Permanece em circulação até a atualidade.²⁸

O *Jornal dos Sports*, diário de notícias esportivas do Rio de Janeiro que circulou até 2010, do ano de 1987 utilizado nesta pesquisa e o *Jornal A Tarde*, de Curitiba, do ano de 1955, este último, muito importante pela data e sua representatividade já abordando a temática da pesquisa.

O período nos possibilita levantar uma parte importante da história da Ayurveda no Brasil e especificamente no estado do Rio de Janeiro e, na cidade do Rio de Janeiro. Uma escolha consciente por ser essa uma importante cidade de efervescência intelectual e política, bem como, mais recentemente, das práticas holísticas.²⁹

²⁸ Fonte: Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/node/6542>. Acesso em: 2 abr. 2021.

²⁹ Fonte: Disponível em: <http://observapics.fiocruz.br/pics/>. Acesso em: 2 abr. 2021.

Além do objetivo da análise dos periódicos, procuramos abrir caminho para novos estudos sobre a temática. Esse é apenas um recorte dessa história que continua a ser escrita e é recente em nosso país e na América Latina e coincidem com o recorte temporal desta pesquisa, as décadas de 70 e 80. De acordo com Luz, é crescente o crescimento das “medicinas alternativas” também na América Latina, “[...] a partir, basicamente, da segunda metade dos anos 70, conhecendo um auge na década de 80”. (LUZ, 2005, p. 02).³⁰

O período de concentração de reportagens é de 1987 a 1999, ou seja, o recorte temporal da pesquisa. A escolha do estado do Rio de Janeiro pelo olhar da comunicação, passa pela representatividade na história jornalística do Brasil e por ser uma importante capital do Brasil. Portanto, o recorte geográfico da pesquisa é o estado do Rio de Janeiro e especificamente na capital.

2.1.1 Revista Manchete

Antes de falar da revista Manchete, como um dos nossos impressos escolhidos como fonte primária para esta pesquisa, é preciso falar da história da revista no Brasil. Ao adentrar neste período é possível complementar, por outro prisma, o porquê da escolha do Rio de Janeiro como local geográfico da origem das fontes estudadas. A revista *Semana Ilustrada*, circulou de 1860 até 1876 trouxe um marco inovador para a imprensa brasileira sob o governo de Dom Pedro II, no período imperial, na metade do século 19. Um periódico com status de revolucionário fundada pelo imigrante alemão, radicado no efervescente Rio de Janeiro em 1859, Henrique Fleiuss:

Pioneiro da imprensa ilustrada em nosso país, projetou a *Semana* como o mais popular periódico brasileiro daquele tempo. Foi uma ventania no mormaço vigente na incipiente imprensa brasileira da época. Contribuiu como ninguém para romper os limites de um certo paroquialismo, no qual a maioria dos jornais não ia muito além de folhetins, panfletos e pasquins, uns maiores, outros melhores, mas todos divididos entre o diletantismo apaixonado e o diversionismo alienante. As inovações do mestre alemão e de sua *Semana Ilustrada* ajudaram na evolução editorial brasileira ao introduzir o binômio texto/imagem com presença até então pouco conhecida. Sátiras e irreverências à parte, ao caricaturar pessoas e fatos com seus magistrais desenhos, Fleiuss revolucionou a imprensa da época. Mais: foi o primeiro a tentar a utilização sistemática da fotografia em uma cobertura jornalística em nosso país. (SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO, 2007, p. 05).

³⁰ Fonte: Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physis/a/z9PJY5MpV44ZdCmkNcLmBPq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2021.

Figura 5: Capa do primeiro número da *Semana Ilustrada*



Fonte: Capa do primeiro número da *Semana Ilustrada*, de 1860³¹.

Esta história abriu caminho para outras revistas no gênero. De acordo com o historiador Sodré, não havia na época nada no gênero, a revista foi pioneira. “Tal pioneirismo constata-se ainda pelo fato de só depois que surgiu a *Semana Ilustrada* é que passaram a circular no Rio revistas da mesma natureza, embora a maioria delas tenha durado pouco tempo”. (SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO, 2007, p. 05).

A sociedade carioca influenciava os hábitos de grande parte dos brasileiros e fazer parte ativa na história das primeiras revistas brasileira é sem dúvida um dos fatores que pode explicar este fato. “A dualidade revista-sociedade possui uma importância cultural e histórica quando consideramos que todo veículo de comunicação é uma das maneiras de perceber a sociedade no tempo de sua publicação”. (ALMEIDA, 2015, p. 01).

A revista *Manchete* também fez história, “Dos anos 50 aos 2000, a revista ‘*Manchete*’ imprimiu sua marca ao Jornalismo”³² é o título de uma matéria de *O Globo* e aborda a

³¹ Fonte: Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/cronologia-lista/item/148-1860>. Acesso em: 9 abr. 2021.

³² Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dos-anos-50-aos-2000-revista-manchete-imprimiu-sua-marca-ao-jornalismo-21204604>

importância desse veículo de comunicação na história da imprensa do Brasil. A reportagem relembra nos EUA, na década de 50, a “*Time*”, revista que reinava e demonstra a influência da Europa na moda e em outras áreas.

[...] E a França, a “*Paris Match*”. No Brasil, Adolph Bloch, dono da Bloch Editores, resolveu lançar a revista “*Manchete*” em 26 de abril de 1952, que se tornaria o título de maior sucesso de sua editora. Um ótimo slogan – “Aconteceu, virou manchete” – precedeu o lançamento e acompanhou por décadas a revista que chegou a ter tiragem de milhões de exemplares nos anos 80 (O GLOBO³³, 2017).

A família Bloch veio da Ucrânia pós-revolução russa, mas antes de chegar ao Brasil eles moraram na Itália até chegar ao Rio de Janeiro, no ano de 1922. O Rio de Janeiro era capital do Brasil e ditava notícias e cultura.

[...], a “*Manchete*”, com foco no fotojornalismo, chegou ao mercado das revistas semanais ilustradas com qualidade gráfica superior à da sua principal concorrente, “*O Cruzeiro*”, lançada em 1928 e que no auge tinha tiragem de 700 mil exemplares semanais. A nova publicação passou a atrair anunciantes interessados em divulgar seus produtos em cores, quando a recém-inaugurada televisão veiculava imagens em preto e branco. A revista contava com colunistas de peso, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Fernando Sabino (O GLOBO³⁴, 2017).

Figura 6: Notícia da morte de Adolpho Bloch.

³³Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dos-anos-50-aos-2000-revista-manchete-imprimiu-sua-marca-ao-jornalismo-21204604>. Acesso em: 9 abr. 2021.

³⁴Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dos-anos-50-aos-2000-revista-manchete-imprimiu-sua-marca-ao-jornalismo-21204604>. Acesso em: 9 abr. 2021.



Fonte: Jornal O Globo de 1995 que fala da família Bloch e da Revista Manchete.³⁵

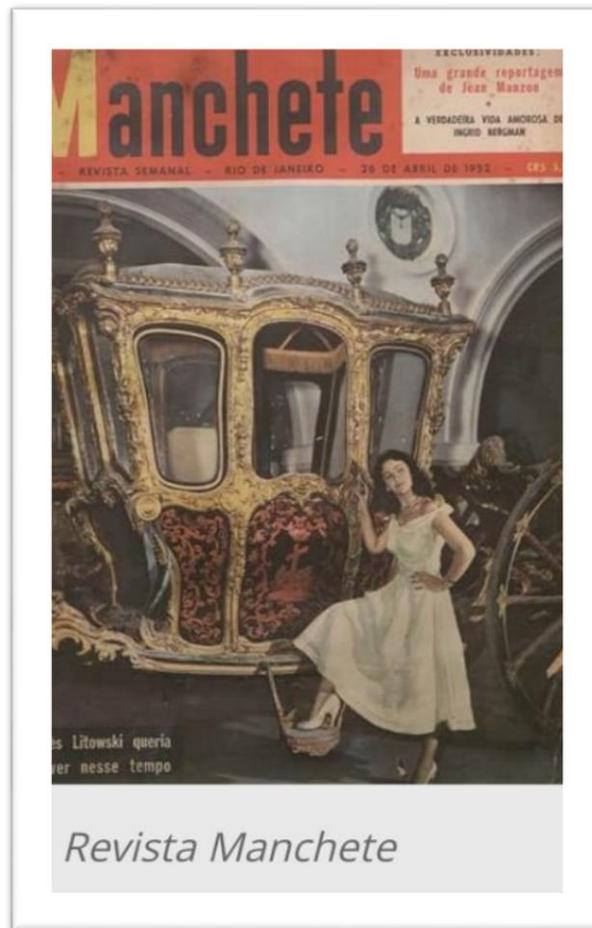
A editora da revista ficava na cidade do Rio de Janeiro, em um prédio projetado por Oscar Niemeyer, na Rua do Russel, na Glória, onde também funcionava a TV Manchete, inaugurada em cinco de junho de 1983. O periódico demonstra a representatividade da capital na história da imprensa e para esta pesquisa. Segundo Barbosa, a análise da imprensa por uma visão histórica adota uma metodologia e a percepção de uma comunicação complexa onde é necessária a consideração de dimensões internas e externas:

Os periódicos fazem parte de um sistema de comunicação com temporalidades e territorialidades próprias. Assim, os processos jornalísticos e as práticas dos atores sociais (os jornalistas, o público etc.) devem ser buscados e interpretados à luz de problemáticas específicas. (BARBOSA, 2018, p. 09).

A *Manchete* marcou sua era como uma revista semanal de entretenimento com editorias variadas, falava de ciência aos leitores com importantes temas na área da saúde abordados de forma leve e aprofundada.

Figura 7: Capa da Revista Manchete, 1992.

³⁵ Fonte: Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/dos-anos-50-aos-2000-revista-manchete-imprimiu-sua-marca-ao-jornalismo-21204604>. Acesso em: 9 abr. 2021.



Fonte: Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/que-falta-faz-manchete>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Com a configuração da Guerra Fria, a acirrada polarização entre países capitalistas e socialistas, EUA x URSS, fez da ciência e da tecnologia temáticas importantes. A ciência começou a disputar a hegemonia. Os avanços científicos, as inovações técnicas e os artefatos bélicos relacionados com as grandes guerras na Europa do século XX favoreceram a ciência, que passou a ter um lugar privilegiado na sociedade favorecido com a corrida espacial. “Naquela conjuntura, não só os sucessos da ciência e da tecnologia garantiam o poder e a supremacia dos países, mas também a publicidade em torno dos mesmos”. (ANDRADE, 2001, p. 02).

Muitas vezes o periódico reproduzia assuntos em destaque em periódicos da Europa e da América do Norte (EUA), como a *Life* e a *Paris Match*. O periódico ganhou destaque no desenvolvimento do pensamento científico no Brasil e influenciou a escolha do mesmo para essa pesquisa, conforme destaca Andrade:

A partir de 1952, a revista *Manchete* tornou-se a principal concorrente de *O Cruzeiro*. Ambas afora serem publicadas na cidade do Rio de Janeiro, recorriam a linguagem do fotojornalismo, incluindo em todos os números bem elaboradas fotorreportagens, tal como a *Life* e a *Paris Match* o faziam (ANDRADE, 2001, p. 10).

Um exemplo é uma das nossas fontes primárias, a matéria, do ano de 1989, edição 1938 (1) com o título, A dama de ferro também pratica a política do corpo. O BANHO DE BELEZA DE MARGARET THATCHER. As imagens ocupam mais de $\frac{3}{4}$ da página. Imagem da entrevistada e na parte 01 e em grande na parte 02. Provavelmente foto de assessoria com agência internacional com cunho político visivelmente. A matéria é assinada como G.G. e cita como fonte uma entrevista da revista *Vanity Fair* e traz a assinatura da Agência Sygma, famosa e de origem francesa e com foco no Fotojornalismo. Imagens: Assinada pelo fotógrafo Derek Hudson, premiado em 1987 por uma série de fotos sobre a eleição de Margaret Thatcher, o que destaca a influência dos acontecimentos político da Europa, especificamente na Inglaterra e nos EUA influenciando as matérias do impresso.

Figura 8: Matéria sobre o banho da beleza.



Fonte: Matéria da Revista Manchete de 1989.³⁶

A *Manchete* veio com o objetivo de aprimorar o fotojornalismo, as imagens, a qualidade gráfica para ficar cada vez mais colorida atraente e fácil de ler. As capas eram valorizadas com figuras importantes sociais o que exercia fascínio sobre os leitores ou a aptidão dos leitores para receber as informações divulgadas pela revista.

Este é o caso da capa da revista *Manchete* de 1991 com a atriz Luma de Oliveira na capa grávida em foto bastante destacada e uma formadora de opinião importante. Destacam-se duas chamadas de capa de temática da área da saúde e outra na área política, temas relevantes no impresso em questão. Uma das funções da mídia é informar e contribuir para a construção da cidadania no Brasil.

Figura 9: Matéria Gravidez de Luma de Oliveira.

³⁶ Fonte: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=ayurveda&pasta=ano%20198&pagfis=256599>. Acesso em: 3 set. 2021.



Fonte: Revista Manchete, Ano 1991, n. 2052. (Arquivo Pessoal).

É importante lembrar-se do poder exercido pelos impressos na época da Ditadura com o objetivo de controlar a informação e formar uma opinião de “massa”, uma imprensa porta-voz dos interesses de determinados grupos sociais e parte importante da história da imprensa e dos impressos até a era digital, fato que trouxe mudanças. A imprensa livre é um dos requisitos essenciais para a formação e manutenção do Estado Democrático de Direito. Nos países onde a imprensa é amordaçada, não há liberdade, não há democracia e isto foi um fato na época da ditadura militar brasileira, regime instaurado em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares. A imprensa foi alvo da censura durante a ditadura instaurada pelo golpe civil-militar de 1964, que assumiu múltiplas formas pode-se citar a lei da imprensa de 1967, a censura prévia, em 1970, a autocensura.

A censura na Ditadura Militar se deu de forma difusa, com diversos meios empregados para a repressão à imprensa. Neste período, a censura prévia às diversões públicas se apresentava de modo legalizado, a partir da DCDP, que agia principalmente no controle de conteúdo que atentasse contra a moral e os bons costumes. Enquanto, ao mesmo tempo era mantida pelo governo uma face secreta da censura, aquela exercida a partir do Ministério da Justiça, determinando qual conteúdo de teor político podia ser vinculado pela imprensa. (GREENHALGH, 2020, p. 02).

Com linhas editoriais variadas a revista *Manchete* tinha como um dos pilares a divulgação da ciência, um papel importante e discutido pelos meios de comunicação da época, historiadores da ciência e especialistas em educação. Os especialistas discutiam a qualidade da informação veiculada e a divulgação da ciência e o trabalho do cientista na sociedade passou a ser função de determinados atores sociais e formadores de opinião.

Revistas como *Manchete*, *Realidade* (lançada em 1966) e *Veja* (lançada em 1968) focam a cobertura política e cotidiana do Brasil, consolidando o formato “mais moderno” e valorizando páginas amplas, entrevistas e muitas fotografias, orientadas para um conteúdo de grandes reportagens históricas e investigativas, análises mais contundentes da sociedade brasileira. Essas revistas mudaram ao longo do tempo (*Veja*) ou foram descontinuadas (*Manchete* e *Realidade*), mas cumpriram um papel fundamental, mesmo em períodos políticos turbulentos, para a formatação de um mercado de consumo de revistas no Brasil. (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p. 31).

Os meios de comunicação, impresso, televisão e rádio cumprem a função de apresentar a ciência para a população função que deveria ser de outras áreas, mas que não exerciam. O exemplar da revista *Manchete* com a modelo Vanessa Oliveira na capa da edição nº 1808 de dezembro de 1986 é representativo com algumas características marcantes deste impresso. O fotojornalismo bem presente, utilizando de imagens de personalidades para chamar a atenção dos leitores, uma modelo, um conteúdo ainda mais forte na década seguinte como reforça Almeida, “As revistas nos anos 1990 direcionam seu conteúdo para o consumo e o culto às celebridades, mas há também espaço para novos produtos voltados para novos leitores que surgem, por exemplo, com o avanço da tecnologia, como as revistas sobre jogos eletrônicos”. (ALMEIDA, 2015, p. 09).

Destacam-se duas temáticas importantes na área da saúde. Nesta em específico, uma delas é sobre o uso das plantas medicinais, a *Pfaffia*. A planta espécie brasileira do gênero *Pfaffia* e da família *Amaranthaceae* ganhou o apelido de ginseng brasileiro devido combater a fadiga, o estresse; melhorar a memória, a atenção, a concentração e a visão, e como fortificante muscular e afrodisíaco.

Outra linha editorial da revista é a política, na nacional uma chamada de capa sobre Brasília e na política internacional, o caso deflagrado no ano do impresso, 1986. A CIA -Agência Central de Inteligência, dos Estados Unidos, sob a administração conservadora do presidente Ronald Reagan, tentava derrubar o governo sandinista da Nicarágua, presidido por Daniel Ortega. Ortega havia chegado ao poder com a vitória das forças guerrilheiras da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Uma operação clandestina e ilegal montada pelo governo norte-americano para ajudar as forças anti-sandinistas da Nicarágua.

Figura 10: Vanessa Oliveira a nova musa da moda.



Fonte: Revista MANCHETE, n. 1808, dez. 1986. (Arquivo Pessoal),

Como a maioria dos meios de comunicação, a Manchete também tinha o seu posicionamento político:

Politicamente, a revista se identificava com a corrente desenvolvimentista antiliberal e industrializante do pensamento econômico. Adolpho Bloch era amigo e dedicava irrestrito apoio ao governo Juscelino Kubitschek, desde a campanha eleitoral. É de sua autoria o slogan "50 anos em 5", muito embora a sua revista fizesse críticas à política de saúde e educação. (ANDRADE, 2001, p. 09).

A revista trazia linhas editoriais assinadas e especializadas em assuntos como política, cultura, culinários e comportamento. Nas edições abaixo se observa o apoio ao governo Juscelino Kubitschek. Na chamada principal da capa da revista, o fim do I-5. O Ato Institucional nº 5, foi um decreto emitido pela Ditadura Militar durante o governo de Artur da Costa e Silva em 1968. O período mais sombrio da ditadura e que concluiu uma transição que instaurou um período ditatorial no Brasil onde o governo ampliou a repressão e perseguição aos opositores. A foto é simbólica e demonstra o apoio político a Kubitschek.

Figura 11: Capa Juscelino Kubitschek.



Fonte: Revista Manchete, n. 1395, 13 jan. 1979. (Arquivo Pessoal).

Figura 12: Capa mencionando JK na disputa presidencial de 1989.



Fonte: Revista Manchete, 9 dez. 1989.

Na capa, tema político com Collor e Lula e o exemplo de JK para aprofundar a reflexão em relação a corrida presidencial de 1989. Outra chamada da capa faz referência a Luiza Brunet: O brilho da moda no Réveillon, um roteiro de saúde contra o estresse, recomendando cuidados para a virada de ano.

Já na parte da ciência e tecnologia muitas reportagens não eram assinadas ou reproduziam temas abordados no exterior em notas ou mesmo em fotorreportagens exclusivas como pode ser verificado na reportagem com Margaret Thatcher. A matéria é assinada como G.G. e cita como fonte uma entrevista da revista *Vanity Fair* e traz a assinatura da Agência Sygma, famosa e de origem francesa e com foco no Fotorjornalismo. Imagem assinada pelo fotógrafo Derek Hudson, premiado em 1987 por uma série de fotos sobre a eleição de Margaret Thatcher.

Figura 13: Capa traz a Dama de Ferro como praticante da política do corpo.



Fonte: Revista Manchete, Ano 1989, n. 1938. (Arquivo Hemeroteca Digital).³⁷

Com as grandes guerras na Europa do século XX teve-se um favorecimento para o desenvolvimento da ciência. A configuração na política internacional da Guerra Fria fez da ciência e da tecnologia um foco de disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética. Pode-se destacar o medo do lançamento de uma terceira bomba atômica e a corrida espacial. De acordo Andrade, tem-se a supremacia da ciência sobre outras formas de conhecimento. “A acirrada polarização entre países capitalistas e socialistas, fomentada pelas duas grandes

³⁷ Fonte: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=ayurveda&pasta=ano%20198&pagfis=256599>. Acesso em: 1 abr. 2021.

potências da época, EUA e URSS, beneficiou sobremaneira o desenvolvimento da pesquisa científica nos países alinhados a esses blocos ideológicos”. (ANDRADE, 2001, p. 02).

Com relação à imagem na revista impressa, as fotos eram coloridas e exploravam os atores e ocupavam muitas vezes a página toda, englobava duas páginas ou no mínimo 70% dela. As legendas das fotos ganhavam destaque e gráficos e elementos para facilitar a leitura e compreensão. O discurso com ampla ação focada na imagem e estética buscava trazer credibilidade ao assunto abordado. Havia a dedicação a fotos e cotidiano de personalidades. Não raro trazia imagem de capa com mulheres, atrizes, modelos e personalidades políticas com o intuito de emocionar e prender o leitor. Aparentemente trabalhava com matérias pagas em determinados assuntos como na medicina.

Na década de 1900, surgem diversas publicações regionais e as revistas começam a ganhar cada vez mais espaço nos meios de comunicação. Isto se dá, principalmente pelas chamativas ilustrações, o fotojornalismo como já abordado, com imagens representativas do comportamento da sociedade.

As revistas trazem uma forma de fazer comunicação no Brasil principalmente nas décadas de 80 e 90 analisada nesta pesquisa. Para Oliveira, “são um bom retrato de como eram os costumes da época, com suas ilustrações, charges e as primeiras publicidades em suas páginas, tornaram-se um farto material de pesquisa acerca do Brasil. “situando-se entre os jornais e os livros, as revistas desempenharam o papel de mediadoras de saberes, de práticas sociais e de linguagens” (OLIVEIRA; VELLOSO; LINS, 2010, p. 12).

Cada vez mais segmentadas, as revistas no Brasil buscavam novos públicos e segmentações. “Nos anos 1980, a segmentação das revistas ganha ainda mais força, surgindo muitos novos títulos. Alguns fatos importantes do período: terminam as fotonovelas; as adolescentes viram um nicho que antes era pouco explorado”. (ALMEIDA, 2015, p. 08).

A revista *Manchete* circulou até 29 de julho de 2000. Superou a principal concorrente da revista *O Cruzeiro*, dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Foi o órgão fundador do Grupo Manchete, que em 1983 iniciou início as transmissões da Rede Manchete de Televisão. Atingiu seu auge na década desta pesquisa, em 1980 e marcou época com o slogan "Aconteceu, virou Manchete".

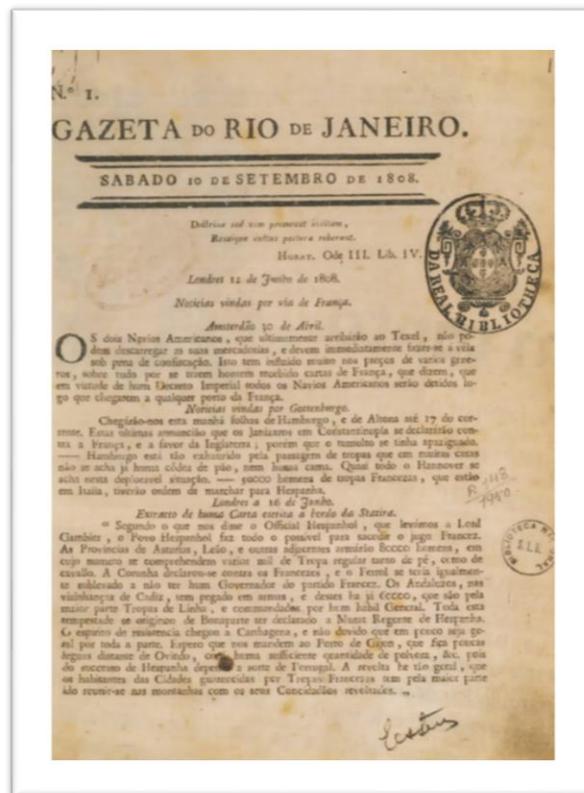
2.1.2 *Jornal do Brasil*

Com a chegada da Corte Portuguesa no Brasil, no início do século XIX, ocorreram transformações políticas, econômicas e sociais do território nacional e com isto

instalou-se o desenvolvimento da imprensa. Em 1609, na Alemanha aparecem as primeiras gazetas impressas. Já no Brasil foi somente com a chegada de D. João VI, em 1808, que tem início à circulação do jornal *Gazeta* do Rio de Janeiro.

Como não podia ser diferente, ele tem como linha editorial divulgar e difundir os interesses da Coroa, sem conteúdo social. No mesmo ano da chegada da família real ao Brasil, José Hipólito da Costa edita o primeiro jornal de oposição ao domínio português, o *Correio Braziliense*, impresso na Inglaterra por total falta de liberdade de se o fazer no país. (JARDIM, 2014, p. 06).

Figura 14: Jornal da época da vinda da família Real Portuguesa ao Brasil.



Fonte: Jornal Gazeta do Rio de Janeiro de 1808.³⁸

Segundo Márcia Abreu, os primeiros livros iniciaram a produção no Brasil em 1808 embora existisse registro de uma “[...] tipografia anterior à chegada da Família Real – a de Antônio Isidoro da Fonseca –, mas ela funcionava clandestinamente. Ela publicou dois ou três volumes, mas foi logo fechada pelas autoridades de então”. Portanto, “Quando D. João VI chegou, ele logo percebeu que não conseguiria administrar todo o reino de não tivesse uma tipografia perto de si. Então, ele mandou instalar rapidamente os equipamentos tipográficos,

³⁸ Fonte: Disponível em:

<https://www.in.gov.br/documents/163429428/0/Gazeta+do+Rio+de+Janeiro.png/2bc1749a-58de-bb6b-bf89-d3edcf4cd236?t=1560794506053>. Acesso em: 9 out. 2021.

que vieram com ele [...]”³⁹. Portanto no Brasil, a imprensa chegou oficialmente com a transferência da Corte Portuguesa para a colônia, em 1808. A ideia inicial de D. João era imprimir documentos oficiais. No tempo livre, a tipografia poderia produzir para terceiros. “Antes de 1808, quem quisesse publicar um livro tinha que encomendar a produção para tipografias em Portugal. Era preciso enviar o manuscrito para lá, a impressão era providenciada e os exemplares impressos remetidos para o Brasil”. (ALVES FILHO, 2011, JORNAL DA UNICAMP).⁴⁰

No mesmo ano da chegada da família real ao Brasil, José Hipólito da Costa edita o primeiro jornal de oposição ao domínio português, o *Correio Braziliense*, impresso na Inglaterra por total falta de liberdade de se o fazer no país. (JARDIM, 2014, p. 06).

A partir desta data inúmeros jornais foram criados, diferenciados e com editorias e posicionamentos ideológicos e políticos distintos. Além da circulação no Brasil da *Gazeta do Rio de Janeiro*, destaca-se na mesma data o *Correio Braziliense* com seu caráter crítico e produzido e editado em Londres e distribuído no país de forma clandestina. “A partir de 1821, acaba a censura prévia e ocorre uma proliferação enorme de jornais, em todos os pontos do país”.⁴¹

Ao fim do século XIX, em um contexto de transição política e estabelecimento da República foi quando surgiu o *Jornal do Brasil* (JB).

Ao fim do século XIX, a transição de regimes políticos – da Monarquia para a República – favoreceu o desenvolvimento industrial e a modernização da imprensa, antes produzida de modo artesanal. O jornalismo passou a ser uma iniciativa empresarial de grande porte que, para sobrevivência mercadológica, exigia altos investimentos. O caráter opinativo, cultivado desde o surgimento para fidelização política e ideológica do leitor começou a ceder lugar ao viés informativo que é cultivado ainda hoje. (SPANNENBERG, 2016, p. 02).

Em abril de 1891, fundado pelo jornalista Rodolfo de Souza Dantas e Joaquim Nabuco surge o *Jornal do Brasil*, com edições diárias e com uma característica monarquista e fortes intenções de se consolidar na imprensa brasileira passou por muitas mudanças desta sua

³⁹ Fonte: Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2011/ju514_pag67.php. Acesso em: 9 nov. 2021.

⁴⁰ Fonte: Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2011/ju514_pag67.php#. Acesso em: 3 set. 2021.

⁴¹ Fonte: Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2011/ju514_pag67.php. Acesso em: 9 nov. 2021.

fundação. Em 1914 trouxe uma inovação importante e torna-se o primeiro periódico a ter cores em suas edições.

Conforme Spannenberg (2016, p. 03),

É nesse contexto mudança de regime político, com a imprensa fortalecida pelos diversos títulos em circulação pelo território nacional que surge o Jornal do Brasil (JB), em 1891. Originalmente com caráter monarquista, o periódico precisou adequar-se ao regime político nacional para manter-se como veículo de comunicação e garantir a circulação pelo território. (SPANNENBERG, 2016, p. 03).

Produzido no Rio de Janeiro, pela Editora JB circulou de forma impressa entre 1891 e 2010. Hoje está acessível na versão digital, a impressa é para estudos históricos como essa pesquisa. É o terceiro jornal mais antigo do Brasil. Após 1950 passou a ser um jornal de centro-esquerda e opositor da ditadura. Em texto de Marieta de Moraes Ferreira e Sérgio Montalvão da FGV é possível observar fases importantes do jornal.⁴²

Figura 15: O mundo nos anos 60 retratado no Jornal do Brasil.



Fonte: Jornal do Brasil⁴³

⁴² Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>.

⁴³ Fonte: Disponível em: < https://m.jb.com.br/pais/hoje_na_historia/2020/04/amp/1023482-que-noticias-circularam-no-dia-em-que-voce-nasceu.html >. Acesso em 1 de agosto de 2021.

O século XX na história da comunicação no Brasil é marcado pela transformação da pequena imprensa para grande. Um marco de transição onde ganham espaço as grandes empresas jornalísticas estruturadas com um maior investimento em equipamentos gráficos e com uma elevada produção diária.

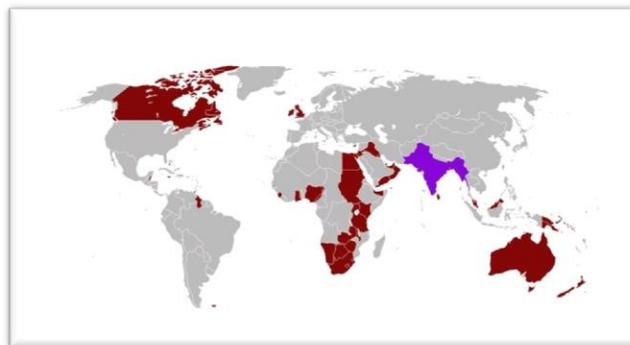
No ano de 1900, O Jornal do Brasil chegou a ter a maior tiragem diária da América do Sul, superando o *La Prensa*, de Buenos Aires, Argentina. Foi o primeiro a ter um site jornalístico, criado em maio de 1995 quando a internet ainda estava no início. Em 2010, o JB abandonou, definitivamente, o formato impresso devido a uma crise e com o qual se ergueu e consolidou por quase 120 anos e migrou integralmente para o meio online e se tornou o primeiro jornal 100% digital do Brasil.

Editorias da versão impressa, País e Cidade, Economia, Esporte, Internacional e Caderno B, Vida, Ciência & Saúde, Carro & Moto e o caderno de Domingo. Já nas edições em formato digital, há predominância dos temas País, Rio, Internacional e Economia, Esporte, Ciência. (APANENBERG, 2016, p.17).

2.2 ANÁLISE DAS FONTES

Para entendermos os reflexos do colonialismo britânico na Índia e as mudanças na ciência Ayurveda, precisamos falar do Império Britânico. Compreendia os domínios, colônias, protetorados, mandatos e outros territórios governados entre os séculos XVI e XX. Considerado o maior império da história.

Figura 16: Mapa indicando a extensão do Império Britânico.



Fonte: Revista Galileu⁴⁴

⁴⁴ Fonte: Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/07/o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-imperio-britanico.html>. Acesso em: 1 set. 2021.

De acordo com Magnoli, em 1600, dois anos antes da Companhia Holandesa das Índias Orientais, os ingleses criaram a Companhia das Índias Orientais com donos de navios e mercadores. O objetivo principal era comercial e sob o consentimento da rainha Elizabeth I um Estado dentro de um Estado. (MAGNOLI, 2006).

A Companhia Inglesa tinha sede em Londres, e governador geral estabelecido em Calcutá. Possuía delegação de poderes do governo britânico, ao mesmo tempo que exercia atividades normais de uma empresa especializada no comércio colonial. (CAMPOS, 2015, p. 05).

A Companhia estruturou um sistema de arrecadação fiscal dirigido por ingleses com funções administrativas e judiciárias, entre o século XVIII e início do XIX. “Os indianos somente eram aceitos em postos muito subalternos”. (CAMPOS, 2015, p. 05). De acordo com Davis, uma influência que mudou a economia da Índia e é na verdade uma tirania inglesa. Segundo Davis (2002, p. 14) “Não existe maior despotismo nem mais absoluto que o governo da Índia. Poderoso, irresponsável, cruel [...] dinheiro que a Inglaterra tira da Índia todos os anos é um sério dreno no país, e está entre as causas de sua pobreza”.

“A Índia não estava só em sua miséria. Embora seu destino surpreendentemente despertasse pouca atenção na Inglaterra [...]”⁴⁵. Com a colonização britânica na Índia, as consequências negativas dos invasores romperam com a base econômica vigente através de medidas comerciais, fiscais e da instalação de um comércio internacional e também interno.

A dominação imperialista não era aceita de forma alguma pelas populações locais, e foi por esse motivo que durante esse período, ocorreram uma série de conflitos de resistência entre as colônias e os colonizadores, tais como a Guerra dos Boêres, Guerra do Ópio, Boxers e outra que ocorreu no território indiano e nos ajuda a elucidar o que ocorria no território indiano naquela época, a Guerra dos Cipayos. (BARBEDO, 2017, p. 26).

De acordo com Barbedo (2017), a Guerra dos Cipayos foi à primeira revolta contra o Império Britânico no território indiano, “Em 1857, soldados nacionalistas hindus, revoltados com a exploração britânica, assumiram o controle da cidade de Délhi, hoje capital da Índia. A revolta foi sufocada em 1858”. Uma resposta ao Império Britânico. (BARBEDO, 2017, p. 26). Com muita semelhança à colonização latino-americana e qualquer outro processo de colonização, enquanto os colonizadores enriqueciam, a população da colônia sofria e era explorada.

⁴⁵ Fonte: Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4380023/mod_resource/content/1/holocaustos%20colonias-davis.pdf.

Acesso em: 1 set. 2021.

Costa, citando Stuart Hall (2003) analisa os reflexos da colonização nas nações pós-coloniais e a necessidade e importância de estudos do pós-colonial e o pós do pós-colonial, embora não seja este o foco desta pesquisa e sim, saber destes reflexos da colonização britânica na ciência Ayurveda, sua característica transnacional e como este saber chega ao Brasil a partir disto.

O “pós” do pós-colonial não significa que os efeitos do domínio colonial foram suspensos no momento em que concluiu o domínio territorial sob uma colônia. Ao contrário, os conflitos de poder e os regimes de poder-saber continuaram e continuam nas chamadas nações pós-coloniais. Diante disso, na resposta de Hall, o que será distintivo no pós-colonialismo será a capacidade de fazer uma releitura da colonização, bem como o tempo presente a partir de uma escrita descentrada, da diáspora; ou ainda global, das grandes narrativas imperiais do passado, que estiveram centradas na nação (HALL, 2003: 109 APUD COSTA, 2016, p. 01).⁴⁶

Após a Segunda Guerra Mundial, o processo de descolonização, de independência das colônias, em especial da Ásia e da África se intensificou. Um período onde a Europa entrou em declínio, o que inclui claro, França e a Grã-Bretanha e os EUA ao lado da URSS forma o mundo bipolar. Tem-se o crescimento de movimentos de libertação nacional dentro das próprias colônias, como na Índia. O primeiro grande movimento de descolonização, ocorrido durante a década de 1940, aconteceu principalmente nos países asiáticos como a Índia, Paquistão, Indonésia, Birmânia e Ceilão. Fatos que possibilitaram a independência da Índia, em 1947, e tendo Gandhi como figura central. Para Mello (MELLO, 2013, p. 04)),

Mahatma Gandhi, a grande alma. Assim ficou conhecido o homem que “derrubou” o império britânico, como afirmam observadores. Com seu pequeno porte e sua voz clara, comandava multidões com a autoridade do mais temível general. No entanto, sua autoridade, dizia ele, estava no amor e na liberdade, na luta ética contra a injustiça, cuja virtude era a de cumprir sempre a palavra dada, sob qualquer circunstância.⁴⁷

No século XIX e XX, resultante do processo de colonização, a colonização britânica instituiu a Biomedicina como sistema médico hegemônico na Índia, apesar da existência de sistemas médicos nativos.

Dessa maneira, o Ayurveda, sistema médico tradicional indiano, sofreu transformações na sua forma de ensino, propagação e prática a partir de sua institucionalização na Índia depois da independência em 1947.

⁴⁶ Fonte: Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.

⁴⁷ Fonte: Disponível em: <https://www.ibirapuera.br/seer/index.php/rev/article/view/24>. Acesso em: 1 set. 2021.

O desenvolvimento científico desencadeado pela revolução dos séculos XVI e XVII impactou as mais diversas áreas da sociedade moderna, entre as quais a medicina. Neste âmbito surgiu, se desenvolveu e se consolidou o modelo biomédico, o qual contribuiu para a perda da visão holística do homem e foi um elemento entre outros que desencadeou o processo de desumanização no campo da saúde. (COTTA, 2019, p. 06).

Não por acaso, fizemos a escolha temporal desta pesquisa na década de 80 e 90. De acordo com Mallmann (2017), a partir do final da década de 80, as práticas de saúde passaram a ser vistas sob uma nova perspectiva:

Nesse sentido, teóricos da Saúde Coletiva vêm contribuindo a partir do final da década de 80, para pensarmos que as práticas em saúde podem se desenvolver sob diversas perspectivas, dependendo dos atores envolvidos, ou seja, essas práticas podem estar pautadas no paradigma biomecânico, no paradigma vitalista, em saberes populares (indígenas, africanos, por exemplo), em práticas corporais, expressivas (arte, canto, dança e entre outras) (LUZ; BARROS, 2012). Comendo com essa lógica, em 2002 a Organización Mundial De La Salud – OMS (2002) passa a incentivar o desenvolvimento de estudos e práticas sobre as medicinas tradicionais e o uso delas na Atenção Primária em Saúde (APS). (MALLMANN, 2017, p. 02).

No periódico da revista Manchete, na matéria com o título, Ayurveda a massagem da vida, a ginástica que faz de Margaret Thatcher uma dama de ferro, reportagem de Maria Luiza Silveira e foto de Orípedes Ribeiro, de 1989, edição 1942, tem-se registrado o auge da instalação de um novo paradigma no campo da saúde no Brasil e para além da visão biomédica hegemônica voltada para a doença.

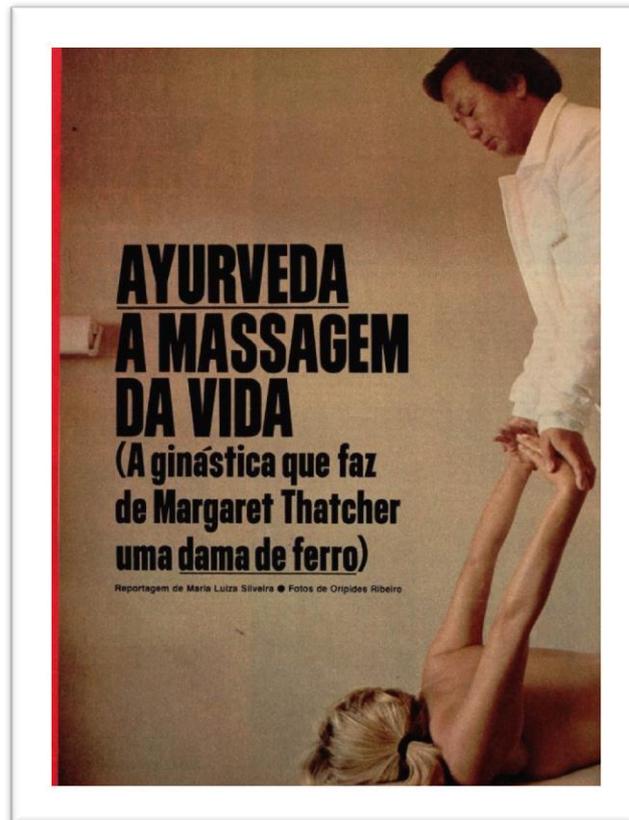
Nesta época e na matéria é possível verificar a influência de novas práticas de saúde, as chamadas de holísticas. Ressalta-se a importância das revistas como veículos de comunicação representativos na disseminação de costumes e informação, como já desenvolvidos nesta pesquisa e o caráter da transnacional destas práticas com o movimento da Contracultura. Neste caso da reportagem, as práticas holísticas mencionadas são a Ayurveda e a Medicina Tradicional Chinesa. De acordo com Velloso (2012)⁴⁸,

As terapias alternativas e holísticas integraram o movimento contra cultural iniciado na década de 60. Impulsionadas pelas transformações sociais da época, inaugurou-se no campo da saúde do Ocidente, um período de convivência de diversas culturas de saúde. Nos anos 80, intensificou-se a demanda por formas não convencionais de consumo de bens e serviços de saúde, entre eles a homeopatia, fitoterapia e práticas da medicina chinesa, mais especificamente a acupuntura. Havia uma nova sensibilidade cultural que buscou fundar, entre outras propostas, uma inédita postura de promoção de saúde, diferenciada do preventivismo médico até então vigente. (VELLOSO, 2012, p. 01).

⁴⁸ Fonte: Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/506/397>. Acesso em: 9 set. 2021.

Observa-se um personagem principal com formação em Medicina Tradicional Chinesa – MTC e aplicando a “massagem ayurvédica” em uma modelo.

Figura 17: Ayurveda a Massagem da Vida.



Fonte: Revista Manchete, de 1989.⁴⁹

Ressalta-se que é como uma medicina popular e uma ciência que a Ayurveda é vista nesta pesquisa e não como uma massagem. O modelo hegemônico utilizado nas práticas de saúde do SUS e no setor privado é o biomédico, o mesmo imposto na colonização britânica na Índia em detrimento de outros saberes, entre eles, a Ayurveda. Questionar a hegemonia da biomedicina no Brasil foi um fato que teve um marco na década de 70, com a Reforma Sanitária Brasileira e a Constituição Federal de 1988 e o conceito de Saúde Coletiva (SC). Para Silva (2019),

Dessa forma, consideramos que a Saúde Coletiva é, hoje em dia, o espaço social em que se concentram as abordagens e pesquisas críticas sobre a questão. Julgamos, portanto, que se trata do espaço mais desenvolvido na discussão, contendo o mais elaborado até então sobre o assunto. É o espaço que abarca as análises críticas em relação à construção biomédica da Medicina e busca tecer outras relações entre saúde e sociedade. (SILVA, 2019. p. 02).

⁴⁹ Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=257047>. Acesso em: 1 set. 2021.

Temos no periódico analisado a presença forte do fotojornalismo, parte já abordada nesta pesquisa na história da revista *Manchete* e crescente na década de 80 e 90 como uma forma de adquirir novos leitores e tornar-se atrativo. As imagens ocupam grande parte das páginas com fotos chamativas e coloridas. A linha editorial é de Saúde e Medicina, uma temática no centro de debates mundiais conforme já detalhado por marcos na saúde iniciados na década de 60 como ressalta, Paim (1998, p. 03),

No caso da saúde, o debate sobre as suas relações com o desenvolvimento econômico e social que marcou a década de sessenta amplia-se, nos anos setenta, para uma discussão sobre a extensão de cobertura dos serviços. O reconhecimento do direito à saúde e a responsabilidade da sociedade em garantir os cuidados básicos de saúde possibilitam o estabelecimento do célebre lema "Saúde para Todos no Ano 2000".

Na edição, a então primeira-ministra britânica, Margareth Thatcher é citada como referência. “A Ayurveda é um dos últimos segredos ainda não revelados”, observa Ming Lai, “Não fosse à divulgação de que Margareth Thatcher faz essa massagem pouquíssimas pessoas saberiam que ela existe”.⁵⁰ Observa-se o peso político na figura da primeira mulher eleita a assumir o cargo de Primeira-Ministra do Reino Unido, uma personalidade que resultou no termo “dama de ferro” atribuído a mesma por tomar decisões não populares em um período de recessões do país e que esteve no poder de 1979 a 1990.

Na reportagem, o médico de origem chinesa e com formação em MTC- Medicina Chinesa e Acupuntura revela ter buscado na Ayurveda, uma forma de somar conhecimento. Destaca-se a proximidade entre a MTC e a Ayurveda.

Em São Paulo, o médico chinês Kwong Ming Lai, técnico em reabilitação e massagens orientais, aplica a Ayurveda há mais de 20 anos. Conhecedor das técnicas empregadas pela medicina chinesa como a acupuntura, respiração, alimentação e ervas naturais ele conta que encontrou na Ayurveda um modo mais prático e funcional para resoluções de problemas aparentemente insolúveis.⁵¹

⁵⁰Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=257048>. Acesso em: 10 mar. 2022.

⁵¹Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=257048>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Figura 18: Reportagem de Ayurveda a Massagem da Vida.



Fonte: Revista Manchete, de 1989.⁵²

A matéria registra uma movimentação da ciência Ayurveda através do deslocamento de médicos ayurvédicos da Índia para a China. “O encontro em Hong Kong, com um guru indiano, com quem aprendeu a Ayurveda veio a preencher o espaço de conhecimento desejado. Na Índia não se aprende esse tipo de massagem em escolas”, diz Kwong Ming Lai.⁵³ De acordo com Sguarezi, tanto Ayurveda como a MTC são medicinas orientais,

A medicina oriental possui diversas ramificações, que englobam as tradições medicinais de vários locais da Ásia, como o Japão, China, Índia, entre vários outros. Apesar de haver diversas técnicas que sofreram modificações com o passar dos anos, todos esses sistemas médicos tem um fator essencial que norteiam suas respectivas práticas: o entendimento e o respeito aos ciclos da natureza. (SGUAREZI, 2018, p. 02).

⁵² Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=257047>. Acesso em: 1 set. 2021.

⁵³ Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=257048>. Acesso em: 1 set. 2021.

A matéria demonstra a chegada ao Brasil, na data desta pesquisa, como uma Ayurveda híbrida e global, como uma forma de massagem, assim como eu também conheci em um primeiro momento, como já retratada neste estudo. Ressalta-se que a Ayurveda é uma ciência complexa que não se resume a uma prática massoterapêutica.

Para Menezes, como resposta à colonização britânica na Índia, surge uma Ayurveda considerada “pura” ou “original”, cujos seguidores tem como base os livros em sânscrito, em contraposição à “mistura” com a Alopátia e ao tipo de Ayurveda vinculado a clínicas de massagem/estética e *spas* de relaxamento direcionada para turistas e diversas vezes criticada como nesta matéria da revista Manchete, “[...] ele dizia praticar o Ayurveda original ” ou “Ayurveda puro ” em contraposição a outra prática que era considerada misturada ” com o sistema médico introduzido pela colonização britânica, que podemos chamar de Biomedicina e que Dr. K a chamava de Alopátia”. (MENEZES, 2016, p. 95).

Outra fonte desta pesquisa e da revista Manchete é a matéria com o título, A Dama de Ferro também pratica a política do corpo, O Banho de Beleza de Margaret Thatcher, de 1989 e edição 1938. Verifica-se um conteúdo influenciado por outra revista, *Vanity Fair*⁵⁴, revista norte-americana com linhas editoriais sobre cultura pop, política e moda e voltada para o público feminino. Na página 01 da reportagem temos: “O método, para dar-lhe aquela indefinível e indispensável aura de misticismo, é originário da Índia e se chama Ayurveda, imortalidade. De sua rotina ainda fazem parte massagens, lama (esta não precisa ser indiana) e dieta” (GG, 1989, p. 88).

Figura 19: O Banho de Beleza de Margaret Thatcher.



⁵⁴ Fonte: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=004120&PagFis=217133&Pesq=Ayurveda>.

Acesso em: 10 fev. 2022.

Fonte: Revista Manchete, 1989.⁵⁵

Observa-se um conhecimento milenar, Ayurveda, apresentado como uma massagem para relaxamento e como algo exótico e misturado e assim chega ao Brasil através da imprensa como observado nesta reportagem de uma das mais importantes revistas da época, a Manchete.

Ressalta-se o processo de “europeização” do mundo e que a Biomedicina imposta na colonização da Índia é um conhecimento científico ocidental, portanto eurocêntrico, imposto como uma única racionalidade, especialmente na época analisada e pelo olhar do governo britânico, da qual, Margaret Thatcher é representante política de peso como primeira-ministra britânica formadora de opinião cuja imagem como Dama de Ferro é reforçada na reportagem bem como seu carisma com o objetivo de ganhar seguidores, reforçado pelas imagens. Para Menezes, a colonização pós-colonização, “[...] cunha o termo colonialidade do poder, no sentido de que as instituições eurocêntricas continuam a se impor no mundo, mesmo com o término da colonização”. (MENEZES, 2016, p. 10). Pode-se destacar uma dominação cultural europeia chegando ao Brasil via imprensa.

[...] pois Thatcher se mostra possuir características como: autoconfiança, conhecimento, baixa necessidade de afiliação e tolerância ao estresse. Em contraste com a era já citada, a Era Contingencial, relacionada às características referentes à teoria da liderança situacional, foram pouco observadas. Uma era com relativa presença foi a Era Transformacional, já que a líder em alguns momentos se depara com situações a qual precisa ter carisma e motivar seus seguidores. (MACHADO, 2019, p. 01).

Ressaltamos a forte influência de agências internacionais neste período no Brasil e nesta reportagem, em especial de origem europeia e norte-americana e uma provável intenção política nas fotos e texto da reportagem analisada, como abordado. Tem-se os seguintes padrões nos periódicos da pesquisa: a utilização nas reportagens, de personagens que são figuras públicas e formadores de opinião e, portanto, contribuíram para difundir informação intencional. As imagens ocupam mais de $\frac{3}{4}$ da página. A imagem de Margaret Thatcher é usada na capa 01 e em grande parte da capa 02 reforçando a visão do fotojornalismo para conquistar seguidores, em especial mulheres, o público majoritário da revista Manchete na época.

⁵⁵ Fonte: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=ayurveda&pasta=ano%20198&pagfis=256599>. Acesso em: 3 set. 2021.

Figura 20: Reportagem da Dama de Ferro também pratica a política do corpo.



Fonte: Revista Manchete de 1989.⁵⁶

Em período das eleições primárias de 1989, a matéria é assinada como G.G. e cita como fonte a entrevista da revista *Vanity Fair*. Nas fotos observa-se a assinatura da Agência *Syigma*, de origem francesa, destaque no fotojornalismo. É possível ver em algumas fotos a assinatura do fotógrafo Derek Hudson, premiado em 1987, por série de fotos sobre a eleição de Margaret Thatcher, o que reforça as intenções políticas na reportagem.

Cabe-se aqui destacar a colonialidade, como poder estrutural operante na América Latina através das mídias, uma dominação dos países europeus que acontece em todos os segmentos e instituições da sociedade latino-americana conforme destaca Maia (2020), “[...] consolidando-se como um poder global sistemático e hegemônico, o que implicou a

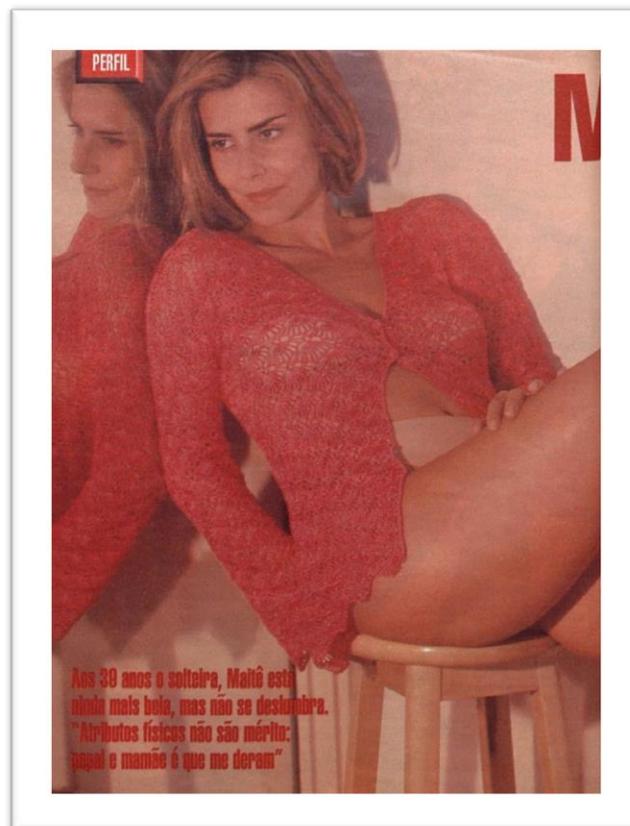
⁵⁶ Fonte: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=ayurveda&pasta=ano%20198&pagfis=256599>. Acesso em: 3 set. 2021.

construção de diversos paradigmas baseados na racionalidade europeia, ainda presentes nos países latinos”. (MAIA, 2020, p. 02)⁵⁷.

Do ano de 1999, com o título, “Maitê Proença, um diamante de muitas faces”⁵⁸ tem-se a reportagem assinada por Regina Peixoto, fotos de Josemar Ferrari, na revista Manchete, edição 2488.

Figura 21: Maitê Proença, um diamante de muitas faces.



Fonte: Revista Manchete de 1999.

Observa-se na matéria da revista *Manchete* a descrição de uma ayurveda misturada e próxima do Yôga, porém já com a denominação de medicina milenar. No texto é descrita a viagem da atriz para a Índia, na busca por tratamentos ayurvédicos, visto como algo espiritual. “A ioga, ela descobriu ao se internar em uma ilha, na Índia, para cuidar do corpo com a milenar medicina Ayurveda”⁵⁹ (Revista Manchete, 1999).

⁵⁷ Fonte: Disponível em: <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/2300/2470>. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁵⁸ Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=312051>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁵⁹ Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=257048>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Quanto às imagens, a atriz da nova novela das sete da época ocupa toda a capa 01 e tem suas fotos destacadas. Na capa temos o texto: Aos 39 anos Maitê está ainda mais bela, mas não se deslumbra. “Atributos físicos não são mérito, papai e mamãe é que me deram”. Nas décadas de 80 e 90 tem-se no Brasil um aumento do culto ao corpo onde as atrizes e os meios de comunicação como a revista *Manchete* exploravam esta cultura.

De acordo com Berger (2007), “[...] um comportamento onde o corpo figura como elemento central e definidor de identidades. Mais do que ser apenas um meio, o corpo transforma-se no próprio fim [...]”. (BERGER, 2007, p. 01).⁶⁰ Pode-se ressaltar a influência de uma cultura norte-americana onde a partir de 1980 desenvolveu-se e forma considerável do corpo magro e musculoso, “[...] além de todo um aparato da mídia que nos reforça o tempo todo como este corpo é desejável e necessário”. (BERGER, 2007, p. 01).

Vários motivos explicam esse fenômeno: a globalização; as melhorias técnicas na área de cosméticos, alimentos e aparelhos de ginástica; os recursos imagéticos e sua penetração em todas as classes sociais; o fato de a mulher cada vez mais ingressar no mercado de trabalho e ter renda e autonomia para se dedicar a investimentos estéticos, dentre outros. (BERGER, 2010, p. 04).⁶¹

Figura 22: Maitê Proença, estrela da nova novela.

⁶⁰ Fonte: Disponível em: http://mirelaberger.com.br/mirela/download/o_culto_ao_corpo.pdf. Acesso em: 2 abr. 2021.

⁶¹ Fonte: Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43288/46911>. Acesso em: 1 set. 2021.



Fonte: Revista Manchete de 1999.

Na terceira década do século XXI, em plena era digital é muito mais presente a influência dos formadores de opinião para o engajamento das pessoas a determinadas práticas, segmento ou visão de mundo, mas isso é usado há muitos séculos. É a construção de pertencimento e conexão entre as pessoas. “Esses indivíduos expandem conceitos de teorias consolidadas que versão sobre o processo de difusão de inovações e o fluxo comunicacional entre líderes de opinião e seguidores”. (ALMEIDA, 2018, 02).

Observa-se uma proximidade entre Yôga e Ayurveda, dois conhecimentos com histórias na Índia e com personagens similares na sua divulgação, falamos de professores de Yôga, terapeutas e profissionais da saúde atraídos por uma visão holística, influenciada pelo movimento da Contracultura ou a era *New Age*. Nessa parte podemos citar estes saberes como ciências-irmãs. Tem-se uma Ayurveda que chega através das fontes analisadas, com um caráter global e misturado:

Yoga e Ayurveda recomendam a prática regular de posturas de yoga, pranayama, meditação, entoação de mantras e uso de ervas. Certa vez, perguntei a um médico ayurveda sobre a relação entre yoga e ayurveda. Sua explicação simples foi “Ayurveda é a ciência e yoga é a prática dessa ciência.” Sou uma profissional da saúde e instrutora de Sri Sri Yoga há dez anos. Inevitavelmente, a prática da yoga

levou-me a compreender melhor a ciência da ayurveda, e a investigação sobre a ciência da ayurveda tem me inspirado a praticar Yoga.⁶²

Um conhecimento chegou à América Latina, como já citamos, tendo a sua entrada influenciada pela era *New Age* e práticas holísticas das quais não podemos esquecer a Meditação Transcendental e o mestre indiano Maharishi.

Somente depois, em um segundo momento, com uma divulgação mais ampla, a Ayurveda passou a ser conhecida como uma ciência médica, em que a massagem terapêutica, faz parte apenas de um tratamento diante de outros milhares empregados. Contribui nesse processo de mudança de olhar para a Ayurveda como um sistema de saúde completo, a entrada de este saber na área da saúde, em Goiânia com convênio citado com o Ministério da Saúde e trazendo cursos específicos para profissionais da saúde.

A massagem ayurvédica é parte importante do sistema médico ayurvédico: “Em resumo, a medicina Ayurvédica afirma que a massagem nutre todos os tecidos, afasta o estresse e a tensão, equilibra os doshas, rejuvenesce o sistema, cura doenças causadas pelo desequilíbrio dos doshas, promove força e vitalidade” (MENEGUZZI, 2011, p. 2).

Cabe citar novamente, o texto da reportagem, Ayurveda a massagem da vida, a ginástica que faz de Margaret Thatcher uma dama de ferro, de 1989 para reforçar que a Ayurveda é colocada como uma técnica de massagem, “[...] A Ayurveda - uma técnica hindu de massagem profunda, cuja adepta mais conhecida é a primeira-ministra britânica Margareth Thatcher - pode ser traduzida como a ciência da vida [...]”.⁶³

Nesta parte da pesquisa quero me colocar como personagem. Na década de 1980 tive o meu primeiro contato com a Ayurveda e foi através de um curso de Massagem Ayurvédica. Foi assim que, em um primeiro momento, conheci esta ciência. Somente em 2010, fui completar uma formação como Terapeuta Ayurveda e descobrir a amplitude desse saber originário da Índia. Entendi que a massagem ayurvédica entre elas, a *abhyanga* é apenas uma das práticas de tratamento corporais da massoterapia, dentro dessa ciência enorme e complexa que é a Ayurveda.

O jornal do Brasil de 1999, edição 00115, com o título Massagem Ayurvédica, o toque dos deuses, técnica indiana inclui reeducação postural e alongamento também reforça este olhar. Tem-se retratada a chegada da Ayurveda também através de escolas, no Rio de Janeiro, entre praticantes de Yôga. A reportagem em análise é da Escola de Massagem

⁶² Fonte: Disponível em: <https://www.artofliving.org/br-pt/irmas-inseparaveis-yoga-e-ayurveda>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁶³ Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=257048>. Acesso em: 20 fev. 2022.

Ayurvédica do Rio de Janeiro, da mestra *Ma Prem Lla*, Delma Henrique, praticante de Yôga e Meditação Transcendental. O texto da matéria não é assinado o que pode indicar tratar-se de uma matéria de caráter publicitário, ou seja, com o intuito de divulgação. A imagem é de Stefan Radovicz.

A força da tradição ayurvédica extrapola o âmbito de um mero sistema médico (Sudhir, 1989). Seus preceitos são seguidos tradicionalmente por boa parte da população hindu, e a filosofia desse sistema está vinculada a outros campos do conhecimento védico, como o Yoga e as tradições espirituais. (MENEZES, 2016, p. 15).

Figura 23: Massagem ayurvedica, o toque dos deuses.

Massagem ayurvédica, o toque dos deuses

**FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS**

SEMINÁRIO IBRE EBNAP

Saúde e Previdência Social:

Saídos para o P

1908 - ABERTURA - José Sara - Ministro de Saúde
- Saúde e Previdência Públicas no Brasil
- Adolfo de Almeida - Presidente da ABRAPAC
- José Kligerman - Diretor do Instituto Nacional de Câncer

2008 - 80 Anos de Saúde: Gestão e Investimentos
- Sérgio Figueira - Secretário - Comissão de Inquérito de Saúde
- César Cesarino - Secretário de Saúde
- R. (a confirmar)
- Paulilândia - Diretor da Esc. Nac. de Saúde Pública

2018 - Hospital, Clínica e Pronto-Socorro:
- Francisco Gonzaga - Diretor do HNS
- Antônio Peryto
- Renato Kowalski - Médico e Professor
- Neurologia e Medicina e Experiência de Fundação Osmundo Cruz
- Eli de Sousa Garcia - Pres. da Fund. Osmundo Cruz

2708 - O SUS: evolução e realidade
- André P. Mendonça - Pres. do Cons. Fed. de Medicina
- Atualidade e perspectivas da Odontologia no Brasil
- Jacques Danon - Pres. do Cons. Federal de Odontologia
- Eliá Conceição - Vice-Presidente do Cons. Fed. de Odontologia

0208 - Previdência e Assistência Social
- Helvécio Ornelas - Ministro de Previdência e Assistência Social
- Silvana Espirito - Secretário do Estado de Assistência e Previdência Social
- Francisco Oliveira - Pesquisador do IPEA

0308 - Saúde na Saúde
- Carol Bonaventura - Prof. Titular UFPA
- Márcio Plumbo - Cirurgião Plástico
- Luis Fernando Salgado - Médico e Pesquisador

0408 - Ética na Saúde
- Fernando Galvão - Secretário Municipal de Saúde
- Christiano Machado - Professor Titular da Unesp
- Clea Helena Bertoni - Professora Titular da UFPA
- Helena Helena Bertoni - Prof. Titular da UFPA

0508 - Bioética e o Projeto Genoma
- Leonardo Boff - Teólogo e Filósofo
- Marcos Patrício - Pós-Doutor em Previsão UFPA/IBRAC
- Aldo Jansen - Ex-Ministro de Saúde (a confirmar)

Horário - 18h às 21h 30min

Coordenação: Professora Fátima Bayma - Professor Estivan Katsur

INFORMAÇÕES/INSCRIÇÕES

Tel./Fax: 536-9119 / 536-9368 / 536-9370 - Tel.: 536-9477
contato: Ana Cristina ou Cristiane - Taxa de inscrição R\$30,00 até 21/07/08

e-mail: bayma@fgv.br/br/ib/fgv.br/estivan@fgv.br
Visite o nosso site: www.fgv.br

JORNAL DO BRASIL

Engrene na quarta que o carro sai rapidinho.

Acheil

Cafetera Acheil Velocim.
Toda quarta e sábado.
Ligue 010-5000 e anote.

■ Técnica indiana inclui reeducação postural e alongamento

Em sânscrito, *ayur* significa vida e está relacionado ao ciclo. A ciência *ayurveda* nasceu na Índia há seis mil anos e, segundo textos antigos, pode ser considerada a mãe das terapias alternativas. A *massagem ayurvédica*, como é chamada no Brasil, faz parte desta ciência, que inclui cuidados com a alimentação e a utilização de vários medicamentos, visando a conquista do equilíbrio corporal. Ela não se propõe a ser apenas uma terapia relaxante, mas parte de um tratamento curativo auxiliado por dietas e pilospeciais, que ajudam a liberar as tensões presas aos tecidos do corpo.

A brasileira Delma Henrique transformou-se na mestra Ma Prem Lla, na Índia, e há seis meses transmite seus conhecimentos sobre esta arte na Escola de Massagem Ayurvédica do Rio de Janeiro (Ema), na Tijuca (*). Além de dar aulas, ela aplica a técnica indiana em quem estiver interessado em sentir "o toque dos deuses". Para atender os interessados, é preciso lembrar que a *massagem ayurvédica* é parte de um tratamento holístico, que encara corpo e mente como um todo.

O ponto de partida do *ayurveda* é a ciência védica, que, segundo a *ayurveda*, é o centro da vida e da saúde. "Reeducação postural é fundamental. Uma coluna saudável tem influência sobre o resto do organismo", diz ela.

O aquecimento da massa muscular com deslizamentos e fricções manuais é seguido de uma pressão mais profunda dos dedos, para atingir os tecidos e os pontos vitais. "Muitas vezes, os músculos, tendões, artérias, veias, nervos e órgãos reprimidos ficam bloqueados sob a forma de energia trêmula na musculatura. Isso provoca dores", explica. Outros métodos utilizados são as manobras de alongamento e tração, específicas para cada parte do corpo, além de trabalhar sobre costas e pernas. No fim, a mestra assegura que todo o organismo será beneficiado.

(*) A Escola foi no Pátio Dr. Pereira da Silva, 301/02, de Terça-feira, 10h às 12h e 19h às 21h30.



Arte de Delma (E) sem cansado dores, depressão e impotência

Fonte: Jornal do Brasil, (Hemeroteca Digital).

Segundo Menezes (2016), o Ayurveda sofreu modificações e foi “(re)inventado” no começo do século XX na Índia, como resposta e consequência do processo da colonização britânica e a imposição da Biomedicina como forma hegemônica nas práticas de saúde,

A necessidade de legitimação do Ayurveda perante a desvalorização promovida pelo colonizador fez com que ele fosse reorganizado, tendo como modelo padrões ocidentais como ensino universitário e organizações de classe (Langford, 2002). A reformulação e adaptação da prática ayurvédica levou à polarização entre diferentes concepções do Ayurveda (Puro x Misturado). A prática do Ayurveda na Índia contemporânea é um reflexo da situação colonial, durante a qual a Biomedicina é imposta como parte de um sistema de dominação eurocêntrico. (MENEZES, 2016, p. 09).

Neste contexto de uma Ayurveda pura e misturada, percebe-se nas fontes uma Ayurveda globalizada e misturada. São descritos apenas conceitos ayurvédicos separados e muitas vezes distorcidos. Observa-se que as tradições dos povos não ocidentais foram subjugadas não apenas na Índia, mas também na América Latina, e em muitos casos, foram completamente destruídas, consequências de uma relação colonial.

A prática do Ayurveda na Índia contemporânea é um reflexo da colonização e da subalternização dos saberes e conhecimentos não ocidentais. A busca de legitimação do conhecimento nativo é empreendida por meio de uma concepção de Ayurveda “puro”, que se baseia nos textos clássicos, e no uso de plantas medicinais originais. Os poucos trabalhos publicados sobre o Ayurveda no Brasil limitam-se a descrições de conceitos ayurvédicos. (MENEZES, 2016, p. 09).

Para Santos, a universalização da “ciência ocidental”, Biomedicina, gerou uma subalternização dos sistemas de conhecimento “não ocidentais”.

[...] ao incidir sobre outras formas de conhecimento, essa “destruição criadora” traduziu-se em epistemicídio. A morte de conhecimentos alternativos acarretou a liquidação ou a subalternização dos grupos sociais cujas práticas assentavam em tais conhecimentos. Este processo histórico, que foi violento na Europa, foi-o muito mais nas outras regiões do mundo sujeitas ao colonialismo europeu. (SANTOS, 2006, p. 03).⁶⁴

Destacamos agora o jornal do Brasil de 1989, Edição 00002, na editoria de ciência médica, com a matéria e título, A cura pelas ervas obtém apoio institucional⁶⁵, escrita por: Eliete Vaitsman e imagem de Adriana Lorete, com participação de Lisa França de Goiânia e Ancelmo Gama de Belém.

⁶⁴ Fonte: Disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r27234.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2021.

⁶⁵ Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=Ayurveda&pagfis=260023. Acesso em: 3 dez. 2021.

Figura 24: A cura pelas ervas obtém apoio institucional.



Fonte: Jornal do Brasil, 1989.

O INAMPS foi extinto em 1993, pela Lei nº 8.689, com a criação do SUS-Sistema Único de Saúde criado pela Constituição de 1988. Na ocasião foi instituída a lei universal de saúde, unificação e descentralização para os estados e municípios.

As informações da matéria reforçam a movimentação da movimentação do convênio com Inamps, em 1985, em pleno funcionamento em Goiânia com a oficialização já citada nesta pesquisa, com a Secretaria de Saúde do Estado e a vinda de médicos indianos sob a coordenação de Maharishi Mahesh Yogi, cuja importância nesse fluxo de saber será ainda mais detalhada e é destaque nesta pesquisa.⁶⁶

O período da história política do Brasil envolvia o Governo Sarney, que se fez de 15 de março de 1985 a 15 de março de 1990 na Presidência da República após sua sucessão por Fernando Collor. Criado pelo regime militar em 1974, o INAMPS veio após o desmembramento do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), atualmente, o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). No meio acadêmico no início da década de 70 nasceu o movimento da Reforma Sanitária, como oposição ao regime militar e com questões como a

⁶⁶ Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pagfis=187443. Acesso em: 9 dez. 2021.

lei universal de saúde, o caráter Inter setorial nas práticas de saúde e o papel regulador do Estado na saúde, à descentralização, entre outros.

No início de 1980, foi realizada a VII Conferência Nacional de Saúde com o objetivo de discutir a implantação de uma rede básica de saúde que, juntamente com a experiência do PIASS, permitiu o surgimento, em 1980, de um ambicioso projeto denominado PREVSAÚDE - Programa Nacional de Serviços Básicos de Saúde, que tinha como objetivo a universalização dos cuidados primários de saúde, em todo o país, através de uma articulação entre entidades públicas e privadas, extensão máxima da cobertura com regionalização, hierarquização e integralização das ações, uso de técnicas simplificadas, pessoal auxiliar e inclusão do setor privado no sistema. (SCAFF, p. 11).⁶⁷

De acordo com Paiva (2014), o período da reportagem vem após o retorno do estado democrático com debates que transformaram a saúde no Brasil, “(...) em direito individual e deu origem ao processo de criação de um sistema público, universal e descentralizado de práticas da saúde, alterando profundamente a organização da saúde pública no país”. (PAIVA, 2014, p.01)⁶⁸. Um momento propício para a implantação de novas práticas de saúde no sistema público brasileiro, como o uso de plantas medicinais e a Ayurveda.

A reportagem cita a Clínica Fitoterápica, em Goiânia, pioneira na parceria com a temática Ayurveda em convênio com a Secretaria de Saúde. Entre as bases do tratamento o uso das plantas medicinais, na Fitoterapia. Tudo coordenado por médicos indianos e brasileiros e demais profissionais da saúde. Aqui cabe destacar o significado do termo fitoterapia é dada à terapêutica que utiliza medicamentos constituintes de plantas medicinais ou derivados vegetais. (BRASÍLIA, 2012)⁶⁹.

Destaca-se a Fitoterapia, o uso das ervas medicinais milenar na história da Ayurveda. A aproximação de este saber popular com a utilização das plantas medicinais para profissionais da área da saúde como médicos e farmacêuticos.

Na história do uso das plantas medicinais no Brasil destaca-se a atuação da Pastoral da Saúde, ligada a Igreja Católica e que iniciou seus trabalhos no ano de 1989, com a participação de um pequeno grupo de voluntárias. Oferecia cursos e formação para uso de chás e remédios de cunho popular, extraído de plantas medicinais. As plantas medicinais são utilizadas há milênios pelas civilizações como recurso natural para prevenção e tratamento.

⁶⁷ Fonte: Disponível em: http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/Material3_ChioroA.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2021.

⁶⁸ Fonte: Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/rcknG9DN4JKxkbGKD9JDSqy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2021.

⁶⁹ Fonte: Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf. Acesso em: 3 dez. 2021.

De acordo com Crespo, após a Primeira Guerra Mundial com o aumento das pesquisas e a síntese dos medicamentos, tem-se na história um declínio na utilização de plantas medicinais. “Entretanto, observa-se, que a partir da década de 70, houve um retorno ao uso de produtos naturais tendo como ponto de partida a realização da Conferência Internacional Sobre Cuidados Primários de Saúde em Alma-Ata, na URSS em 1978” (CRESPO, 2018, p. 01).⁷⁰

Posteriormente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) criou o Programa de Medicina Tradicional com o objetivo de estimular os estados para o desenvolvimento de políticas públicas no uso racional e integrado das Medicinas Tradicionais e das Medicinas Complementares e Alternativas nos sistemas nacionais de atenção à saúde, reforçado no Brasil com a criação do SUS como já abordado nesta pesquisa. A reportagem analisada retrata este fato.

Neste momento da história das políticas voltadas para área da saúde no Brasil, o governo do estado de Goiás, em 1988, criou o centro ambulatorial de referência em Fitoterapia e Medicina Ayurvédica em Goiânia, que passou a ser conhecido como Hospital de Terapia Ayurvédica, com a realização de cursos de Medicina Ayurvédica promovidos pelo convênio já mencionado nesta pesquisa.

Um caso exemplar é o de Goiânia, onde a clínica fitoterápica montada há dois anos e meio pela Secretaria de Saúde do Estado já atendeu mais de 6 mil pessoas e está prestes a inaugurar um hospital de 40 leitos. Tudo começou com cursos ministrados por médicos indianos, que treinaram 70 profissionais, entre eles 10 médicos (...). (JORNAL DO BRASIL, 1989, p. 12).

A matéria demonstra um caminho com intercâmbio de conhecimento entre as capitais e estados do Brasil. No Brasil, a Fitoterapia já tinha seu uso oficializado na rede pública brasileira pela Ciplan (Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação) e na Ayurveda, seu uso é milenar e parte principal e base dos tratamentos. Em 1988 “Resoluções da Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação (Ciplan) n°s 4, 5, 6, 7 e 8/88, que fixaram normas e diretrizes para o atendimento em homeopatia, acupuntura, termalismo, técnicas alternativas de saúde mental e fitoterapia”. (LUZ, 1996)⁷¹

A reportagem também cita outro personagem importante na história da Ayurveda no Brasil, a primeira diretora geral do então Hospital de Terapia Ayurvédica, a Dra Heloisa

⁷⁰ Fonte: Disponível em:

<https://biblioteca.incaper.es.gov.br/digital/bitstream/123456789/3340/1/plantasmedicinaiseotrabalhodapastoralemvni.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁷¹ Fonte: Disponível em: <https://www.ufjf.br/integralidade/saber-mais/pic/homeopatia-2/historico-da-homeopatia-no-brasil/>. Acesso em: 9 dez. 2021.

Helena Teixeira dos Reis, médica especialista em Dermatologia e que esteve à frente do mesmo até 1999.

Ressalta-se que na época da reportagem, no governo Sarney foi realizada a 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, que determinou:

[...] a “introdução de práticas alternativas de assistência à saúde no âmbito dos serviços de saúde, possibilitando ao usuário o acesso democrático de escolher a terapêutica preferida”. Com vistas à viabilização dessa recomendação, algumas medidas foram tomadas, como a regulamentação da implantação da fitoterapia nos serviços de saúde nas unidades federadas, por meio da resolução Comissão Interministerial de Planejamento e Coordenação (Ciplan nº 08, de 08 de março de 1988). (BRASÍLIA, 2006, p. 17).

A matéria reforça como a regularização da Fitoterapia nos serviços de saúde contribuiu de forma particular para a criação do centro ambulatorial de referência em Fitoterapia e Medicina Ayurvédica, em Goiânia, parte de destaque na história da Ayurveda no Brasil e o que abordaremos nesta pesquisa mais para frente e também, a Fitoterapia abriu caminho para a aprovação, em 2006, da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS⁷², com olhares nas práticas de saúde nas áreas, política, técnica, econômica, social e cultural:

Esta política atende, sobretudo, à necessidade de se conhecer, apoiar, incorporar e implementar experiências que já vêm sendo desenvolvidas na rede pública de muitos municípios e estados, entre as quais destacam-se aquelas no âmbito da Medicina Tradicional Chinesa, Acupuntura, da Homeopatia, da Fitoterapia, da Medicina Antroposófica e do Termalismo-Crenoterapia. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006, p. 04).

Outra demonstração de intercâmbio de conhecimento e revelador de como este conhecimento se deslocou entre as regiões do Brasil, é a participação de dois escritores contribuindo com a repórter, a saber: Lisa França, de Goiânia e Ancelmo Gama, de Belém os indicativos de centros de pesquisa destas práticas de saúde já existentes nesses locais.

[...] De qualquer modo, os hortos medicinais se espalham. De Olinda a Curitiba, de Fortaleza ao Rio, cuidados por profissionais como o farmacêutico, Francisco José de Abreu Matos, da Universidade Federal do Ceará que tem no prelo, um livro-guia de seleção e emprego de plantas medicinais (JORNAL DO BRASIL, 1989, p. 12).

Personagem principal na reportagem, o Farmacêutico e químico fisioterapeuta pela Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil, possui pós-graduação em

⁷² Fonte: Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Farmacotécnica Industrial na Universidade de Farmácia de São Paulo, o Dr. Marcos Stern. Considerado um dos mais respeitados profissionais da sua área e de estudo com plantas medicinais e fitoterapia. Stern foi sócio fundador do 1º Jardim Botânico de Plantas Medicinais do Brasil, em Teresópolis e autor de pelo menos quatro obras com a temática de estudo. Ainda hoje, profissionais da saúde estudam a o uso das plantas medicinais no Brasil e na Índia. Dois países com extensa lista de espécies na sua flora.

Ressalta-se o uso das plantas medicinais no período pós-colonial na Índia como uma forma de “revalidar” a Ayurveda frente à hegemonia da Biomedicina na Índia. Segundo Menezes (2016), “Portanto, o cultivo das supostas “plantas originais” é a principal atividade em prol da “dessubalternização “do Ayurveda no contexto atual da Índia”. O Ayurveda “puro” teria as questões: “[...] médico “autêntico” + conhecimento das escrituras clássicas + plantas “originais” + conhecimento das formulações clássicas = “Ayurveda puro”. Para Menezes (2016), “[...] quando se fala em Ayurveda “verdadeiro”, “puro” e “original”. Tratava-se, portanto, de um programa de cunho muito mais “político” do que médico”. (MENEZES, 2016, p. 88).

A história do uso das plantas medicinais no Brasil. Não é nosso objeto de estudo, mas cabe aqui destacar que o Brasil assim como a Índia é bastante propenso para o desenvolvimento do uso das plantas medicinais “[...] por possuir a maior diversidade vegetal do mundo, ampla sociodiversidade, uso de plantas medicinais vinculado ao conhecimento tradicional e tecnologia para validar cientificamente este conhecimento”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006, p. 19).

Na década de 80 diversos documentos foram desenvolvidos para enfatizar e estimular a introdução do uso das plantas medicinais e fitoterápicos na atenção básica no sistema público, entre eles: A Resolução Ciplan n. 8/88, 10a Conferência Nacional de Saúde, a Política Nacional de Medicamentos, entre outros. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006, p.20).

No mesmo periódico tem-se a matéria com o título, Coreano introduz saber oriental, de Waldomiro Júnior, em Salvador. Tem-se mais um registro de outro saber ancestral no Brasil e deste intercâmbio cultural, a medicina oriental com o uso de plantas medicinais.

Figura 25: Coreano introduz saber oriental.



Fone: Jornal do Brasil, de 1989.

O *Jornal do Brasil* (1989, p. 12) destaca que,

Em meio à campanha eleitoral de 1986, o governador Waldir Pires recorreu ao médico coreano Jung Dolin para curar problemas respiratórios. Satisfeito com os resultados do tratamento, Waldir não só passou a integrar a numerosa lista de pacientes de Dolin – entre eles, Gilberto Gil – como decidiu implantar a medicina alternativa na rede de saúde da Bahia.

Destaca-se que durante os governos Sarney e Lula, Waldir Pires foi ministro da Defesa, da Previdência Social e da Controladoria-Geral da União e foi governador da Bahia. Gilberto Gil, citado na reportagem, nasceu em 1942, portanto músico brasileiro que vivenciou períodos históricos no Brasil e foi um opositor da Ditadura. Na década de 1960, ao lado de outros artistas foi um dos dois criadores do Movimento Tropicalista. Esse movimento teve forte influência da Contracultura, movimento já abordado nesta pesquisa e facilitador da entrada de diferentes olhares nas práticas de saúde como as práticas holísticas no Brasil nas décadas de 70, 80, 90. Para o Tropicalismo a Contracultura foi uma forma de enfrentar a ditadura.

As técnicas holísticas e integrativas são tão antigas quanto à própria humanidade. O uso das plantas medicinais pelos animais e pelo humano vem desde a era primitiva e seu desenvolvimento tem registros importantes na história da ciência estudada, a Ayurveda já que nessa, alguns livros escritos nessa tradição em sânscrito prescrevem centenas de plantas medicinais, bem como seu uso.

Aqui, poderíamos citar o pensador indiano de visão holística e influência dos Vedas, *Krishnamurti*, mas de acordo com Teixeira (1996), “O precursor do paradigma

holístico foi Jan Smuts (1870-1950). Foi o criador do termo 'Holismo' [...]”. É um precursor do que seria uma visão holística da saúde e integral do ser humano. É a visão de que por trás de toda doença, existe um ser em desequilíbrio, com diversas questões complexidades. A necessidade de conhecer o homem em sua totalidade nas práticas médicas para tratá-lo na sua totalidade.

Quanto ao termo Holismo e a visão do ser humano na sua totalidade, essa sabedoria também se encontra nas tradições da Ayurveda e representa um sistema antigo desde a antiguidade grega, com Heráclito:

O novo paradigma força uma visão sistêmica e uma postura transdisciplinar. O modelo sistêmico atende ao conceito de interdependência das partes. Postula que tudo é interdependente, que os fenômenos apenas podem ser compreendidos com a observação do contexto em que ocorre. Postula também que a vida é relação. (TEIXEIRA, 1996, p. 02).

O *Jornal do Brasil* de 1994, edição 00172, editoria de Ciência com o título, Hospital adota medicina alternativa, tem-se entre os personagens do texto líderes mundiais e representativos na história da Ayurveda mundial, entre eles, representante da era *New Age*, o médico Deepak Chopra. A reportagem aborda o crescimento das terapias alternativas como a Ayurveda, na Califórnia, EUA. O texto é assinado por Tony Perry do periódico, Los Angeles Times, da Califórnia/EUA. É uma matéria de agência internacional.

O período é pós 1980, com avanço da globalização e quando o neoliberalismo ganharia força e visibilidade com o Consenso de Washington nos EUA.

Como se sabe, os anos 80 foram palco de profundas rupturas e transformações que atingiram praticamente todos os elementos constitutivos das organizações sociais e das relações que entre elas se estabelecem. Essas transformações incluíram não só a tecnologia e a organização e divisão do trabalho, mas a ideologia e a ordem político-econômica mundial. É nesse contexto que ganhou espaço progressivamente o paradigma neoliberal, baseado na defesa de três questões centrais: a) a superioridade do livre mercado como mecanismo de alocação de recursos; b) o lugar central do indivíduo na sociedade e c) a priorização da liberdade de escolha e da diferenciação dos indivíduos em detrimento da igualdade (Ugá, 1994). (NORONHA, 1995, p. 01).

Com uma Nova Ordem Mundial, que se estabeleceu após a queda do Muro de Berlin e o fim do período da Guerra Fria, de 1945 a 1991, os EUA firmaram-se como potência militar e econômica mundial. O mundo pós-guerra fria é marcado por várias características, uma divisão mundial não mais bipolar e sim multipolar, o neoliberalismo, a globalização e os blocos econômicos. O impresso é de três anos após o fim da Guerra Fria, quando os EUA despontam como potência mundial e um intenso processo de globalização.

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de informação resultantes da revolução digital, intensificaram os efeitos do processo de globalização mudando a natureza do tempo e do espaço, alterando a noção de distância, cruzando fronteiras e descontextualizando muitas das instituições e das práticas sociais. A globalização da modernidade emerge, assim, como um processo de compressão do tempo e de aniquilação do espaço, na definição de David Harvey (1989) a que se associa a internacionalização do capital, o consumismo e a construção de um mercado global. (LOURENÇO, 2014, p.04).

No *Jornal do Brasil* de 1988, edição 00340, verifica-se o convite para noite de autógrafos, no Rio de Janeiro. A autoria é do Studiolivre, Editora Best Seller. O título é **Conexão Saúde** e do Centro Maharishi e Deepak. É um convite com o autor do livro *Conexão Saúde*, o médico Dr. Deepak Chopra, responsável pelo Centro de Saúde Maharish Ayurveda, em Massachusetts.

Deepak Chopra é um médico ayurvédico, o autor do livro da nota do jornal do Brasil atualmente, possui mais de 80 livros sobre medicina alternativa. É discípulo do mestre indiano Maharishi Maheshi Yogi. De acordo com Pigozzo (2021), “As reações à obra de Chopra se popularizaram a partir dos anos de 1990, na época de publicação do livro “Ageless body, timeless mind: the quantum alternative to growing old” (1993), quando ele participou do programa de televisão de Oprah Winfrey [...]”. (PIGOZZO, 2021, p. 03).

Maharishi Mahesh Yogi é um guru da Índia, fundador do movimento Meditação Transcendental, com sede em vários países tanto da América-Latina, América do Norte, Europa e Ásia. Em 1971 fundou uma Universidade nos EUA, em Fairfield, Iowa⁷³ e desenvolveu uma educação baseada na consciência dedicada à sustentabilidade, saúde, artes e ensinamentos ayurvédicos. Na década de 70, 80 e 90 atuou intensamente na divulgação da Meditação Transcendental no Brasil, como retratado em algumas das nossas fontes e esteve envolvido na criação do centro ambulatorial de referência em Fitoterapia e Medicina Ayurvédica, em Goiânia que contou com a atuação de médicos brasileiros e indianos de ayurveda⁷⁴.

Conforme Fagundes (2019), a Meditação Transcendental tem sua origem nas escolas filosóficas da Índia e apresenta as tradições de Yoga de Patañjali. Maharish trouxe-a para o Ocidente em um período intenso da era *New Age* fato que teria facilitado à divulgação dos seus ensinamentos, “[...] foi justamente durante o movimento de contracultura. Esse movimento foi marcado por uma geração de jovens, intelectuais, e artistas contestadores dos valores da sociedade capitalista”. (FAGUNDES, 2019, p.13).

⁷³ Fonte: Disponível em: <https://www.miu.edu/about-miu>. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁷⁴ Fonte: Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/component/sppagebuilder/37-cremic-centro-estadual-de-referencia-em-medicina-integrativa-e-complementar.html>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Ressalta-se que no início de 1980, foi realizada a VII Conferência Nacional de Saúde com o objetivo de discutir a implantação de uma rede básica de saúde e programas como o PREVSAÚDE, um olhar de serviços básicos de saúde, com “[...] a universalização dos cuidados primários de saúde, em todo o país, através de uma articulação entre entidades públicas e privadas, extensão máxima da cobertura com regionalização, hierarquização e integralização das ações [...]” (CHIORO, p.11)⁷⁵. Possibilitando a abertura para novas práticas em saúde voltada para os saberes populares. Para Acioli (2015),

Os saberes populares incluem todas as formas de conhecimento informais. Como ensina Freire (3), ensinar exige respeito aos vários saberes e experiências. Portanto, incluem as manifestações da cultura popular, os chás medicinais, os artesanatos, as mandingas, as cantigas de ninar e muitas outras expressões da sabedoria prática. (ACIOLI, 2015, p. 01).

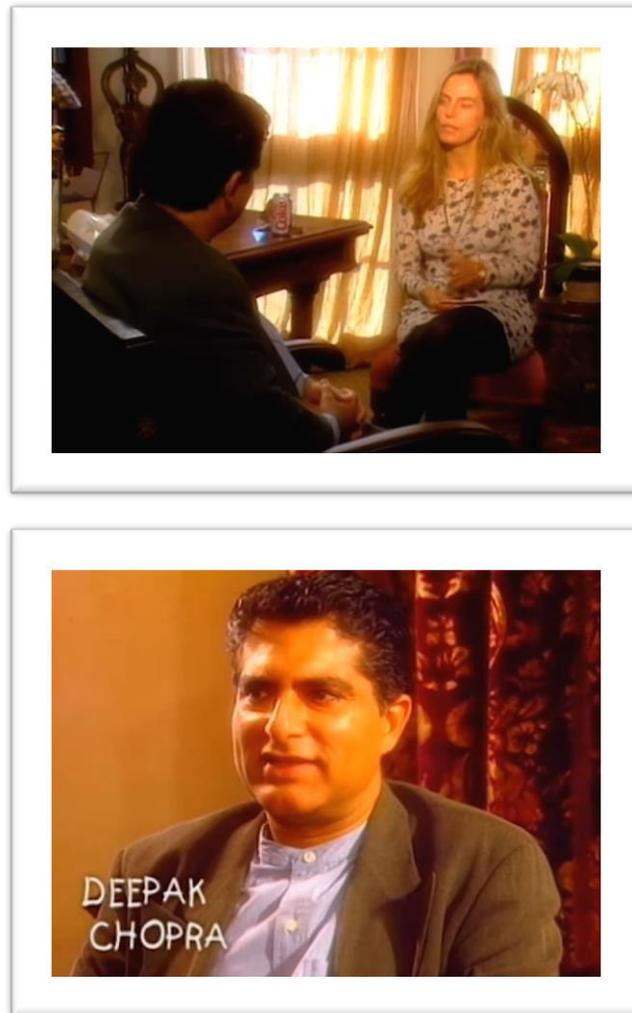
Destaca-se a nota da Rede Bandeirantes, no Jornal do Brasil, do ano 1998, edição 00278. O conteúdo é da programação da TV aberta do programa, Gente de Expressão. Um programa estilo *talk show* semanal, apresentado pela atriz e escritora Bruna Lombardi de 1993 a 1995.

Destaca-se que em 1990, Lombardi deixou a carreira de atriz na televisão e se mudou para os Estados Unidos. Passou a apresentar o programa Gente de Expressão, na Rede Manchete diretamente de Los Angeles. Entrevistou artistas nacionais e internacionais, entre eles: Mariah Carey, Dustin Hoffman, Jean-Claude Van Damme e Mel Brooks. Ativista ambiental, Lombardi nunca escondeu ser praticante de Yôga e sua busca por filosofias que levem ao autoconhecimento⁷⁶.

Figura 26: Bruna Lombardi entrevistando celebridades.

⁷⁵ Fonte: Disponível em: http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/Material3_ChioroA.pdf. Acesso em: 2 dez. 2021.

⁷⁶ Fonte: Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/nao-da-mais-para-ser-indiferente-diz-bruna-lombardi-sobre-pandemia/>. Acesso em: 1 dez. 2021.



Fonte: Programa Gente de Expressão. Gravado nos EUA no Centro **Chopra**.⁷⁷

O texto divulga entrevista com o “terapeuta indiano”, Deepak Chopra. Na imagem da nota, a foto da atriz. A publicação demonstra uma vez mais a força de Chopra na divulgação da Ayurveda no Brasil e este fluxo de saber vindo dos EUA, onde a atriz viveu. Chopra atua até hoje como médico e divulgador da ciência Ayurveda nos EUA.

A matéria do *Jornal do Brasil*, dos anos de 1998, edição 00123 com o título, Salada de Spas, nos EUA, a diversificação e a concorrência resultaram até na oferta de programa em que é proibido falar durante dias, também registra a atuação de Chopra nos EUA e com um olhar crítico, analisa o crescimento das práticas integrativas em solo norte-americano.

Figura 27: The Chopra Center.

⁷⁷ Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=39ORcyGsvLA>. Acesso em: 1 dez. 2021.



Fonte: The Chopra Center⁷⁸

O texto é assinado por Flavia Sekles, correspondente internacional de Washington. A reportagem fala do crescimento dos *spas* alternativos e em alguns momentos com um olhar crítico cita, dentre outros espaços, o *Chopra Center*, baseado nos ensinamentos do mestre indiano Maharishi e chefiado pelo médico ayurveda Dr. Deepak Chopra já citado nesta pesquisa.

Para estudar este fluxo de saberes, este nível de troca com os outros, local regional e nacional ressalta-se a História Transnacional. De acordo com Carvalho (2016),

Surgida entre os estudos migratórios, ela visaria não comparar sociedades, mas dar conta dos intercâmbios realizados entre elas. Enfatizaria as redes, as crenças, as instituições que transcendem o espaço nacional. Poderia ser identificada como transferência ou movimento de capital ou bens, mas, principalmente, de pessoas, ideias e práticas. É importante ressaltar que, embora os laços transnacionais possam dissolver algumas barreiras nacionais, eles, simultaneamente, fortalecem ou criam outras. (CARVALHO, 2016, p. 13).

O impresso do final da década de 90 mostra um olhar crítico a respeito da forma de aplicação da Ayurveda nos EUA, fora da Índia. Uma Ayurveda “misturada”, assim como chega ao Brasil em um primeiro momento, como já abordado, associada a práticas massoterapêuticas e de relaxamento, os *spas* direcionado para o turismo de saúde e bem-estar.

Uma fonte extra é o *Jornal Fluminense* do ano 1987, edição 25845. A nota escolhida possui o título, Médico baiano encerra curso de medicina natural. Fala do curso de Medicinas Alternativas do Inamps com temas como: alimentação, fitoterapia e Ayurveda. Curso ministrado pelos médicos Emilio Mira y Lopez Filho, presidente da Comissão de

⁷⁸ Fonte: Disponível em: <https://chopra.com/>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Medicinas Alternativas do Inamps. O texto escolhido mais uma vez reforça a importância do médico indiano Maharishi e dos médicos brasileiros envolvidos em convênio do Inamps.

O caráter transnacional da Ayurveda está presente nas reportagens. A história contemporânea desta ciência pesquisada nos periódicos brasileiros está associada à história do lado do continente asiático, na Índia. Através da mobilidade social, num cruzamento geográfico, histórico e cultural permitindo a troca de saberes.

Aqui destacamos a já citada reportagem com o título, **Ayurveda a massagem da vida** (A ginástica que faz de Margaret Thatcher uma dama de ferro), com o médico acupunturista chinês Kwong Ming Lai, em reportagem da Manchete. Lai revela ter aprendido Ayurveda na Índia com um guru, provavelmente um *Vaydia* como é chamado o médico ayurvédico naquele país. Nesse contexto, seguimos a lógica e tendência dos estudos transnacionais para a incorporação dessa história.

Tem-se o que se denomina uma “internacionalização da história”. A circulação de sujeitos e saberes em uma pesquisa que ultrapassa uma localidade específica ou Estado. Uma história com fluxos e relações transnacionais, uma percepção de que as fronteiras nacionais ficaram obsoletas e de que é preciso mudar conceitos.

Quando se fala de história transnacional temos um fluxo além das fronteiras:

[...] por meio do que se nomeou por história transnacional e, mais recentemente, história transnacional da educação. A despeito do foco claro na superação do nacionalismo metodológico, ainda é escasso o consenso sobre suas abordagens teóricas, afirma Eckhardt Fuchs (2014, p. 15). O termo recobre iniciativas distintas como a comparação histórica, transferência cultural, circulação, conexões, sendo ao mesmo tempo uma forma moderna de história internacional, segundo Bernhard Struck, Kate Ferris e Jacques Revel (2011, p. 573). Os mesmos autores esclarecem, entretanto, que “todas estas ferramentas ou perspectivas demonstram a importância da interação e circulação de ideias, pessoas, instituições e tecnologias através do Estado ou das fronteiras nacionais e assim a conexão e influência mútua dos Estados, sociedades e culturas” (REVEL, 2011 p. 574).

Figura central nesse caminhar da chegada da Ayurveda na América-Latina e no Brasil está o mestre indiano Maharishi Mahesh Yogi, polêmico como veremos ser revelado nas fontes secundárias abaixo, influenciou artistas e formadores de opinião com a chamada Meditação Transcendental, como os Beatles e trazendo esse conhecimento da Ayurveda para a América do Norte e a América Latina e no Brasil tem registro de sua atuação nos jornais estudados, da sua atuação para convênio já citado em Goiânia.

No *Jornal do Brasil* de 1984, edição 149 (01), com o título, **O guru de Novo**, mestre de Yôga e Meditação o indiano Maharishi, ao Brasil, para efetivar ações ligadas à Meditação Transcendental, em Minas Gerais e Brasília, próximo à região onde em 1985, o

mesmo com uma equipe de médicos e profissionais da saúde brasileiros, fecharia convênio com o Ministério de Saúde para a instalação de um hospital de Ayurveda.⁷⁹

Na pesquisa sobre a atuação e buscando reconhecer o personagem indiano como central no processo transnacional e de fluxo cultural para a entrada do saber ayurvédico na América Latina destaca-se o registro de suas ações no continente com alguns periódicos e fontes secundárias.

No *Jornal do Brasil* de 1985, edição 324 (1)⁸⁰ é feito o registro da viagem de Maharishi pela Venezuela com o título: **Guru indiano chega à Venezuela**. O texto fala de Maharishi e do presidente Jaime Ramón Lusinchi da Venezuela.

O ano de 1985 na história política brasileira é um período de abertura e transformação. Tancredo Neves é eleito presidente do Brasil e tem-se a eleição presidencial indireta, que marca o fim do Regime Militar. Ressalta-se o período de “redemocratização” entre os anos de 1975 a 1985, e eleições indiretas que devolveram o poder às mãos de um presidente civil.

A matéria demonstra o interesse do mestre indiano na América do Sul para a divulgação e instalação dos seus centros de Meditação Transcendental e sua forma que ele mesmo denomina de Ayurveda Maharish, uma forma de Ayurveda global e moderna um reflexo do período pós-colonial da Índia. Complementa-se esta pesquisa com a matéria da folha de São Paulo cuja fonte é o veículo "*The Independent*" com o título, Discípulos de Maharishi querem fundar país dentro do Suriname. O país sul-americano, Suriname seria de interesse de Maharishi.

[...] querem fundar um novo país soberano na América do Sul. Eles ofereceram ao governo do Suriname US\$ 1,3 bilhão, ao longo de três anos, pelo arrendamento de 14 km² de terras, área pouco menor que a do arquipélago de Fernando de Noronha, para criar uma utopia rural num ponto situado a cerca de 40 km a nordeste da capital do país, Paramaribo. O proposto "País Global de Paz Mundial" [...].⁸¹

Analisando outra fonte, pode-se observar a movimentação de Maharishi no Brasil, em busca de apoio político para as suas ações. A matéria é do *Jornal do Brasil* do ano de 1983, edição 00317. O texto é assinado por Eliane Cantanhede de Brasília, com o título, Figueiredo recebe guru indiano que diz resolver tudo.

⁷⁹Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=Maharishi%20Mahesh%20Yogi.&pas ta=ano%20198&pagfis=85267. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁸⁰Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=Maharishi%20Mahesh%20Yogi.&pas ta=ano%20198&pagfis=93960. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁸¹ Fonte: Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1006200110.htm>. Acesso em: 1 dez. 2021.

João Baptista de Oliveira Figueiredo, foi eleito Presidente do Brasil do ano de 1979 a 1985. Sua trajetória particular na política foi marcada muitas vezes por incapacidade por doença e tendo que se apostar com duas licenças prolongadas, uma em 1981, quando sofreu um infarto e outra em 1983. Talvez seja este um motivo para a busca do mestre indiano, embora não encontramos outros registros deste encontro.

Na imagem da matéria observa-se o indiano Maharishi, mestre de Yôga e Meditação Transcendental e Figueiredo. Tem-se a legenda: Fazer de Brasília Era da Iluminação, o que demonstrando a influência da era *New Age* e o período da Contracultura. A relação entre as nações para além das fronteiras e nações, como afirma Tyrrell (2007).

Transnacional é um termo mais amplo, mas é menos abrangente que o rolo compressor determinista e unidirecional da globalização, ou as generalidades da terminologia de “transfronteiriça” que pode se referir a fronteiras dentro de estados-nação, incluindo municípios. O propósito do rótulo transnacional era de fato mais preciso: focar na relação entre nação e fatores além da nação. (TYRRELL, 2007).⁸²

No Jornal do Brasil, de 1984, edição 00149 (1), com o título, **O guru de Novo** observa-se novamente o mestre indiano visitando Minas Gerais e Brasília. A nota é da coluna Zózimo e o texto de Rogerio Ehrich.

No ano de 1985 temos a fonte pesquisada da Edição 00239(1) do Jornal do Brasil. A reportagem tem o título, **Onda Mística em Brasília. Vem aí o escuro Astro X**⁸³. O texto é assinado por Orlando Oliveira.

O guru Maharish Maheshi Yogi, um indiano que se tornou célebre quando foi apresentado ao mundo pelos Beatles, enviou, através do seu instituto, um ofício ao Governador José Aparecido, solicitando 800 hectares de terras públicas para construir uma “capital continental com uma universidade ayurvédica e um horto florestal com plantas medicinais. (JORNAL DO BRASIL, 1985).

A reportagem é muito significativa e aborda o pedido para o Governador José Aparecido de 800 hectares de terras públicas, no Distrito Federal. O objetivo, a construção do que seria uma “cidade continental”, conforme o texto, coordenado pelo mestre indiano, Maharish. O espaço abrigaria uma universidade e um horto de plantas medicinais.

Ressalta-se aqui a influência mais uma vez do movimento da contracultura no Brasil e as ações do mestre indiano Maharish que em 1987, ajudou na fundação do Hospital de Medicina Alternativa (HMA) em Goiânia juntamente com médicos brasileiros e latinos-

⁸² Fonte: Disponível em: <https://iantyrrell.wordpress.com/what-is-transnational-history>. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁸³ Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=Maharishi%20Mahesh%20Yogi.&pas ta=ano%20198&pagfis=157411. Acesso em: 1 dez. 2021.

americanos e que tem desenvolvido atendimentos complementares à medicina alopática, ao desenvolver uma abordagem holística aos pacientes que o procuram. Entre os tratamentos oferecidos estão: Ayurveda, Acupuntura, Homeopatia e Fitoterapia.

Pensar na Ayurveda no Brasil é ver a partir da análise das características considerando o movimento *New Age* como um fenômeno Segundo Alba (2015), o movimento pode ser visto como um fenômeno do Ocidente. “Apesar de o Brasil ser um país que possui suas particularidades, vê-se em alguns aspectos, por exemplo, que acabamos por refletir por meio de influências colonialistas países da Europa e EUA e suas culturas ocidentalizantes”. (ALBA, 2015, p. 25).

Quanto ao movimento da contracultura Magnani (1999) ressalta a influência do espiritualismo e da teosofia, “[...] de fins do século XIX e, se se quiser, quando se pensa numa gênese mais remota, é possível incluir, de períodos mais recuados, muitas outras correntes e grupos ocultistas tanto do Ocidente quanto do Oriente. (MAGNANI, 1999, p. 12).

Observa-se nas fontes primárias pesquisadas, a busca do mestre indiano Maharishi por apoio político para a implantação dos seus projetos. A fonte abaixo colocada de forma adicional demonstra a circulação dos médicos indianos com cursos no território nacional. É a edição pesquisada do Jornal dos Sports. Na reportagem observamos a história no Brasil das terapias holísticas e a importância das décadas de 80 e 90, na disseminação dessa visão holística e a importância do Hospital de Ayurveda em Goiânia na divulgação da ciência Ayurveda no Brasil. Temos a nota, de 1987, com o título “Medicina da Índia no Inamps”⁸⁴

O Inamps se constituía como a política pública de saúde que vigorava antes da criação do SUS e foi extinto pela lei federal 8.689, em 1993”. O antigo Instituto era responsável pela assistência médica aos trabalhadores que contribuía com a previdência social.⁸⁵

A nota reforça a entrada do saber ayurvédico tendo sua troca acontecendo entre os profissionais da saúde.

O Inamps se constituía como a política pública de saúde que vigorava antes da criação do SUS e foi extinto pela lei federal 8.689, em 1993”. O antigo Instituto era responsável pela assistência médica aos trabalhadores que contribuía com a previdência social.

⁸⁴ Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_05&pagfis=43710. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁸⁵ Fonte: Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/instituto-nacional-de-assistencia-medica-da-previdencia-social-inamps>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Até 1995, mais de 10 médicos ayurvédicos indianos vieram para o Brasil, em Goiânia fazer esta troca de saberes e coordenando cursos teóricos e práticos. (CARNEIRO, 2017). O Hospital de Medicina Alternativa (HMA) em Goiânia/GO teve de acordo com esta pesquisa um papel estratégico para esta troca. Na publicação tem-se destacado o uso das ervas medicinais na saúde, um conhecimento milenar já abordado na Ayurveda, na Índia e parte importante do hospital onde seria criado um horto de plantas medicinais com a coordenação de profissionais da área da saúde e dos médicos do Brasil, Índia e América-Latina.

O Inamps, através da comissão de Medicinas Tradicionais e Alternativas promoverá [...] o curso de fitoterapia, alimentação e saúde, destinado ao estudo das medicinas das ervas e tendo como abordagem especial da ayurveda - um tipo de medicina usada há milênios responsável por 70 por cento dos atendimentos na Índia. [...] o curso, que contará com uma equipe de professores da universidade da Índia [...].⁸⁶

Em outra fonte do Jornal do Brasil, do ano de 1994, edição 175⁸⁷ destaca-se a nota assinada por Martin Rickinger, na época, o coordenador nacional do Ayurveda Maharishi, em Brasília. O título é Ayurveda. A nota descreve outra página da trajetória de Maharish, intensa e com ações para a divulgação no Brasil, não somente da Meditação Transcendental, mas de práticas de Ayurveda, “[...] hoje clínicas de Ayurveda Maharishi estão disponíveis em mais de 30 países [...]”. A matéria cita estudos dos EUA e da Europa referente à Ayurveda, “[...] existem estudos juntos com segurados de saúde nos EUA e Europa [...]”,

Ressalta-se o caráter transnacional deste conhecimento e o aumento do uso da Ayurveda no Brasil, EUA e Europa, incentivado pela globalização.

Quando a globalização é interpretada como a internacionalização, o termo refere-se a um crescimento de transações e interdependência entre os países. A partir desta perspectiva, um mundo mais global é aquele em que mais mensagens, ideias, mercadoria, dinheiro, investimentos e as pessoas atravessam as fronteiras entre os Estados Nacionais. (SCHOLTE, 2002, p. 08).

Uma curiosidade da história da Ayurveda no Brasil é a realização em 1973, em Bertoga no estado de São Paulo, pela professora de yôga, Maria Helena de Bastos Freire, o IV Congresso Internacional de Professores e Yoga com a presença de Bhagwan Dash, mestre de Yoga e médico do Ministério da Saúde da Índia em Ayurveda. O vídeo mais uma vez reforça a ligação próxima entre Ayurveda e Yôga no Brasil e um fluxo e troca já existente, em 1973.

⁸⁶ Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_05&pagfis=43710. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁸⁷ Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pagfis=125727. Acesso em: 20 dez. 2021.

De acordo com o terapeuta Ayurveda, Erick Schulz é possível ser essa uma das primeiras palestras com o tema *Ayurveda* no Brasil. A afirmação proferida em palestra *online*, no Congresso Internacional de Ayurveda, Conayur, realizado em 2000.⁸⁸ O palestrante mostra arquivo de alguns jornais da época, entre eles do impresso O Estado de São Paulo, da década de 70, 23.11.1973, com o título, Pureza da alma é o passaporte para mestre indiano de Ioga, e mostrou fotos arquivo documentais do Congresso.

Finalizando esta série de estudo das fontes, esta pesquisa cita um jornal extra, de Curitiba, o jornal A Tarde, do ano de 1955, edição 01434B com o título, Medicamento usado na Índia há milhares de Anos.

A matéria é assinada por uma agência internacional de Nova York, *Globe Press*. O tema desenvolvido é sobre ciência e fala do medicamento Reserpina. De acordo com o texto, a substância é usada na Ayurveda de forma milenar. O jornal da Associação Médica Americana é citado como referência. Ao longo da matéria, fala-se sobre medicamentos e processos médicos na Índia. É uma fonte significativa por trazer uma visão já científica e no ano de 1955.

Situa-se a época de 1955, após a Segunda Guerra Mundial. O Presidente dos EUA era Dwight D. Eisenhower. Tem-se no mundo a chamada Guerra Fria entre 1947 e 1991, um mundo polarizado em dois blocos: EUA e URSS. Conflito político-ideológico ao redor do mundo e em uma disputa que ocorreu em diversos níveis como a economia, a diplomacia, a tecnologia. É época de incentivo ao desenvolvimento da temática sobre ciência, a corrida tecnológica impulsionando a ciência, o que é possível observar no tema da reportagem de 1955.

Para Ian Tyrrell (2007), a história transnacional amplia o olhar dos estudos como esta pesquisa, diferentemente do olhar da globalização com a ligação a teoria da modernização, foco em atividades unidirecionais e na homogeneização do mundo. Para este estudo é preciso falar de relações transculturais ou interculturais. A história transnacional não trata as fronteiras nacionais como dadas e por isto, possibilita uma comparação histórica com abordagens transnacionais e explicar a nação em termos de suas influências entrecruzadas. “Mas reconhece-se que a perspectiva global deve fazer parte da história transnacional”. (TYRRELL, 2007).⁸⁹

⁸⁸ Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jJEaC6CHens>. Acesso em: 20 dez. 2021.

⁸⁹ Fonte: Disponível em:< <https://iantyrrell.wordpress.com/what-is-transnational-history/>>. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

Diferente do conceito da globalização, um conceito que supõe o declínio da nação e que é, do meu ponto de vista, profundamente comprometido com o neoliberalismo, os estudos transnacionais geralmente reconhecem a persistência da nação como uma esfera principal da política, da economia e da cultura. De um lado, isso permite uma maior atenção aos processos, às redes e aos fenômenos de todo tipo que atravessam as fronteiras da nação sem implicar a homogeneização; de outro, o transnacional nos permite ir além da identificação de particularidades ou especificidades num contexto nacional (WEINSTEIN, 2013, p. 23).

2.3 CRONOLOGIA COM OS PERIÓDICOS

Tem-se um total de 17 periódicos. A maioria é da Hemeroteca - Biblioteca de jornais digitais e de arquivo pessoal e outras fontes utilizando palavras-chave.

1955

Edição 01434B

Jornal A Tarde de Curitiba

Acesso: 10.01.2021

Título: Medicamento usado na Índia há milhares de Anos⁹⁰

Matéria de Agência Internacional de Nova York, *Globe Press*. O tema é sobre ciência e fala de medicamento Reserpina usado na Ayurveda de forma milenar. O texto cita o jornal da Associação Médica Americana. Aborda medicamentos e processos médicos da Índia.

1983

Edição 00317 (1)

Jornal do Brasil

Editoria: Cidade/Nacional

Acesso: 10.01.2021

Título: Figueiredo recebe guru indiano que diz resolver tudo.⁹¹

Imagem: Maharish, mestre indiano e o presidente Figueiredo.

Texto: Eliane Cantanhede de Brasília

1984

Edição 00149 (1)

Jornal do Brasil

Acesso: 10.01.2021

Título: O Guru de Novo⁹²

Mestre Maharish visitando Minas gerais e Brasília.

Nota na coluna ZÓZIMO

Texto: Rogerio Ehrich

⁹⁰ Fonte: Disponível em: < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=797596&pagfis=7948>. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁹¹ Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=Maharishi%20Mahesh%20Yogi.&pas ta=ano%20198&pagfis=91022. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁹² Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=Maharishi%20Mahesh%20Yogi.&pas ta=ano%20198&pagfis=85267. Acesso em: 1 dez. 2021.

1985

Edição 00324 (1)

Jornal do Brasil

Editoria Internacional

Acesso: 10.01.2021

Título: Guru indiano chega à Venezuela⁹³

Maharish e o presidente Jaime Ramón Lusinchi da Venezuela.

É uma nota no jornal.

1985

Edição 00239(1)

Jornal do Brasil

Editoria Internacional e texto de Orlando Oliveira

Acesso: 10.01.2021

Título: Onda Mística em Brasília. Vem aí o escuro Astro X⁹⁴

A reportagem aborda o pedido para o Governador José Aparecido de 800 hectares de terras públicas, no Distrito Federal. O objetivo, a construção do que seria uma “cidade continental”, conforme o texto, coordenado pelo mestre indiano, Maharish. O espaço abrigaria uma universidade e um horto de plantas medicinais.

1987

Edição 18028

Jornal dos Sports

Acesso: 10.01.2021

Título: Medicina da Índia no Inamps⁹⁵

Divulga o curso de Fitoterapia

1989

Edição 1942

Revista *MANCHETE*

Acesso: 10.01.2021

Linha Editorial da Saúde e Medicina

Título: AYURVEDA A MASSAGEM DA VIDA (A ginástica que faz de Margaret Thatcher uma dama de ferro)⁹⁶

Imagem da Capa: Terapeuta oriental com modelo sendo massageada. Fotografia em duas páginas.

Texto: Maria Luíza Silveira

Imagens: Orípides Ribeiro

1989

⁹³ Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=Maharishi%20Mahesh%20Yogi.&pas ta=ano%20198&pagfis=141046. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁹⁴ Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pesq=Maharishi%20Mahesh%20Yogi.&pas ta=ano%20198&pagfis=157411. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁹⁵ Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=112518_05&pagfis=43710. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁹⁶ Fonte: Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=257047>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Edição 1938 (1)
 Revista *Manchete*
 Acesso: 10.01.2021
 Título: A dama de ferro também pratica a política do corpo⁹⁷.
 O BANHO DE BELEZA DE MARGARET THATCHER.

1989

Edição 00002
Jornal do Brasil
 Caderno Editoria de Medicina
 Acesso: 10.01.2021
 Título: A cura pelas ervas obtém apoio institucional⁹⁸

Personagem principal o farmacêutico Marcos Stern. A reportagem cita a Clínica Fitoterápica em Goiânia pioneira na parceria com a temática Ayurveda em convênio com a Secretaria de Saúde que tem como base a Fitoterapia. Na época futuro Hospital com Ayurveda, coordenado por médicos indianos e brasileiros e demais profissionais da saúde. A reportagem cita a primeira diretora geral do então Hospital de Terapia Ayurvedica, a dra Heloisa Helena Teixeira dos Reis, médica especialista em dermatologia.

Texto: Eliete Vaitsman
 Imagem: Adriana Lorete
 Participação de Lisa França de Goiânia e Ancelmo Gama de Belém.

1994

Edição 00172
Jornal do Brasil
 Edição: Ciência
 Acesso: 10.01.2021
 Título: Hospital adota medicina alternativa⁹⁹

Entre os personagens um dos líderes New Age, Deepak Chopra.
 Reportagem aborda o crescimento de terapias alternativas, entre elas, Ayurveda na Califórnia nos EUA entre médicos. Texto: Tony Perry do Los Angeles Times, da Califórnia nos EUA.

Matéria de agência internacional.

1994

Edição 00175
Jornal do Brasil
 Acesso: 10.01.2021
 Título: Ayurveda¹⁰⁰

⁹⁷ Fonte: Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pesq=ayurveda&pasta=ano%20198&pagfis=256599>. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁹⁸ Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=Ayurveda&pagfis=260023. Acesso em: 1 dez. 2021.

⁹⁹ Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_11&pasta=ano%20199&pesq=ayurveda&pagfis=328252. Acesso em: 1 dez. 2021.

¹⁰⁰ Fonte: Disponível em: < http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pagfis=125727>. Acesso em 02 de dezembro de 2021.

A nota cita o personagem importante nesta pesquisa, Maharish Mahesh Yogi de Meditação Transcendental, sua ligação com o hospital de Ayurveda em Goiânia e o aumento do uso da Ayurveda na década estudada, no Brasil, EUA e Europa.

Nota Complementar a reportagem.

Texto: Martin Rickinger, coordenador nacional do Ayurveda Maharish, Brasília.

1988

Edição 00340

Jornal do Brasil

Acesso: 10.01.2021

Título: CONEXÃO SAÚDE¹⁰¹

Centro Maharish e Deepak. Convite com o autor do livro Conexão Saúde, do Dr. Deepak Chopra, Centro de Saúde Maharish Ayurveda em Massachusetts.

Convite para noite de autógrafos no Rio de Janeiro, Studiolivre Editora.

Autor: Editora Best Seller

1998

Edição 00123

Jornal do Brasil

Acesso: 10.01.2021

Título: Salada de Spas¹⁰²

Nos EUA, a diversificação e a concorrência resultaram até na oferta de programa em que é proibido falar durante dias.

A reportagem fala do crescimento dos spas alternativos e fala, dentre outros espaços, do Chopra Center, baseado nos ensinamentos do mestre indiano Maharish e chefiado pelo Dr. Deepak Chopra.

Convite para noite de autógrafos no Rio de Janeiro, Studiolivre Editora.

Texto: Flavia Sekles, correspondente internacional de Washington.

1998

Edição 00278

Jornal do Brasil

Acesso: 10.01.2021

Programação da TV aberta da semana.

Nota: Gente de Expressão Bruna recebe o terapeuta indiano Deepak Chopra.¹⁰³

Imagem: Bruna Lombardi.

Nota do Programa Gente de Expressão da Bandeirantes.

1999

Edição 00115

Jornal do Brasil

¹⁰¹ Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_10&pasta=ano%20198&pesq=Ayurveda&pagfis=226078. Acesso em: 1 dez. 2021.

¹⁰² Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_11&pasta=ano%20199&pesq=ayurveda&pagfis=253529. Acesso em: 1 dez. 2021.

¹⁰³ Fonte: Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_11&pasta=ano%20199&pesq=ayurveda&pagfis=230716. Acesso em: 1 dez. 2021.

Acesso: 10.01.2021¹⁰⁴

Título: Massagem Ayurvédica, o toque dos deuses

Técnica indiana inclui reeducação postural e alongamento.

É da Escola de Massagem Ayurvédica do Rio de Janeiro da mestra Ma Prem Lla, Delma Henrique.

Link:

1999

Edição 2488

Revista *Manchete*

Acesso: 10.01.2021

Linha editorial: Perfil

Título: MAITÊ PROENÇA¹⁰⁵

Um diamante de muitas faces.

Imagem da personagem, estrela da nova novela das sete da época ocupa toda a capa 01. Um fotojornalismo que explorar o corpo da mulher com um fotojornalismo de certa forma apelativo para chamar atenção do público.

Na capa o texto: Aos 39 anos Maitê está ainda mais bela, mas não se deslumbra. “Atributos físicos não são mérito, papai e mamãe é que me deram”.

Texto: Regina Peixoto

Imagem: Josemar Ferrari

1987

Edição 25845

Jornal Fluminense

Uma nota no jornal.

Acesso: 10.01.2021

Título: Médico baiano encerra curso de medicina natural¹⁰⁶

Fala do curso de Medicinas Alternativas do Inamps com temas como: alimentação, fitoterapia e Ayurveda. Curso ministrado pelos médicos Emilio Mira y Lopez Filho, presidente da Comissão de Medicinas Alternativas do Inamps.

¹⁰⁴ Fonte: Disponível em: <

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_11&pasta=ano%20199&pesq=%27massagem%20ayurvedica%22&pagfis=311282

>. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

¹⁰⁵ Fonte: Disponível em: <

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=312050>

>. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

¹⁰⁶ Fonte: Disponível em: < http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=100439_12&pagfis=68208 >.

Acesso em 01 de dezembro de 2021.

3. AYURVEDA E PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE

A Portaria n. 849 do Ministério da Saúde, publicada em 28 de março de 2017 incluiu na PNPIC - Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, incluiu a arteterapia, ayurveda, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa e ioga. A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde foi criada em 2006 e foi responsável por trazer para o SUS abordagens da medicina alternativa, como Fitoterapia e Ayurveda.

Entre as fontes de pesquisa para este capítulo, a pesquisa, O Ayurveda na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC): análise do material didático do Sistema Único de Saúde (SUS), de Nery da Fundação Oswaldo Cruz. (NERY, 2019).

É a abordagem de um momento importante da saúde nacional que aconteceu nas décadas de 70 e 80 com o desenvolvimento do Sistema Único de Saúde- SUS no Brasil. Um momento histórico do final da Ditadura e de busca pela redemocratização do Brasil. Em 1986 um evento importante nesta trajetória dos rumos da saúde no Brasil foi a 8ª Conferência Nacional de Saúde Em 1986, foram lançadas as diretrizes para a construção de um sistema descentralizado e único, a saúde vista como dever do Estado que trouxe em seus documentos a demanda das práticas alternativas de saúde onde se enquadra a Ayurveda. (BRASIL, 1986).

Conforme arquivo do Ministério da Saúde foram cinco dias de debates¹⁰⁷ e contou com a participação de mais de quatro mil pessoas, 135 grupos de trabalho. Entre os e objetivos, fortalecer uma nova visão no sistema de saúde e subsidiar as discussões sobre o setor na futura Constituinte. “[...] um dos momentos mais importantes na definição do Sistema Único de Saúde (SUS) e debateu três temas principais: ‘A saúde como dever do Estado e direito do cidadão’, ‘A reformulação do Sistema Nacional de Saúde’ e ‘O financiamento setorial’¹⁰⁸.

O novo Sistema Nacional de Saúde deverá reger-se pelos seguintes princípios: Descentralização na gestão dos serviços; Integralização das ações, superando a dicotomia preventivo-curativo; Unidade na condução das políticas setoriais; Regionalização e hierarquização das unidades prestadoras de serviços; Participação da população, através de suas entidades representativas na formulação da política, no

¹⁰⁷ Fonte: Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/592-8-conferencia-nacional-de-saude-quando-o-sus-ganhou-forma>. Acesso em: 1 dez. 2021.

¹⁰⁸ Fonte: Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/592-8-conferencia-nacional-de-saude-quando-o-sus-ganhou-forma>. Acesso em: 10 nov. 2021.

planejamento, na gestão, na execução e na avaliação das ações de saúde; fortalecimento do papel do Município; introdução de práticas alternativas de assistência à saúde no âmbito dos serviços de saúde, possibilitando ao usuário o direito democrático de escolher a terapêutica preferida (BRASIL, 1986, p. 10).

Figura 28: Na imagem, políticos e autoridades. No centro da mesa, o então presidente do Brasil, José Sarney¹⁰⁹



Fonte¹¹⁰

Nas imagens podemos identificar políticos e autoridades, como por exemplo, ao centro da mesa, o então presidente do Brasil, José Sarney. Participaram do evento mais de quatro mil pessoas, 135 grupos de trabalho. Era preciso que se ampliasse o conceito de saúde e se fizesse uma revisão da legislação. Nesta época, na política brasileira, o presidente era José Sarney. De vice-presidente eleito, tomou posse como presidente constitucional após a

¹⁰⁹ Fonte: Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/592-8-conferencia-nacional-de-saude-quando-o-sus-ganhou-forma>. Acesso em: 10 nov. 2021.

¹¹⁰ Fonte: Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/592-8-conferencia-nacional-de-saude-quando-o-sus-ganhou-forma>. Acesso em: 10 nov. 2021.

doença e morte de Tancredo Neves, em 1985. O seu mandato foi envolto por questões políticas delicadas e sem convocar novas eleições na recém- recuperada democracia brasileira, ele coordenou uma das mais graves crises econômicas brasileiras, com a chamada hiperinflação. O país passava pelo processo de redemocratização.

Outro marco importante da história política brasileira, as eleições indiretas quando o Brasil volta a ter um presidente civil e com a redemocratização tem início a chamada Nova República.

Todo o processo na saúde vinha na crescente do movimento sanitário, organizado desde os anos 1970. O movimento ganhou consistência e avançou na produção com a criação de órgãos como o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), em 1976, e a Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), em 1979.

Em meados dos anos 1980, Sergio Arouca assumiu a Secretaria de Estado da Saúde do Rio de Janeiro e na época era um dos líderes do movimento sanitário e como presidente da Fiocruz, o médico sanitarista presidiu a 8ª Conferência, “Resultar na criação de um Sistema Único de Saúde que efetivamente represente a construção de um novo arcabouço institucional, separando totalmente saúde de previdência, através de uma ampla Reforma Sanitária”.¹¹¹

Figura 29: Sergio Arouca, médico sanitarista e um dos líderes do movimento sanitário, presidiram a 8ª Conferência.

¹¹¹ Fonte: Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/cns/sergio-arouca.php>. Acesso em: 10 nov. 2021.



Fonte: <http://www.ccs.saude.gov.br/cns/sergio-arouca.php>

A Conferência foi realizada no ginásio Nilson Nelson, em Brasília, onde reuniram-se, além dos delegados da sociedade civil que representavam formalmente seus grupos, outros grupos. Com passistas usuários exigiram a participação e foram admitidos como observadores. Foi um marco histórico por ser a primeira Conferência e por contar com a participação de usuários.

Ressalta-se a história do Brasil que tem início em 1964 com o Golpe Militar de 31 de março, e que segue até o início do período da Nova República, com o final dos governos militares em 1985.

É importante destacar aqui novamente o início da atuação do Hospital de Medicina Alternativa (HMA) em Goiânia/GO já abordado nesta pesquisa. O espaço iniciou as suas atividades juntamente no período descrito acima, em agosto de 1986. Concretizou-se por meio de um convênio entre a Secretaria de Saúde do Estado de Goiás, o Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia Maharishi (IBCTM). O hospital atuante até os dias da finalização desta pesquisa, é uma entidade jurídica criada pelo mestre Maharishi Mahesh Yogi, personagem com representatividade na história da Ayurveda no Brasil e presente nas fontes estudadas nesta pesquisa e é objetivo demonstrar esta representatividade.

Atualmente é o Centro de Referência em Medicina Integrativa e Complementar (Cremic) realizada tratamento complementar em pacientes portadores de doenças crônicas, infecciosas e dermatológicas.

De acordo com a Secretaria de Saúde de Goiás, o hospital possui equipe de médicos, farmacêuticos, enfermeiras, agrônoma, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais, uma nutricionista, uma fonoaudióloga e parte de farmácia de manipulação homeopática e de fitoterápicos. Oferece serviços previstos pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, do Ministério da Saúde¹¹².

A lista de terapias inclui auriculoterapia, ayurveda, arteterapia, aromaterapia, cromoterapia, florais de Bach, quiropraxia, acupuntura com eletroestimulação, reflexologia, massagem terapêutica, moxabustão, ventosaterapia, reike, homeopatia, meditação, musicoterapia, fitoterapia e yoga. (SECRETARIA DE SAÚDE DE GOIÁS, 2019).

Na aplicação da ciência Ayurveda, a prática milenar do uso das plantas medicinais ter o uso como uma das bases dos tratamentos. Seguindo estes ensinamentos, forma pontual é praticada em Goiás a fitoterapia ayurvédica, com uma aplicação particular no Hospital de Medicinas Alternativas (HMA). O espaço hoje é denominado Centro de Referência em Medicinas Integrativas e Complementares (CREMIC).

No Brasil, o Centro de Referência em Medicina Integral e Complementar é o único estabelecimento com treinamento e capacitação nas práticas ayurvédicas no contexto do SUS¹¹³. Ainda hoje, a formação profissional em Ayurveda se encontra de forma privada contando com um número crescente de cursos particulares e escolas de Ayurveda nas principais capitais do Brasil.

Embora reconhecida como prática complementar no SUS ainda falta serem definidas suas diretrizes educacionais para atuação na rede pública. Os profissionais formados têm então um campo de atuação restrito, uma vez que não há respaldo legal pelos conselhos médicos e aos poucos conselhos de profissionais da saúde passam a aprovar e reconhecer esta prática entre seus profissionais.

Uma das tentativas de se estabelecer regras e normas para a atuação do profissional formado em Ayurveda no Brasil ocorreu no Rio de Janeiro, no 3º Congresso Internacional do Ayurveda, maio de 2018. Foi concomitante ao 1º Congresso Nacional de Práticas Integrativas e Complementares.

Em 2006, a Política Nacional foi implementada possibilitando a entrada das PICs ao SUS. Com pouca produção científica sobre o tema no ano da implementação demorou um tempo para que esta nova visão despertasse o interesse das pesquisas como temática, pelo

¹¹² Fonte: Disponível em: <https://www.goias.gov.br/servico/70178-hospital-de-medicina-alternativa-se-transforma-em-centro-de-medicina-integrativa.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

¹¹³ Fonte: Disponível em: <https://www.goias.gov.br/servico/70178-hospital-de-medicina-alternativa-se-transforma-em-centro-de-medicina-integrativa.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

menos uns cinco anos da implementação da PNPIC para que as produções tivessem início e de forma modesta, mesmo nas mídias, nossas fontes desta pesquisa. Já na primeira década de 2000, entre os anos de 2011 e 2014 um maior interesse pelo tema tem início, sendo significativo o incremento das publicações. (AGUIAR, 2019).

3.1 AS PICS - PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES

Desde as décadas de 80 tem sido crescente o uso das Práticas Integrativas e Complementares como Medicina Tradicional e Complementar / Alternativa (MT/MCA) e em proporções mundiais. Já na década de 70, a OMS “[...] incentiva os Estados-Membros a formularem e implementarem políticas públicas para a utilização racional e integrada de MT/MCA na Atenção Primária em Saúde”. (SCHVEITZER, 2012, p. 02).

Em 2002, membros da Organização Mundial de Saúde elaboraram documento com normas para regulamentação das práticas integrativas de saúde nos serviços oferecidos para a população, “[...] bem como a ampliação do acesso, do uso racional e da avaliação da eficácia e da segurança de tais técnicas a partir de estudos científicos. (RUELA, 2019, p. 02).

Neste cenário, em 2006, o Ministério da Saúde (MS), por meio da Portaria nº 971/2006, publicou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), com o intuito de garantir a integralidade nos serviços de saúde. (RUELA, 2019, p. 02).

Destaca-se que em 2006, no cenário político, o Presidente do Brasil era Luiz Inácio Lula da Silva que correspondeu ao período de 2003 a 2011. Ressalta-se que inicialmente, as PNPICs englobavam apenas cinco PICS são elas: a Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura; a Homeopatia; as Plantas Medicinais/Fitoterapia; o Termalismo/Crenoterapia; e a Medicina Antroposófica. Somente em 2017, a Portaria n. 849, do Ministério da Saúde incluiu a Ayurveda e outras práticas complementares em suas ações.¹¹⁴

As PICS ou Práticas Integrativas Complementares são práticas focadas na prevenção de doenças e promotoras de saúde com ações complementares. Um olhar além da abordagem da médica tradicional ou biomedicina. Tem entre as ações a visão multidisciplinar e a atuação de uma equipe da saúde de forma a integrar as ações. São também considerados os aspectos físicos, sociais, culturais e emocionais do indivíduo. (AGUIAR, 2019).

¹¹⁴ Fonte: Disponível em: https://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/sau.delegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 1 dez. 2021.

É importante ressaltar, que a implantação da PNPIC teve caráter político, técnico, econômico, social e cultural, uma vez que estabeleceu diretrizes nacionais para o uso das PIC, a partir de experiências e práticas já adotadas nos serviços de saúde que obtiveram resultados satisfatórios. (RUELA, 2019, p. 02).

O sentido de complementar é para abranger uma efetividade integral já prevista no Sistema Único de Saúde- SUS, cuja aprovação foi definida pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 196, onde a saúde é definida como um direito universal e dever do Estado. Tem-se uma assistência humanizada e universal de acordo com as diretrizes de descentralização, atendimento integral e participação popular. A implantação das PICs no SUS vem devida também a um descontentamento da população com os serviços disponíveis na saúde até então e, a necessidade de ampliar o olhar para as práticas de saúde. (AGUIAR, 2019).

Quando os usuários têm possibilidade de acessar um serviço complementar, que vai além da medicina convencional, podem se sentir mais satisfeitos, com suas necessidades integralmente acolhidas¹¹. Ainda, é importante considerar que a alopatia representa problemas ao SUS, seja pela dificuldade de acesso ou pelo alto custo. Além disso, em muitos casos, os medicamentos têm sua eficácia limitada, ou comportam efeitos adversos” (AGUIAR, 2019, p. 07).

Em pesquisa de Aguiar (2019, p. 07) sobre a implantação das PICs na atenção básica em saúde desenvolvida no Brasil durante os 10 primeiros anos de implementação revela os seguintes resultados coma utilização das práticas:

[...] redução da medicalização, empoderamento dos usuários na busca do autocuidado e a responsabilização pela própria saúde; possibilidade de reduzir a frequência de transtornos mentais comuns; autonomia e participação do usuário na escolha das suas estratégias de tratamento, e “baixo custo, ausência de efeitos colaterais, satisfação e crença da população”. (AGUIAR, 2019, p. 07).

De acordo com o Ministério da Saúde (2015), na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS é possível observar uma consideração do indivíduo na sua dimensão global da saúde e com singularidade, considerando cada ser como único e assim também visto para os tratamentos, como na visão da ciência Ayurveda.

Portanto a PNPIC reforça a integralidade da atenção à saúde, princípio este que requer também a interação das ações e serviços existentes no SUS. “Estudos têm demonstrado que tais abordagens contribuem para a ampliação da corresponsabilidade dos indivíduos pela saúde, aumentando, assim, o exercício da cidadania” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015, p. 09).

As Medicinas Tradicionais e Complementares são compostas por abordagens de cuidado e recursos terapêuticos que se desenvolveram e possuem um importante papel na saúde global. A Organização Mundial da Saúde (OMS) incentiva e fortalece a inserção, reconhecimento e regulamentação destas práticas, produtos e de seus praticantes nos Sistemas Nacionais de Saúde. Neste sentido, atualizou as suas diretrizes a partir do documento "Estratégia da OMS sobre Medicinas Tradicionais para 2014-2023 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).¹¹⁵

É a implantação de uma estratégia para a assistência em saúde, sugerindo que tais práticas não estão em oposição à Medicina, mas complementando-a e até mesmo transcendendo-a. Pelo olhar da Organização Mundial da Saúde é o sentido da saúde integral preenchendo lacunas deixada pela alopatia.

Em artigo publicado na Revista Educação em Saúde com a temática, Medicina integrativa, as percepções dos médicos atuantes na atenção básica à saúde no município de Anápolis, Goiás, é possível analisar o desconhecimento por parte dos médicos, sobre a MI Medicina Integrativa e as PICs, embora seja o Estado de Goiás importante na história das práticas holísticas devido ao já citado antigo Hospital de Medicina Alternativa (HMA).

Apenas 31% obtiveram certo contato com a MI ou com as práticas durante a sua graduação, sendo a maioria destes recém-formados, o que evidencia a ausência do assunto na grade da maioria das escolas médicas. (BERNARDES, 2019, p. 08).

Em relação ao contato com a MI e as PIC's no município de Anápolis ou no Estado de Goiás, a maioria dos voluntários não soube dizer se existem serviços, para os quais poderiam referenciar seus pacientes. Dos 31% que responderam positivamente para o conhecimento de centros que desenvolvem a MI e as PIC's, no Estado de Goiás ou no Brasil, apenas um alegou saber da existência do Centro de Especialidades em Práticas Integrativas e Complementares (CREMIC), antigo Hospital de Medicina Alternativa (HMA), localizado em Goiânia. Sendo este o único hospital, no país, que oferece fitoterapia e homeopatia pelo SUS, atendendo em média 200 pacientes por dia. (BERNARDES, 2019, p. 08).

A atuação das PICs acontece especialmente em demandas como, “[...] transtornos mentais graves e leves; questões familiares, laborais, sociais e econômicas; sintomas psicossomáticos diversos; alternativa a medicalização; hipertensão, diabetes e outras doenças crônicas”. (AGUIAR, 2019, p. 07).

3.2 A POLÍTICA NACIONAL DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES E O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS

¹¹⁵ Fonte: Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/sau/legis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 1 dez. 2021.

Observa-se o uso dos fitoterápicos e das Plantas Medicinais como coadjuvantes para prevenção e controle de doenças. Um olhar observado na ciência Ayurveda e em programas do Ministério da Saúde como, Programa Nacional de Atenção a Hipertensão Arterial e Diabetes Mellitus, bem como, em tratamentos de problemas relacionado à menopausa e outros de ordem ginecológica.

Para Rodrigues (2020), “Plantas medicinais são todas as plantas que contém em suas partes, órgãos ou estruturas, substâncias químicas, que possam ser utilizados para o tratamento de doenças”. (RODRIGUES, 2020, p. 01), como citado o caso da diabetes mellitus, ou ainda, no quadro de hipertensão arterial sistêmica.

Nesse contexto, a legislação própria que regulamenta as práticas da medicina tradicional aplicadas no Sistema Único de Saúde (SUS), é a já citada Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Ela aborda sobre, “(...) qualquer abordagem que envolva a estimulação de mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde, por meio de tecnologias eficazes e seguras, baseada no conhecimento popular”. (RODRIGUES, 2020, p. 01).

A aprovação da PNPIC desencadeou o desenvolvimento de políticas, programas e projetos em todas as instâncias governamentais, pela institucionalização dessas práticas no SUS. Na instância federal, destaca-se a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada também em 2006 por decreto presidencial, com diretrizes e ações para toda a cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012, p. 10).

De acordo com o Ministério da Saúde, entre as Práticas Integrativas e Complementares no SUS, as plantas medicinais e seus derivados são as mais presentes no Sistema, e a maioria das experiências ocorrem na APS- Atenção Primária à Saúde. Alguns programas com mais de 20 anos. “[...] estão entre os principais recursos terapêuticos da MT/MCA e vêm, há muito, sendo utilizados pela população brasileira nos seus cuidados com a saúde, seja na Medicina Tradicional/Popular ou nos programas públicos de fitoterapia no SUS [...]”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012, p. 10). Nas práticas integrativas está incluído o uso de plantas medicinal e fitoterápico, ou seja, a utilização de plantas em diversas formas farmacêuticas, sem a adição de substâncias isoladas ativas.

Em Foz do Iguaçu, no ano de 2019, tive a possibilidade de acompanhar como farmacêutica as palestras do técnico agrícola especialista em Plantas Medicinais, Altevir Zardinello, profissional que trabalhou na Divisão de Ação Ambiental na Fundação Itaipu, As palestras e orientações sobre o uso de plantas medicinais foram realizadas em unidades básicas de saúde do município de Foz do Iguaçu.

Zardinello, hoje aposentado, contribuiu de forma efetiva na região. Foi coordenador das ações sobre Plantas Mediciniais, no Refúgio Biológico Bela Vista, na época do extinto Programa Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional. Coordenou a produção e a difusão do consumo das plantas medicinais cultivadas na área de 1,5 hectares do refúgio. Na época, em Foz do Iguaçu, o Refúgio era um laboratório de plantas medicinais e referência para o Brasil, com destaque, para o ano de 2008.

O renascimento das “medicinas alternativas” pode ser entendido como um fenômeno social decorrente desse movimento. Por medicina alternativa entende-se racionalidades e práticas que partilham de uma perspectiva vitalista, centrada na experiência de vida do paciente, com ênfase no doente e não na doença; e integradora, de caráter não intervencionista. (SCHVEITZER, 2012, p. 02).

Figura 30: Zardinello, em XXVII Congresso Nacional de Secretarias Municipais de Saúde.



Fonte: Fiocruz¹¹⁶.

De acordo com Zardinello, a Itaipu fornecia plantas desidratadas, prontas para fazer chá, a cinco locais no município de Foz do Iguaçu: os postos de saúde Morumbi I, Morumbi III e Ouro Verde, o Centro de Especialidades Médicas, na Avenida Paraná, e o Poliambulatório, no Porto Meira.

Os municípios de Vera Cruz, Toledo, Mercedes, Pato Bragado e Mundo Novo também receberam o produto. A capacitação dos profissionais para orientação quanto ao uso das plantas medicinais era realizada pela Itaipu, cujos resultados, comprovados cientificamente. A experiência fez parte do projeto Plantas Mediciniais e mantido pela empresa, com cultivo e estudo sobre os fitoterápicos no horto, localizado no Refúgio Biológico Bela Vista, junto à usina. As ações do Programa ganharam destaque em nível nacional, como é possível verificar em reportagem da Fiocruz.

¹¹⁶ Fonte: Disponível em:

<http://www.fiocruz.br/omsambiental/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=496&inoid=144&sid=13>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Apresentado pelo técnico agrícola Altevir Zardinello (foto), o projeto comoveu o público presente ao painel Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, realizado em 10 de julho, durante o XXVII Congresso do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems). (FIOCRUZ, 2011).¹¹⁷

As iniciativas da Itaipu e a atuação de Zardinello e equipe é referência e contribuiu para a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, estabelecida pelo decreto 5.813, de 2006. É importante destacar a atuação de Altevir no XXVII Congresso Nacional de Secretarias Municipais de Saúde com número recorde de participantes, em Brasília. (FIOCRUZ, 2011).

O objetivo das ações da Itaipu no Programa Cultivando Água Boa não eram simplesmente fornecer as plantas medicinais, aromáticas e condimentares, mas trabalhar no sentido de educar, estimular as pesquisas com plantas medicinais, cultivar, beneficiar e distribuir espécies medicinais nos municípios pela agricultura familiar.

Em 2008, no Refúgio Biológico de Itaipu foram cultivadas plantas medicinais em uma área de 1,5 hectares do refúgio e que se tornou modelo para todo o País. “O refúgio produz mais de 5 mil mudas por mês, de 144 diferentes espécies. Destas, 60 são utilizadas para fins medicinais. Elas vão para pastorais da saúde, agentes comunitários, escolas, populações indígenas e quilombolas, entre outros”. (ITAIPU, 2008).¹¹⁸

No Brasil, o uso das plantas medicinais faz parte da sua história. Destaca-se a importância do uso e estudo das plantas medicinais e sua aprovação como uma PICs. O fato abriu possibilidade para a provação de outras práticas de saúde integrativas, entre elas, a Ayurveda.

Pesquisadores na área de plantas medicinais nas décadas de 80 e 90, como Zardinello, tiveram como referência, o Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO. O estudioso e equipe realizou cursos no hospital, em 2006, acompanhando as práticas ayurvédicas com plantas medicinais, laboratórios e plantio, conforme imagens abaixo, arquivos cedidos por Zardinello. Ressalta-se no hospital o horto de plantas medicinais um uso milenar na ciência Ayurveda.

Zardinello destacou durante esta pesquisa, a participação em evento organizado pela ONU, a Rio + 20 no ano de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. Os principais temas abordados foram: desenvolvimento sustentável, economia verde, inclusão social e pobreza.

¹¹⁷ Fonte: Disponível em: <http://www.fiocruz.br/omsambiental/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=496&inoid=144&sid=13>. Acesso em: 1 dez. 2021.

¹¹⁸ Fonte: Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/refugio-vira-laboratorio-de-plantas-medicinais>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Tem-se também o fortalecimento do projeto Farmácia Viva, do Ministério da Saúde, com pesquisas sobre plantas medicinais como prática integrativa e complementar e a ampliação da assistência farmacêutica e de outros profissionais da saúde, habilitados para trabalhar a utilização racional de plantas medicinais e fitoterápicos com a população.¹¹⁹

Figura 31: Altevir Zardinello e equipe no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006.



Fonte: Arquivo pessoal Zardinello

Figura 32: Laboratório de Plantas Mediciniais no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006.

¹¹⁹ Fonte: Disponível em: < <https://aps.saude.gov.br/noticia/11336> >. Acesso em 01 de dezembro de 2021.



Fonte: Arquivo pessoal Zardinello

Figura 33: Projeto Farmácia Viva, do Ministério da Saúde, em Rio+ 20, em 2012.



Fonte: Arquivo pessoal Zardinello

Figura 34: Horto de Plantas Medicinais no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006.



Fonte: Arquivo pessoal Zardinello

Figura 35: Altevir Zardinello realizando palestras sobre Plantas Medicinais.



Fonte: Arquivo pessoal Zardinello

As PIC's na questão de gestão estão vinculadas à Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS), e relacionam-se à coordenação de estratégias que fortaleçam a APS, a Estratégia Saúde da Família, da Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas e da rede de atenção psicossocial, da Política Nacional de Promoção da Saúde e na articulação de ações intersetoriais. Neste contexto estão inseridas as PICs nas rotinas nos setores de cuidados das unidades de Saúde. São cuidados transversais, nos níveis de assistência básica, média ou de alta complexidade. É na Atenção Básica, a porta de entrada para os serviços da rede de saúde e a concentração dos atendimentos, 78% de acordo com dados oficiais do Ministério da Saúde, distribuídos por todo o território nacional como segue dados abaixo:

A Pesquisa Nacional de Saúde de 2020, revelou que cerca de 10 milhões de brasileiros utilizam as PIC's, indicando a importância destas práticas, mas principalmente, ressaltando a necessidade de ampliar a sua oferta para que mais pessoas possam ter acesso aos seus benefícios, centrados no cuidado contínuo, humanizado e integral, na promoção da saúde e em atividades para o bem estar físico-metal-social, através da efetiva participação social proporcionando o fortalecimento da autonomia dos grupos sociais pela valorização dos saberes popular e tradicional em saúde. (FIOCRUZ, 2020).

A necessidade de se garantir o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicas na Rede de Pesquisa em Atenção Primária à Saúde ainda faz parte do presente. Promoção da saúde em atividades envolvendo atualmente, os 29 procedimentos de Práticas Integrativas e Complementares (PICS) oferecidos no Sistema Único de Saúde (SUS) de forma integral e gratuita à população.

3.3 CENTRO ESTADUAL DE REFERÊNCIA EM MEDICINA INTEGRATIVA E COMPLEMENTAR E A AYURVEDA HOJE NO BRASIL HOSPITAL DE GOIÂNIA HOSPITAL DE MEDICINA ALTERNATIVA

Atualmente denominado de CREMIC – Centro Estadual de Referência em Medicina Integrativa e Complementar, o antigo Hospital de Medicina Alternativa iniciou as suas atividades em 1986 em Goiânia. Sua história está diretamente ligada a história da Ayurveda no Brasil, tema desta pesquisa, bem como as ações do mestre indiano Maharish e de inúmeros personagens que já foram descritos e participaram deste momento.

Figura 36: Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO.



Fonte: Ministério da Saúde.¹²⁰

Atualmente, de acordo com a Secretaria do Estado de Saúde do Governo do Estado de Goiás, o CREMIC – Centro Estadual de Referência em Medicina Integrativa e Complementar, antigo Hospital de Medicina Alternativa possui uma equipe de profissionais da área da saúde multidisciplinar no seu quadro. Servidores de diversas formações como: médicos, enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem, farmacêuticos, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, nutricionista, terapeuta ocupacional, biólogo, entre outros.

O atendimento na unidade é feito através de encaminhamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Ao buscar uma Unidade Básica de Saúde (Postos de saúde, Cais ou Ciams) é possível solicitar encaminhamento para as especialidades de Fitoterapia ou Homeopatia. A unidade possui um Setor de Farmácia do Centro de Referência em Medicina Integrativa e Complementar, o espaço com um laboratório especializado na manipulação e dispensação de medicamentos homeopáticos, fitoterápicos e dos chamados Florais de Bach para os pacientes.

Figura 37: Laboratório de Plantas Medicinais no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006. Arquivo pessoal de Altevir Zardinello.

¹²⁰ Fonte: Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/component/sppagebuilder/37-cremic-centro-estadual-de-referencia-em-medicina-integrativa-e-complementar.html>. Acesso em: 1 dez. 2021.



Fonte: Arquivo pessoal Zardinello

Existe no local uma área específica e extensa onde são cultivadas diversas plantas medicinais, bem como, uma horta de Plantas alimentícias não convencionais as chamadas PANC'S. O complexo homeopático é dispensado gratuitamente.

Figura 38: Horto de Plantas Medicinais no Hospital de Medicina Alternativa (HMA), em Goiânia/GO, em 2006. Arquivo pessoal de Altevir Zardinello.



Fonte: Arquivo pessoal Zardinello

No hospital, na área médica são oferecidas as especialidades de Homeopatia, Acupuntura e Fitoterapia. Na área complementar, o centro oferece a Ayurveda e as práticas

chinesas Reike, Auriculoterapia, Ventosa Terapia e Moxabustão.¹²¹ De acordo com o médico Danilo Maciel Carneiro (2007), atuante na fundação do hospital em Goiânia, juntamente com o também médico citado nesta pesquisa, Aderson Moreira da Rocha, coordenador da ABRA- Associação Brasileira de Ayurveda com sede na cidade do Rio de Janeiro, “O Ayurveda chegou oficialmente ao Brasil em 1985, por força de um convênio do Instituto Nacional de Assistência e Previdência Social (INAMPS) e do Ministério da Saúde com o Instituto de Ciência e Tecnologia Maharish”, liderado pelo mestre indiano. (CARNEIRO, 2007, p. 16).

Membros do Instituto Maharish tiveram um papel do ponto de vista administrativo na fundação do hospital. Entre eles, Lo Iacono. Segundo, Fernando Lo Iacono¹²², discípulo do mestre indiano, “Em março de 1985, Maharishi Mahesh Yogi e os médicos hindus (*Vaidyas*) realizaram o primeiro congresso de Ayurveda no Brasil, em Brasília, no Hotel Nacional, com participantes de toda América Latina, USA, Europa, Canadá e do Brasil”.

Até 1995, mais de 10 médicos ayurvédicos indianos vieram para o Brasil, em Goiânia fazer esta troca de saber e coordenar cursos teóricos e práticos. (CARNEIRO, 2017). O antigo Hospital de Medicina Alternativa (HMA) em Goiânia/GO e atualmente, CREMIC – Centro Estadual de Referência em Medicina Integrativa e Complementar é referência até hoje para profissionais da saúde em diversas áreas da saúde.

¹²¹ Fonte: Disponível em: <https://www.goias.gov.br/servico/70178-hospital-de-medicina-alternativa-se-transforma-em-centro-de-medicina-integrativa.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

¹²² Fonte: Disponível em: <https://fernandoloiacono.blogspot.com/2012/01/hma-hospital-de-medicina-alternativa.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado e estudado nesta pesquisa nas fontes da imprensa, as terapias alternativas e holísticas fazem parte do movimento contracultural iniciado na década de 60. Com as transformações em âmbitos sociais e culturais da época, inaugurou-se uma nova era na área da saúde, em especial na Europa, EUA e América Latina. Um período de convivência de diversas culturas e visões distintas de saúde, presente também no Brasil, nos anos 70, 80 e 90.

Esta pesquisa se concentrou nos anos 1980, quando se intensificou a demanda por formas não convencionais de consumo de bens e serviços de saúde, uma divulgação maior de literaturas, cursos, a vinda de representantes mundiais da Ayurveda, como Maharish para a América Latina e a busca pela aplicação das práticas holísticas, entre elas a homeopatia, fitoterapia e práticas como da medicina chinesa, mais especificamente a acupuntura, bem como, a Ayurveda.

Por ter feito parte deste grupo na busca por terapias holísticas reforço que buscávamos e havia uma sensibilidade cultural para estas perspectivas mais integrativas trazendo uma postura inédita de promoção de saúde, diferente da Alopátia, com a visão focada mais no combate à doença e no remédio alopático, ao invés de tratamentos holísticos e preventivos. Nascia um novo paradigma no campo da saúde, cujo objeto e objetivos eram distintos do tradicional combate às doenças. Isto ficou claro nos impressos analisados e demonstra a chegada de uma Ayurveda, em um primeiro momento, e nas datas analisadas, com características da Nova Era e uma visão moderna e global com caráter transnacional.

A existência desse movimento social, cultural trouxe um novo olhar para a saúde e abriu caminho para a entrada das terapias holísticas no Brasil, aliado às lacunas deixadas pela medicina científica contemporânea vigente na época que de certa forma prendia o paciente aos medicamentos da indústria farmacêutica. Portanto, para suprir esta necessidade, influenciada pela Nova Era, foi mais tarde trazida para o atendimento às demandas de saúde da população à institucionalização das práticas integrativas e complementares, uma trajetória que levou em 2006 à publicação da portaria nº 971 que define a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS. Enfatizamos que não esteve entre nossos objetivos de pesquisa discutir os desafios atuais para a disseminação das PICs no SUS e, em especial nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), onde estão oficialmente inseridas.

Como um movimento cultural original da promoção da saúde e de novas bases paradigmáticas, a cultura ayurvédica no contexto brasileiro nas décadas de 80 e 90, possui

uma característica de atrair pessoas identificadas com assuntos relacionados às terapias holísticas e que envolve temáticas de autoconhecimento, autocuidado, saúde e o entendimento de novas culturas com uma visão influenciada pela Contracultura.

Os profissionais de Ayurveda, em especial professores de Yoga, terapeutas, de Meditação Transcendental se articulam oferecendo cursos de massagem ayurvédica ou mesmo de formação de Ayurveda, bem como, consultas ayurvédicas, tratamentos ayurvédicos, acesso a livros traduzidos sobre práticas holísticas e viagens de estudos à Índia e da articulação do Ayurveda com outras formas de cuidado. Uma Ayurveda *New Age* e global com carácter espiritualista. A *New Age* Ayurveda abre caminho para uma ayurveda global considerada “geminada” e fundida com a Yoga, o que foi observado nos impressos da pesquisa e demonstrado nas fontes. A chamada “Ayuryoga”, tornou-se uma mercadoria de marca na cultura de *spa* norte-americana. Uma cultura vista como exótica e “oriental” com os famosos “spas ayurvédicos” e passível de um olhar bastante crítico por quem estuda a Ayurveda com olhar clássico.

Esta pesquisa permitiu que refletisse também sobre a minha experiência com Ayurveda em meio aos contextos pesquisados e em diálogo com a década da pesquisa. Inicialmente levantei uma discussão sobre a visão transnacional da Ayurveda, ponte fundamental desta pesquisa e que trouxe argumentos interessantes a se pensar, o que nos faz adquirir um olhar que permite enxergar esta troca de saber “sem fronteiras” e as fontes pesquisadas revelaram parte dos personagens e de como este fluxo aconteceu e teve a influência de sua passagem pela Europa, EUA e posteriormente sua chegada ao Brasil.

Através da análise das fontes primárias e secundárias, considera-se que a Ayurveda chega ao Brasil com uma forte característica da era *New Age* e Contracultura. Uma Ayurveda com de carácter transnacional, moderna e global. Uma ciência que já chega ao Brasil “transformada” devido à transnacionalização e a passagem pela Europa e pelo EUA e posteriormente chegando na América Latina e Brasil.

Os periódicos demonstram a atuação de personagens importantes neste processo, entre eles, o mestre indiano Maharishi Mahesh Yogi, figura central que possibilitou esta troca de conhecimento, mestre de Yoga e Meditação Transcendental, o indiano, Maharishi Mahesh Yogi circulou na América Latina e no Brasil e foi um dos responsáveis, como demonstra os impressos, por convênio com Inamps marcando a história da Ayurveda no Brasil, em Goiânia, junto com médicos e outros profissionais da saúde descritos nesta pesquisa. Nos impressos analisados é possível ver a busca do mesmo por contato político no Brasil ou na Venezuela, uma articulação que possivelmente facilitou a instalação do importante Hospital de Ayurveda,

em Goiás, parceria com o Ministério da Saúde e até hoje atuante e uma referência da Ayurveda no Brasil para profissionais da área da saúde e que abriu caminho como demonstrado nesta pesquisa para a instalação anos mais tarde das PICs.

A pesquisa demonstrou um rico registro da chegada entre praticantes de Yoga, terapeutas holísticas através de cursos, sendo de início de massoterapia, um acolhimento primordial, bem como dos atores já citados, entre eles também o ainda atuante nos EUA, o médico Deepak Chopra, discípulo do mestre indiano Maharishi. As fontes também demonstram a influência dos EUA e da Europa na Ayurveda que chega ao Brasil.

As reportagens possibilitaram ver a intensa busca e mesmo o crescimento das práticas holísticas nas décadas de 80 e 90, inclusive presente nos formadores de opinião encontrados nas fontes, atrizes ou mesmo políticos. Com toda esta história, o caminho foi sendo aberto e possibilitou anos mais tarde a aprovação das PICs – Práticas Integrativas Complementares no SUS, porém ainda em processo de implementação efetiva. Nesse sentido, a insatisfação de muitos usuários com o modelo biomédico, a chamada Contracultura, pode ampliar o interesse pelas práticas holísticas nas décadas de 80 e 90 PICs, uma visão fortemente influenciada pela era *New Age*.

Assim, entende-se que as pesquisas dos jornais escolhidos resultaram na demonstração de parte deste fluxo intenso, no compreender de parte dos personagens que possibilitaram esta chegada da Ayurveda e como se deu esta chegada em várias frentes. Buscamos situar o leitor sobre como a Ayurveda é experienciada, por meio da análise das fontes primárias e secundárias com o tema Ayurveda, demonstrando o registro das ações de partes destes personagens que possibilitaram o crescimento desta ciência no Brasil. Busquei um diálogo com os impressos para discutir as características desta Ayurveda que chega à década estudada e quais mãos possibilitaram este crescimento de forma direta ou indireta.

Para concluir é importante destacar que existe uma pluralidade presente de várias formas nesse trabalho: seja nas trajetórias individuais; nas infinitas possibilidades de articulação da Ayurveda com outras formas de cuidado dentro de um vasto campo das práticas holísticas ou de escolhas disponíveis na contemporaneidade. Ressaltamos aqui as características de uma Ayurveda moderna e global. Finalizo destacando a institucionalização das Práticas Integrativas Complementares no SUS, onde se encontra a Ayurveda no Brasil. Nessa pesquisa trazemos a parte reflexiva onde se abre um espaço para inclusão de novas formas de cuidado e no sistema de saúde brasileiro.

Quanto à implantação das PICs na rede pública do Brasil, existem desafios. É cada vez maior a multidisciplinaridade nos grupos destas práticas grupais. Além dos

terapeutas, autores como os Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) nesse contexto, se destacam. Além dos profissionais passarem por treinamento é importante que acreditem em formas diferentes de assistência e que buscam melhoras nos serviços. Outra lacuna a ser preenchida é a falta de abordar sobre as PICs nas graduações na área da saúde, de forma que os profissionais adentrem na prática profissional com este conhecimento como mais uma forma de ampliar suas ações de forma efetiva e preventiva. No Brasil, apenas algumas universidades federais ofertam disciplinas eletivas de homeopatia e acupuntura nos cursos de Medicina, embora exista a busca pela Medicina Integrativa onde disciplinas inclusive sobre Ayurveda estão presentes.

A educação constante é uma importante estratégia para incorporar as PICs na atenção básica, bem como, para apoiar e repensar a centralidade dos médicos e a falta de empoderamento dado ao paciente e o foco apenas no uso da medicação como únicos responsáveis por buscar solucionar problemas de saúde.

Algumas questões envolvem o estabelecer das PICs na atenção básica, envolve política, gestão, recurso humano, uma mudança cultural com vista a integralidade do ser humano, cultura da organização do trabalho, recursos, entre outros, ampliando as possibilidades de autocuidado e trazendo mais alternativas para promoção de saúde. É, portanto, um desafio que exige transformações e o sensibilizar de usuários e dos profissionais envolvidos no processo. A implementação das PICs na atenção básica representa a adesão de uma postura mais integral e abrangente, que vai além e considera o sujeito em sua totalidade emocional, social e cultural, adotando uma abordagem multidisciplinar.

O desejo é de que esta pesquisa possa contribuir com um novo olhar sobre a história da Ayurveda no Brasil e que possa servir para uma reflexão para novos estudos interculturais com destaque ao caráter transnacional desta ciência.

REFERÊNCIAS:

ACIOLI, **Saberes científicos e populares na Estratégia Saúde da Família na perspectiva hermenêutica-dialética**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:< <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/03/967505/objn-2016.pdf>>. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

AGNIVESA. **Sharaka Samhita, volume 01 Sutrasthana**. Índia, Bombaim, Ed. Chakpori,1972.

AGUIAR, J. **Práticas Integrativas e Complementares na atenção básica em saúde: um estudo bibliométrico da produção brasileira**. SAÚDE DEBATE, V. 43, N. 123, P. 1205-1218, Rio de Janeiro, 2019.

ALMEIDA, A.P.G. **A importância da cidade do Rio de Janeiro na formação das revistas brasileiras**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.

ALMEIDA; MARCOS. **Fluxos Culturais: arte, educação, comunicação e mídias**. São Paulo, 2017.

ALMEIDA, R.D.F. **A Concentração do Poder Comunicacional na Sociedade em Rede**. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

ALMEIDA, M.I.S. **Quem lidera a sua Opinião? Influência dos Formadores de Opinião Digitais no Engajamento**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, art. 6, pp. 115-137, janeiro/fevereiro, 2018. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2018170028>>. Acesso em 3 de abril de 2022.

ALVES, M. F. B. **O Legado e a Partilha da Índia e Paquistão**. MALALA, v. 5, n. 8, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/malala/article/download/138679/134153/269751>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

ALVES; GUARNIERI. **A Utilização da Imprensa Escrita para a Escrita da História: diálogos contemporâneos**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília: vol.1, nº 2, p. 30-53, 2007. Disponível em: <<http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/93/40>>. Acesso em: 23 maio 2021.

ANDALIA, R.C. **De La Medicina Popular a La Medicina Basada en Evidencia: Estado de la Investigación Científica en el Campo de La Medicina Tradicional**. ACIMED, V.11 n.5, Ciudad de La Habana, 2003.

ANDRADE, A.M.R. **Aconteceu, virou Manchete**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 243-264, 2001.

ARNOLD, D. **Colonizing the Body: State Medicine and Epidemic Disease in Nineteenth**. Índia, 1993.

ARRUDA; PILETTI, N. **Toda a História**. São Paulo: Ática, 2003.

BAHIA, B. J. **História da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro, 2009.

BARBEDO, G. S. **Relações Índia-Paquistão: uma análise a partir da independência sob o prisma da segurança regional**. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13569/1/21409786.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2021.

BARBOSA, M. **Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa**. Intercom, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 21-36, 2018.

BARROS, J.A. **A Nouvelle Histoire e os Annales: entre continuidades e rupturas**. Revista de História, v. 5, 1-2, Universidade Federal da Bahia, 2013. Disponível em: <http://www.revistahistoria.ufba.br/2013_1/a16.pdf>. Acesso em: 9 out. 2021.

BERGER, R. **Ayurveda Made Modern: Political Histories of Indigenous Medicine in North. Índia, 1900 - 1955**. Cambridge Imperial and Post-Colonial Studies Series, 2013.

BERGER, M. **O Culto ao Corpo**. USP, São Paulo: 2007. Disponível em: <http://mirelaberger.com.br/mirela/download/o_culto_ao_corpo.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2021.

BERGER, M. **“Felicidade é entrar num vestido, P”**. O Culto ao Corpo na Sociedade Urbana Contemporânea. USP, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43288/46911>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

BERNARDES, M.N.D. **Medicina integrativa: as percepções dos médicos atuantes na atenção básica à saúde no município de Anápolis, Goiás**. Rev. Educ. Saúde; 7(2), 2019.

BIANCHINI; POSSEBON. **Ayurveda, a ciência da vida**. CAMINHOS, v. 12, n. 1, p. 8-21, jan./jun. Goiânia, 2014.

BICALHO, M.F. **A cidade do Rio de Janeiro e o sonho de uma capital americana: da visão de D. Luís da Cunha à sede do vice-reinado (1736-1763)**. História (São Paulo) v.30, n.1, p.37-55, 2011.

BONVINI, E. **Textos orais e textura oral**. In: QUEIROZ, S. **A tradição oral**. Belo Horizonte, 2016.

BRANDÃO, M.P.A. **Ayurveda no Brasil: Trajetórias e (re) invenções**. Dissertação de Mestrado PPGAS UFSC, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135137?show=full>>. Acesso em: 9 maio. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde, **8ª Conferência Nacional de Saúde: relatório final**. Brasília, 1986. Disponível em: <www.bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final_pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão e Trabalho e Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Políticas de Formação e Desenvolvimento para o SUS: **Caminhos para a educação permanente em saúde**. Brasília, 2003. Disponível em:

<www.bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pol_formacao_desenv.pdf>. Acesso em 5 jan. 2020.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso/Ministério da Saúde**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde, **8ª Conferência Nacional de Saúde – relatório final**. Brasília, 1986. Disponível em:

www.bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf. Acesso em 15 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde, **12ª Conferência Nacional de Saúde, relatório final**. Brasília, 2004. Disponível em:

<http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/relatorio_12.pdf>. Acesso em 15 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: Plantas Medicinais e Fitoterapia na Atenção Básica**. Ministério da Saúde, Brasília, 2012. Disponível em:

<<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticasintegrativascomplementaresplantasmedicainaiscab31.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília, 2006.

BOURDÉ; MARTIN. **As escolas históricas**. Portugal, 1993. Disponível em:

<https://producoeseconhecimentos.files.wordpress.com/2015/02/bourdc3a9-martin-as-escolas-histic3b3ricas.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

CALA, M. L. P. **Tránsito del Pensamiento Lineal al Circular según Terapeutas Sistémicamente Orientados**. Facultad de Ciencias Sociales y Humanas, Universidad de Manizales, Colombia.

CALONGA, M. D. **O Jornal e suas Representações**: Objeto ou fonte da história. Comunicação & Mercado/UNIGRAN, vol. 01, n. 02, edição especial, p. 79-87, Dourados – MS, 2012.

CANT: SHARMA. **A New Medical Pluralism**: Alternative Medicine, Doctors, Patients, and the State. London: UCL Press. 1999. Disponível em:

<<https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780203024973/new-medical-pluralism-sarah-cant-ursula-sharma>>. Acesso em: 1 set. 2021.

CAPELLARI, M. A. **O Discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)**. Universidade de São Paulo, 2007.

CAPELATO, M. H. **Imprensa e História do Brasil**. Contexto/EDUSP, São Paulo, 1988.

CARLI, D.T. **O documento histórico como fonte de preservação da memória**. *ÁGORA*, Florianópolis, v. 23, n. 47, p. 183-197, 2013.

CARNEIRO, D. M. **Ayurveda: Saúde e Longevidade na Tradição Milenar da Índia**. São Paulo: Pensamento, 2009.

CARNEIRO, J.R.A. **O Uso do Jornal como Fonte de Pesquisa Histórica: Um estudo do jornal "O Tibagi"**. Cadernos PDE, Secretaria da Educação do Estado do Paraná, v 1, 2014.

CARVALHO, F. L.G. **Mídia, o 4º poder no Brasil**. Ijuí-RS: Unijuí, 2017.

CARVALHO, **O olhar etnográfico e a voz subalterna**. Ijuí-RS: Unijuí, 2001.

CHARROUX, R. **História Desconhecida dos Homens: desde há cem mil anos**. 7. ed. São Paulo: DIFEL, 1976.

CHIAVELLI NETO, A. **O que é História global?** Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019.

CHIORO, A. **A implantação do Sistema Único de Saúde**. Disponível em: <http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/Material3_ChioroA.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

CHOPRA, D. **Você tem Fome de que?** São Paulo: Alaúde, 2014.

COSTA, J. B; GUEDES, G. R. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

COSTELLA, A. F. **Comunicação-Do Grito ao Satélite: História dos Meios de Comunicação**. Rio de Janeiro: Mantiqueira, 2002.

COTTA, K.V. **Voltar à antiguidade?** a visão holística do homem, sua perda, sua retomada. *Sofia, Vitória (ES)*, v.8, n.2, p. 31-65, jul./dez. 2019.

CREMA, R. **Introdução à Visão Holística**. São Paulo: Summus, 1988.

CRUZ; PEIXOTO. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. *In: Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 1- 411, dez. 2007.

DAVIS, M. **Holocaustos coloniais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DE LUCA, M.; BARROS, L. **Ayurveda: Cultura de Bem-Viver**. São Paulo: Cultura, 2007.

DEVEZA, A. C. R. S. **Ayurveda – A medicina clássica indiana: Ayurveda, the classical indian medicine**. *Rev Med (São Paulo)*. 2013 jul.-set.,92 (3):156-65.

DUTT, C. R. **History of India**. Columbia University, The Grolier Society, Londres, Volume 01, 1990.

FAGUNDES, A. S. **A Meditação Transcendental de Maharish Mahesh Yogi (1928-2008): um caminho de realização espiritual**. Juiz de Fora, 2019.

FERRÃO, José Eduardo Mendes. **As aventuras das plantas e os descobrimentos portugueses**. 3 ed. Lisboa: Fundação Berard: Chaves Ferreira: IICT, 2005. 287p.

FERREIRA; GNERRE; POSSEBON; GULMINI, 2002. **Antologia védica**. Edição bilíngue: sânscrito e português. João Pessoa: Libellus, 2016.

FEIL, G. S. **Comunicação: condição ou impossibilidade humana?** Galaxia (São Paulo, Online), n. 26, p. 48-59, dez. 2013.

FEITOSA, L. D. **Linguagem do pensamento e pensamento na linguagem: o ato de significação em Merleau-Ponty**. Psicólogo in Formação, ano 11, n. 11, jan./dez. 2007.

FIOCRUZ. XXVII Congresso Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/omsambiental/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=496&inford=144&sid=13>. Acesso em: 21 mar. 2020.

FIOCRUZ, 2018. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/a-declaracao-de-alma-ata-se-revestiu-de-uma-grande-relevancia-em-varios>. Acessado em: 20 jul. 2021.

FIOCRUZ, Número temático sobre **Práticas Integrativas e Complementares (PIC's) para a saúde**. **Revista Fitos**. Rio de Janeiro. 2020; 14(3): 305-307 | e-ISSN: 2446-4775 | www.revistafitos.far.fiocruz.br | CC-BY 4.0. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/1099/744>. Acessado em: 21 jan. 2020.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7. ed., 2011.

FOUCAULT, M. **Os intelectuais e o poder**. In. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4. ed. 1984. (Biblioteca de filosofia e história das ciências; v. nº 7).

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FRANK, A. G. **ReOrient: global economy in the Asian Age**. Berkeley: University of California Press, 1998.

FREIDIN; BALLESTEROS. **La difusión transnacional de medicinas alternativas: la presencia del Ayurveda en la prensa argentina**. Papeles de Trabajo, Año 6, n. 10, nov. 2012, p. 128-159.

FRIAS, H. M. **História e Religião na antiga Índia**: Base indo-europeia e cristianização. *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, Ano II, 2003, n. 3/4 – 179-188.

GALTUNG, J. **O Caminho é a Meta: Gandhi hoje**. São Paulo: Pala Athenas. 2003.

GIOVANNINI, G. **A Evolução na Comunicação**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

GOFF, J. L. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão, Coleção Repertórios. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

GOONATILAKE, Susantha. **Toward a Global Science: Mining Civilizational Knowledge**. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

GOVERNO DA ÍNDIA. Vídeo disponível em: <https://www.nhp.gov.in/origin-of-ayurveda_mtl>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GREENHALGH, R. D. **Repressão e resistência: a grande imprensa em Brasília durante a Ditadura Militar (1964-1985)**. Universidade de Brasília, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11090/17897>> Acesso em: 7 nov. 2021.

HALL, S. **Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite**. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, p. 101-131. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARRISON, M. **Uma perspectiva global: reformulando a história da saúde, medicina e doença**. *Boletim de História da Medicina*, Volume 89, Número 4, Inverno 2015, pp.639-689.

ICOMOS BRASIL. **Conselho Internacional de Monumentos e Sítios**. Declaração do México, 1985.

JARDIM, S.T. **Breve histórico da imprensa no Brasil**: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado. Brasília, 2014.

KARNAL; TATSCH. **Documento e história: A memória evanescente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 9-28.

KORNIS. G.E.M. **Transformações recentes da indústria farmacêutica: um exame da experiência mundial e brasileira no século XXI**. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physics/a/Zbvkh3TfKzqZbzb8PDS3Bkx/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 9 ago. 2021.

KRENISKI, G. C. P. **O Jornal como Fonte Histórica: a representação e o imaginário sobre o “vagabundo” na imprensa brasileira (1989-1991)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

KRISHNAMURTI, J. **Sobre a Mente e o Pensamento**. São Paulo: Cultrix, 1993.

KUPFER, P. **A História do Yôga**. Rio de Janeiro: Dharma, 1966.

- LAD, V. A **Ciência da Autocura**. Um guia prático. São Paulo: Ground, 2012.
- LANGFORD, J. M. **Ayurvedic Interiors: Person, Space, and Episteme in Three Medical Practices**. Cultural Anthropology, 1995.
- LESLIE, C. **The Ambiguities of Medical Revivalism in Modern India**. In: **Asian Medical Systems: A Comparative Study**. Charles Leslie. Motilal Banarsidass, Delhi. pp. 356- 367, 1977.
- LE GOFF, J. 1924. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).
- LIMA, R. C. M. **O poder da comunicação e a intertextualidade**. São Paulo: FGV-EAESP, 2002.
- LIMA, R. C. M. **O Poder da Comunicação**. São Paulo: FGV-EAESP, 2002.
- LOWANDE, W. F. F. **A História Transnacional e a Superação da Metanarrativa da Modernização**. Revista de Teoria da História, Universidade Federal de Goiás, 2018.
- LOURENÇO, N. **Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local**. Mulemba Revista Angolana de Ciências Sociais, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/mulemba/203>>. Acesso em: 9 dez. 2021.
- LUCA, T. R. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUZ, M. T. **Cultura contemporânea e medicinas alternativas; novo paradigma em saúde no fim do século XX**. Pysish: Revista de Saúde Coletiva, v. 15 (Suplemento), p. 145-176, 2005.
- MACHADO, M. W. **Globalização e blocos econômicos**. São Paulo: Fronteiras, 2019.
- MACHADO, D. Q; SOUSA, M.C. **A dama de ferro: o estilo de liderança da primeira premiê do Reino Unido**. VI Encontro de Programas de Educação Tutorial. Encontros Universitários da UFC, Fortaleza, v. 4, 2019.
- MAGNANI, J. G. C. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MAGNOLI, D. S. J. C. **Comércio exterior e negociações internacionais: teoria e prática**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- MAIA, F. J. F; FARIAS, M. H. V. F. **Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América**. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 21, n. 3, p. 577-596, jul./set. 2020.
- MALLORY; ADAMS. **Indo-Iranian Languages (Línguas indo-iranianas)**. Enciclopédia da Cultura Indo-europeia, Fitzroy Dearborn, 1997.

MALLMANN; ROCHA. **Práticas (não) hegemônicas em saúde:** uma análise a partir dos Estudos Culturais. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 38, n. 1, p. 51-62, jan./jun. 2017.

MALUF, S. W. **Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era.** Ilha. Revista de Antropologia (Florianópolis), 2007, v. 7, p. 147-161.

MARCILIO, D. **O Historiador e o Jornalista:** A História imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística. Aedos n. 12 vol. 5 - Jan/Jul 2013.

MARCONDES, **Mahatma Gandhi e seu diálogo inter-religioso com o cristianismo na busca pela Verdade.** Petrópolis: Vozes, 2012.

MARQUES DE MELO, J. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MCINTYRE, A. **A Bíblia do Ayurveda.** São Paulo: Pensamento, 2012.

MELLO; GUERREIRO. **Da desodediência civil à independência da Índia: Uma breve análise do percurso político de Gandhi, 2013.** Disponível em:<
<https://www.ibirapuera.br/seer/index.php/rev/article/view/24>>. Acesso em: 1 set. 2021.

MENEGUZZI. P. **Massagem Ayurvédica Abhyanga na Melhora da Qualidade de Vida, Dor e Depressão em Portadores de Fibromialgia.** OmniPax Editora Rev Bras Terap e Saúde, 1(2):65-74, 2011.

MENEZES, B. S. **Testado pelo tempo: Pós-colonialismo e a promoção do Ayurveda “puro” em uma clínica em Kerala, Índia.** Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

MILLER, E. M. **The evolution of Australoid and Amerindian intelligence.** Wikipedia, The Free Encyclopedia, 2020. Disponível em:<
<https://fr.wikipedia.org/wiki/Australo%C3%AFde>>. Acesso em: 20 maio. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Secretaria de Atenção à Saúde, 2006.** Disponível em:<
<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **SUS, princípios e conquistas, 2000.** Disponível em:<
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_principios.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares PMNPC.** Brasília, 2005. Disponível em:<
<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ResumoExecutivoMedNatPratComp11402052.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares PMNPC.** Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria n. 849, de 27 de março de 2017. Disponível em:<
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html>. Acesso em: 2 jan. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Plantas medicinais e Fitoterapia na Atenção Básica.** Brasília, 2012. Disponível em:

<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2020.

MIRANDA, G. L. **A história da evolução da mídia no Brasil e no mundo.** Brasília, 2007.

MONIER-WILLIAMS, M. **A Sanskrit-English dictionary.** Oxford: Clarendon Press, 1979.

MONTEIRO, L. **A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações.** Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande /MS, 2001.

MOTA; SCHRAIBER; SILVA. **O conceito de saúde na Saúde Coletiva: contribuições a partir da crítica social e histórica da produção científica.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 29(1), e290102, 2019.

NERY, D. R. **O Ayurveda na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC): análise do material didático do Sistema Único de Saúde (SUS).** Fundação Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, 2019.

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA; VELLOSO; LINS. **O moderno em revista: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930.** Rio de Janeiro: 2010.

OMS. **Legal status of traditional medicine and complementary/alternative medicine: a worldwide review.** Disponível em:

<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42452/WHO_EDM_TRM_2001.2_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Geneva: World Health Organization, 2001. Acesso em: 27 dez. 2019.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PANDEY, B. **Ayurveda The boon for World.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

PAVEZI, N. **Arquivo fotográfico: uma faceta do patrimônio cultural da UFSM.** Santa Maria, 2010.

PAIM; NAOMAR. **Saúde coletiva: uma “nova saúde pública” o campo aberto a novos paradigmas?** Rev. Saúde Pública, 32 (4): 299-316, 1998.

PAIVA, C. H. A. **Reforma sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde: notas sobre contextos e autores.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.21, n.1, jan.-mar. 2014, p.15-35.

PEIXOTO, F. **Os anos 80, o Novo Jornalista e a Imprensa no Brasil.** São Paulo, UNESP, 1998.

PIGOZZO, D. **Problemas do discurso de Deepak Chopra: uma análise metalinguística de a cura quântica**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 38, n. 3, p. 1589-1618, dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/76854/47905>>. Acesso em: 1 dez. 2021.

PILGER, C. **Descrivendo a experiência de uma liga acadêmica de práticas integrativas e complementares**. Universidade Federal de Goiás, 2016.

PINHEIRO, R. **Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde**. IMS/UERJ - CEPESC - ABRASCO, 2007. 228p.

PINTO, P. A. P. **China e Índia: emergência e impacto cultural**. Rev. Bras. Polít. Int. 50 (1): 86-101, 2007.

REVISTA Observatório, Palmas, v. 2, n. Especial 1, p.18-27, maio. 2016.

REZENDE, R. **Ayurveda**. Super Interessante, São Paulo, 31 de junho de 2004. Seção saúde. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/ayurveda/>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

RIELLO; ROY. **How India Clothed the World: the world of south Asian textiles, 1500-1850**. Global Economic History Series, v. 4. Leiden/Boston: Brill, 2009.

ROCHA, A. M. **Estudo Comparado dos Textos Clássicos do Ayurveda**. Tese de Doutorado. UFRJ, 2009.

RODRIGUES, L. S. I. **Uso de plantas medicinais por adultos diabéticos e/ou hipertensos de uma unidade básica de saúde do município de Caucaia-CE, Brasil**. Revista Fitos. Rio de Janeiro. 2020.

ROHDEN, F. **Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento**. Gênero e Sexualidade, Saberes e Intervenções, 2017.

ROLLEMBERG, M. **O Rio de Janeiro como capital do jornalismo brasileiro**. Matrizes Ano 2, n. 1, segundo semestre de 2008.

ROSA, C. A. P. **História da ciência: a Ciência Moderna**. 2012. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/1020-Historia da Ciencia - Vol.II Tomo I - A Ciencia Moderna.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1020-Historia_da_Ciencia_-_Vol.II_Tomo_I_-_A_Ciencia_Moderna.pdf)>. Acesso em: 1 abr. 2021.

RUBLECKI, A. **A crise de identidade dos jornais impressos**. Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

RUELA, L. O. **Implementação, acesso e uso das práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde: revisão da literatura**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/DQgMHT3WqyFkYNX4rRzX74J/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 1 dez. 2021.

SAKS, M. **Complementary and Alternative Medicine**. London: Continuum, 2003.

SALLOUM JR., J. **Da Verticalização à Circularidade: Um Estudo sobre o Jornalismo Holístico**. UnicenP, Curitiba, 2002.

SANTOS, S. J. **Índia Pós-colonial: discursos hegemônicos e apagamento da diversidade**. São Paulo, UNESP, 2019.

SATO, S. S. K; SOUZA, M. C. **Ayurveda: uma viagem histórica**. Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh9/SH/trabalhos%20orais%20completos/AYURVEDA-UMA-VIAGEM-HISTORICA.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

SAHNI, V. **Índia: apesar de suas limitações, uma potência emergente**. Revista Nueva Sociedad, setembro, 2013. Disponível em: <<https://nuso.org/articulo/india-apesar-de-suas-limitacoes-uma-potencia-emergente/>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

SANTOS, M. E. **Ciência como cultura: paradigmas e implicações epistemológicas na educação científica escolar**. 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/qn/a/yXdbXyLqVhWLz9P4nwjdGGL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 maio 2020.

SANTOS, B. S; MENESES, M. P. G; NUNES, J. A. **Conhecimento e transformação social: por uma ecologia de saberes**. Hiléia, Revista de Direito Ambiental da Amazônia, n. 6, jan-jun. 2006. Disponível em: <<https://www.corteidh.or.cr/tablas/r27234.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2021.

SCHOLTE, J. A. **Globalization and Governance: From Statism to Polycentrism**. Warwick University/ESRC Centre for the Study of Globalisation and Regionalisation Working Papers, n. 130/04, February 2004.

SCHOLTE, J. A. **What Is Globalization?** The Definitional Issue – Again. Warwick University/ESRC Centre for the Study of Globalisation and Regionalisation Working Papers, n. 109/02, December 2002.

SCHVEITZER, M.C. **Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária em Saúde: em busca da humanização do cuidado**. 2012. Disponível em:

<https://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/artigos/mundo_sau.de/praticas_integrativas_complementares_atencao_primaria.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

SECRETARIA DE SAÚDE DE GOIÁS sobre o **Hospital de Medicina Alternativa (HMA)**. 2019. Disponível em: <<https://www.goias.gov.br/servico/119983-hospital-de-terapias-alternativas-de-goias-e-referencia-nacional-do-sus.html>>. Acesso em: 1 dez. 2021.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. **A Semana Ilustrada História de uma inovação editorial, 2007**. Disponível em:

<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101427/memoria19.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2021.

SGUAREZI; MARIA. **Dois mundos de uma só medicina**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

SHARMA, P. V. **Ayurveda Drshan (Philosophy of Ayurveda)**, Sanskrit-English, Chaukhamba Orientalia, Delhi, 2006.

SHINN, T. **Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento**. Scient, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ss/a/SdNgtK9kS3nD5BW7vm3Nyfm/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: 9 set. 2021.

SHRADDHA. **A grandeza da tradição rishi da Índia**. Revista Cultura, São Paulo, v. 8, n. 2, 2016, p. 2.

SIEGELL; BARROS. **Origens, influências e aplicações das medicinas asiáticas no mundo globalizado**. Disponível em:<

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000200018>.

Acesso em: 9 maio. 2020.

SILVA; SCHRAIBER; MOTA. **O conceito de saúde na Saúde Coletiva: contribuições a partir da crítica social e histórica da produção científica**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 29 (1), e290102, 2019.

SILVA, A. B. O. **O Conhecimento de História da Língua na Formação dos Professores de Língua Portuguesa**. Brasília, 2015.

SIMÕES, A. **A proteção social na Nova Ordem Econômica Mundial**. Revista Sociedade e Estado – Volume 34, Número 2, Maio/Agosto 2019. Disponível em:<

<https://www.scielo.br/j/se/a/TyptnBrwmZGM7tmZS9PnyfG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso

em: 3 out. 2021.

SOUTO, L. R. F. **Movimento da Reforma Sanitária Brasileira: um projeto civilizatório de globalização alternativa e construção de um pensamento pós-abissal**. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 40, n. 108, p. 204-218, jan-mar 2016.

APANENBERG, A. C. M. **Revista Observatório**, Palmas, v. 2, n. Especial 1, p.230-250, maio de 2016.

STRENSKI, I. **Max Müller, a Ciência da Religião Comparada e a busca por outras “bíblis” na Índia**. REVER. São Paulo, v. 20, n. 3, set/dez 2020. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/rever/article/viewFile/51901/33958>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2021.

TAVARES; SCHWAAB. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre, 2013.

TEIXEIRA, H. **Holismo e Medicina**. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais Disponível em:< <https://www.uninet.edu/cin2001/html/conf/teixeira/teixeira.html>>. Acesso

em: 2 mar. 2021.

TEIXEIRA, E. **Reflexões sobre o paradigma holístico e holismo e saúde**. Rev. Esc. Enf. USP, v.30, n.2, p. 286-90, ago. 1996.

TESSER, C. D. **Racionalidades médicas e integralidade**. Ciência & Saúde Coletiva, 13(1):195-206, 2008.

TYRRELL, I. **What is transnational history?** 2007. Disponível em: <<https://iantyrrell.wordpress.com/what-is-transnational-history/>>. Acesso em: 1 dez. 2021.

JOUTARD, P. **Reconciliar história e memória. Escritos:** Revista da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, ano 1, n. 1, p. 223-235, 2007. p. 234.

UNESCO DOC, BRION, M. **El Correo: La Ciudad de los muertos: enigmas de Mohenjo Daro,** 1965. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000060488_spa>. Acesso em: 20 maio. 2020.

WESTON, J. **Old freedoms, and new technologies: the evolution of community networking.** The Information Society, 1997.

WEINSTEIN, B. **Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional.** Revista eletrônica da ANPHILAC, n. 14, p. 9-36, Janeiro/Junho 2013.

WUJASTYK, S, F, D. **Modern and Global Ayurveda,** 2008.

UNZER, E. **História da Ásia.** Columbia & San Bernadino, EUA, 2019.

VARIER, M. R. **A Brief History of Āyurveda.** Editora: OUP India, 2020.

VELOSSO, A. F. **Medicinas alternativas e holísticas e a política nacional de práticas integrativas e complementares em saúde: desafios da atualidade.** Rev bras med fam comunidade. Florianópolis, 2012 Jun; 7 Supl1: 5.

VERA; FUCHS. **Transnacional na história da educação.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 47, e470100301, 2021.

ZYSK, K. G. **New Age Ayurveda.** 2001. Disponível em: <https://www.google.com/books/edition/_/BAFndFpP4oUC?hl=en&gbpv=1>. Acesso em: 1 set. 2021.

ZYSK, K. G. **Asceticism and Healing in Ancient India.** 1998. Disponível em: <https://www.google.com/books/edition/_/BAFndFpP4oUC?hl=en&gbpv=1>. Acesso em: 1 set. 2021.